

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



**PROCESSOS MIGRATÓRIOS E FORMAÇÃO:
APRENDIZAGENS EXPERIENCIAIS DAS MULHERES BRASILEIRAS
EM PORTUGAL**

Ana Cristina Guimarães Duarte

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**Área de Especialidade em Formação de Adultos
Dissertação orientada pela Professora Doutora Natália Alves**

2019

Dedico este trabalho a todas as mulheres que ousam mudar: insatisfeitas com o presente, perspetivam transformar o futuro.

RESUMO

Aprender é a força motriz do desenvolvimento humano e ao mesmo tempo, o maior desafio com o qual nos deparamos nas rotinas de nossas vidas. Muitos elementos e fatores externos e internos, se articulam na elaboração de nossas aprendizagens mas a base do que aprendemos, vem das situações pelas quais passamos e pelas experiências que nos instigam a construir novos conhecimentos.

O processo migratório é um episódio intenso na história de vida de uma pessoa, pois traz inúmeros desafios, uma urgência em aprender coisas novas e a necessidade de entender como será a integração num novo mundo. A mulher carrega um quadro de referências culturais desenvolvido a partir do simbolismo do que é ser mulher em sua sociedade de origem, e por isso, percebe as experiências de maneira particularizada, quando inserida em outra sociedade.

A maneira como processam suas experiências, as transformam em aprendizagem e constroem uma nova base de conhecimentos e referências simbólicas, precisa ser compreendida de forma individualizada, considerando suas identidades, histórias de vida e os mundos-vida em que interagem. A metodologia privilegiou a abordagem biográfica a qual permitiu conhecer os percursos migratórios de cada uma das seis brasileiras entrevistadas, identificando algumas aprendizagens realizadas ao longo de suas trajetórias de integração em Portugal.

Para estruturar a análise das aprendizagens migratórias narradas, foi utilizado o Diagrama de Transformação da Pessoa pela Aprendizagem, de Peter Jarvis, de forma a conhecer o que as mulheres brasileiras aprenderam com suas experiências migratórias em Portugal.

Palavras-chave: formação de adultos; formação experiencial; ; migração e formação; mulheres brasileiras imigrantes.

ABSTRACT

Learning is the driving force of human development and at the same time, the greatest challenge we face in the routines of our lives. Many external and internal factors are articulated in the elaboration of our learning, but the basis of what we learn comes from the situations through which we pass and the experiences that instigate us to build new knowledge.

The migratory process is an intense episode in a person's life story. It brings countless challenges, an urgency to learn new things and the need to understand what it will be like to integrate into this new world. A woman carries a framework of cultural references developed in her origin society, where she learns what is the women role and therefore perceives the experiences in a particularized way when inserted in another culture.

The way they process their experiences, transform them into learning and construct a new framework of symbolic knowledge, needs to be understood as an individualized trajectory, considering their identities, life stories and the life-worlds in which they interact. The methodology favoured the biographic approach. That allowed to know the migratory pathways of each of the six interviewed Brazilians, identifying some learnings performed along their trajectories of integration in Portugal.

In this research, Peter Jarvis' Diagram of Transformation of the Person through Learning was used to structure the narrative analysis of the migratory learning outcomes of Brazilian women and their migratory experiences in Portugal.

Keywords: adult education; experiential learning; learning process; migration and learning; migratory processes; Brazilian immigrant women; migration in Portugal.

AGRADECIMENTOS

“Deixem-me fazer uma confissão: vim parar às coisas da Educação por acaso. Mas, nesse dia, voltei-me para mim, procurei perguntas e respostas, e aprendi a habitar este lugar. Ouvi as palavras de Ricardo Reis: ‘Põe quanto és no mínimo que fazes’ . Talvez não seja muito importante o que a vida faz connosco; importante, sim, é o que cada um de nós faz com a vida. E não hesito em dizer-vos que a certeza é a distância mais curta para a ignorância. É preciso ter dúvidas.”

Carta a um jovem investigador em Educação, 2015.

António Nóvoa.

Primeiramente, a mim mesma, por nunca ter desistido, por sempre ter acreditado em mim e nos outros, e no potencial que a educação tem de transformar vidas e o mundo. Depois, ao meu pai, que sempre incentivou-me a estudar, conhecer coisas e ser curiosa; à minha mãe, que ensinou-me a interagir com as pessoas e também, que a *organização* é fundamental para se estruturar uma vida produtiva (e para gerenciar as referências bibliográficas).

Ao meu marido, pela coragem de estar ao lado de uma mulher empoderada, que o instiga a sair de sua zona de conforto, e querer mais.

À Natália Alves, minha orientadora muito querida, pela liberdade no pensar, sugerir e questionar. Pelo ombro amigo, nos momentos difíceis sem, no entanto, deixar de lado o direcionamento necessário nos meus momentos de incerteza e nos de oportunidades de melhoria.

À Professora Paula Guimarães, pelo acolhimento caloroso das minhas ideias e jeitos um tanto diferentes de ser e ver a vida; demonstrando sempre, respeito e valorização por essas diferenças. Sem vocês duas, *anjos da guarda*, tudo teria sido muito mais difícil e menos prazeroso do que foi, gratidão!

Às corajosas mulheres brasileiras que participaram deste estudo, pela generosidade em me contar suas histórias e partilhar comigo suas intimidades, fragilidades e dúvidas; sem elas, este estudo não existiria e nem teria sentido.

ÍNDICE

Resumo	4
Abstract	5
Agradecimentos	6
Introdução	8
Capítulo I	13
Migração: experiências e aprendizagens peculiares em uma biografia	
1.1. Movimentos migratórios no mundo e feminização da migração	13
1.2. Migração como episódio biográfico disruptivo	17
Capítulo II	20
A aprendizagem resultante das experiências e a formação do indivíduo	
2.1. Peter Jarvis e a sua teoria da aprendizagem por via da experiência	31
2.2. O Diagrama da Transformação da Pessoa pela Aprendizagem	39
Capítulo III	50
Opções Metodológicas	
3.1. Problemática do estudo	50
3.2. Dilemas da investigação	53
3.3. Enquadramento metodológico	54
3.3.1. A investigação qualitativa de abordagem biográfica	54
3.3.2. Técnica de recolha de dados	58
3.3.3. Procedimento de recolha de dados	62
3.4. Técnicas de análise do conteúdo	66
3.4.1. Procedimento de categorização	68
3.5. Questões de ordem ética	72
Capítulo IV - Apresentação dos dados	74
4.1. Retrato sociográfico das entrevistadas	78
4.2. Considerações iniciais sobre o conteúdo	88
4.3. Experiências migratórias das Brasileiras em Portugal e o Diagrama da Transformação da Pessoa pela Aprendizagem	
4.3.1. Experiências migratórias no eixo das transformações identitárias	92
4.3.2. Experiências migratórias no eixo das aprendizagens	112
Conclusão	124
Esquema das aprendizagens a partir das experiências migratórias, baseado no Diagrama da Transformação da Pessoa pela Aprendizagem de Peter Jarvis	128
Bibliografia	133
Anexos	135

INTRODUÇÃO

Esta investigação, produto final do ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Educação, na área de especialidade em Formação de Adultos, se propôs a conhecer as aprendizagens realizadas por mulheres brasileiras, a partir das suas experiências migratórias em Portugal. Esta escolha temática não foi aleatória. Decorreu da minha própria experiência migratória, como cidadã luso-brasileira, imigrada do Brasil para Portugal em 2016. No intuito de realizar um sonho de estudar no exterior, eu, com 41 anos, meu marido com 40, duas felinas e uma vida em quatro malas, partimos para Lisboa, com muita coragem para um recomeço.

Apesar do exaustivo planeamento, organização e contatos com outros imigrantes já instalados em Portugal (incluindo meu irmão e cunhada), quase tudo fugiu ao esperado. Muitos desafios que não imaginávamos encontrar, situações complexas e muitos fatos divergentes de nossas expectativas, nos obrigaram a aprender e replanear praticamente tudo.

Quando chegamos, cada dia era um dia nebuloso (literalmente) e desconhecido; desde o clima, pois chegamos aqui quase no inverno, vindos de um Rio de Janeiro com 40º graus celsius, ao entendimento da língua nas conversas com os locais, apesar da língua ser a mesma e de eu ter familiares portugueses.

A complexidade do processo de integração foi aumentando, na proporção inversa ao tempo de residência em Lisboa, o que também não era esperado. Quanto mais interações com o meio e com as pessoas, mais dúvidas e desafios surgiam.

Ao nos movermos para outro mundo, e tendo de nos adaptar a uma nova cultura, nos deparamos com muitas dúvidas e medos próprios da pessoa que precisa se transformar, somos obrigados a refletir sobre quem fomos, o que fizemos, e sobre o quanto do que trazemos será aplicável ao novo mundo que se descortina.

Podemos perceber que os papéis antes representados na sociedade de origem, já não se encaixam ou perderam o seu valor nesse novo espaço. Nós, mulheres migrantes, nos deparamos com o primeiro grande desafio, que é entender a imagem que a mulher brasileira possui na sociedade portuguesa. O que se espera de nós e o que conseguiremos ser? Refletiremos sobre nossas capacidades e seremos confrontadas por expectativas de submissão e subserviência a alguns valores e expectativas não-condizentes com os nossos. Precisaremos aprender tudo o que todos os imigrantes precisam e, para além disso, construir uma nova

identidade de mulher brasileira em Portugal. Para as que possuem cidadania dupla, o dilema é maior: sou brasileira, sou portuguesa, sou os dois, ou sou apenas imigrante?

Ainda que os desafios sejam complexos para as mulheres que migram e, talvez maiores para as migrantes solitárias, é extremamente curioso observar que mais mulheres seguem o caminho da migração e, mais interessante ainda, é podermos observar (e em meu caso experimentar) como nossas aprendizagens nesse percurso, podem ser transformadoras.

Nossos objetivos migratórios podem ser variados: por estudo, por trabalho, por independência financeira, por libertação religiosa, para fugir de situações de opressão. Na nova vida, novos comportamentos poderão ser rapidamente incorporados: podemos mudar de nome, de roupa, de cabelo, de gostos, de hábitos, experimentar atividades novas, ter novas profissões, conduzir, escolher nossos companheiros ou companheiras, ter ou não filhos, experimentar novas sexualidades e uma infinidade de experiências. O que parece inegável é o papel transformador que a migração exerce na vida de milhões de mulheres pelo mundo, seja de forma positiva ou negativa.

Temos um mundo de possibilidades, literalmente um mundo. A globalização, para o bem e para o mal, abriu uma imensa janela de oportunidades, meios e ferramentas, para que possamos desbravar caminhos e ampliar nossas escolhas. Conexões digitais nos aproximam do que antes era inimaginável se aceder; ao toque de nossos dedos, o mundo se descortina pela internet, tudo está ali, pronto para ser sorvido. Nosso mundo-vida pode ser extrapolado e amplificado, o que não se pode, é ficar parado; imutabilidade é sinônimo de “morte”.

Há um cardápio variado de experiências disponíveis; podemos vagar pelo mundo virtual e pelo físico, a geografia não nos limita mais, o mundo vasto, cabe agora em um ecrã de telemóvel. São tantas opções a escolher que, nossas casas, cidades e até países, ficaram pequenos para nós. O que mais há, lá fora, para se viver? A fluidez da modernidade também passa pela desvinculação de nossas histórias do mundo-vida em que nascemos, e a pronta disponibilidade para nos movermos para novos espaços:

Fixar-se ao solo não é tão importante se o solo pode ser alcançado e abandonado à vontade, imediatamente ou em pouquíssimo tempo. Por outro lado, fixar-se muito fortemente, sobrecarregando os laços com compromissos mutuamente vinculantes, pode ser positivamente prejudicial, dadas as novas oportunidades que surgem em outros lugares (Bauman, 2001, p. 21).

Somos navegantes da pós-modernidade. Com essa imensa porta aberta para o mundo, muitos têm escolhido a migração como uma oportunidade para incrementar sua bagagem pessoal, seja em busca de trabalho, reencontrar familiares, estudar, experimentar outras culturas ou fugir de situações de crise. Nunca antes na história da humanidade, tantas pessoas estiveram

em movimento, como na atualidade. De acordo com a Organização Interacional para as Migrações (IOM, 2108, p.1), somente no ano de 2015, cerca de 244 milhões de pessoas se enquadravam nas estatísticas como migrantes internacionais, muito mais pessoas do que as 173 milhões, nos anos 2000, e 102 milhões de migrantes na década de 1980. Desse total atual, no ano de 2015, a representatividade das mulheres nas migrações internacionais é inegável: 48% do estoque global de migrantes internacionais, percentual variável conforme o continente.

Os movimentos migratórios oportunizam vidas diferentes em novas paragens mas, em contrapartida, também se apresentam como a grande problemática deste mundo pós-moderno. Algumas sociedades Europeias, por exemplo, vêm sendo fortemente impactadas por expressivas vagas de refugiados, imigrantes (legais ou não) e emigrantes, que trazem (ou levam) em suas bagagens, um mundo de diferenças culturais, mas também, de conhecimentos.

Os migrantes carregam muito mais do que bagagens, carimbos e vistos nos passaportes. Para os imigrantes, viver situações que estão fora dos seus hábitos e *habitus*, instigam a produção acelerada de novos saberes e a reconstrução de seu repertório, dos mais simples aos mais complexos conhecimentos, em busca da integração na sociedade que os acolhe.

Para os nativos da sociedade de acolhimento, talvez seja necessário um esforço diferente visto que, normalmente, não ansiavam por essa experiência, entretanto, as experiências dos imigrantes e dos nacionais em face à migração podem ser enriquecedoras ou frustrantes, mas para os imigrantes, sempre são transformadoras pois, como refere Morrice (2014, p. 150), “para os migrantes, a disjunção entre passado e presente, o velho espaço social e novo, envolve repensar o eu, a identidade e possibilidades de ser, em todos os domínios da vida.”

Em situações migratórias, o processo de transformação pessoal acaba por se potencializar, na medida em que trazemos nosso quadro referencial, mas nos é exigido acelerar o passo, para nos adaptarmos rapidamente a um novo mundo-vida que bate à nossa porta. Aprender, aprender e aprender. Não há escapatória para novas aprendizagens quando precisamos desconstruir parte do que sabemos. Desta construção de um novo repertório de conhecimentos, adaptados ao novo mundo-vida, participarão outros indivíduos, em ambientes diferentes e em situações variadas. Esta interação e a forma como ela atua na formação do indivíduo, é a base de interesse desta investigação.

Para a apresentação deste estudo e seus resultados, propôs-se organizar o texto em cinco capítulos: um primeiro, em que se buscou apresentar o contexto das mutações sociais da atualidade, um panorama das migrações em um mundo pós-moderno fortemente impactado pelos movimentos migratórios, bem como o processo de feminização destes movimentos e a relação intensa e complexa entre as migrações e a formação dos indivíduos migrantes.

No segundo capítulo, evidenciou-se o suporte teórico desta investigação, no tocante ao

entendimento sobre como se opera a formação dos indivíduos através de suas experiências pessoais e a influência dos fatores externos sobre as aprendizagens realizadas, predominantemente sociais e culturais. No mesmo capítulo, detalhou-se a teoria holística da aprendizagem humana de Peter Jarvis (2009, 2012, 2013, 2015) e o seu modelo de aprendizagem, nomeado como *Diagrama de transformação da pessoa pela aprendizagem* (2015), base da estrutura de análise deste estudo. Justificou-se também, a motivação para o uso desta perspectiva teórica de Peter Jarvis, para se encontrar a resposta à questão orientadora deste estudo: “*O que aprenderam as mulheres Brasileiras em Portugal, com suas experiências migratórias?*”

No terceiro capítulo, explicitou-se o processo metodológico empregado, com o detalhando da estratégia para que se conhecesse as especificidades da trajetória de cada mulher participante deste estudo e por meio de suas histórias, obter informações que suportassem a análise de seus constructos e à percepção sobre como essas aprendizagens transformaram suas identidades.

Para o desenvolvimento desta investigação, buscou-se explorar as experiências migratórias e as aprendizagens narradas por 6 (seis) mulheres brasileiras imigrantes em Portugal.

Estes dados foram obtidos por meio da realização de entrevistas semi-diretivas de abordagem biográfica, que gravitaram sobre temas subjacentes à questão orientadora, a saber: *Que aprendizagens realizaram?; Como ocorreram estas aprendizagens? e Que transformações identitárias ocorreram nessas mulheres, a partir destas aprendizagens?*

Para se operacionalizar a investigação, estas temáticas foram distribuídas em dois eixos temáticos para análise: *processo migratório e aprendizagens experienciais e transformações identitárias*.

Na sequência do texto, no capítulo quatro, deu-se a apresentação dos dados obtidos com as entrevistas e a análise dos mesmos. A fertilidade das entrevistas suscitou a escolha de um processo de categorização que permitisse estruturar a análise do conteúdo de maneira produtiva. Para isso, foi utilizado o *Diagrama de Transformação da Pessoa através da Aprendizagem*, de Peter Jarvis (2015), tanto para subsidiar a categorização, tanto para direcionar o processo de análise, quanto para a organizar a apresentação dos dados.

Foram selecionadas duas aprendizagens para a análise em profundidade apresentada neste capítulo, escolhas estas considerando-se cada eixo temático da investigação e um critério de recorrência nas entrevistas. No eixo das *transformações identitárias*, decidiu-se por conhecer o processo de *empoderamento/autonomização* das participantes e no eixo do *processo migratório e aprendizagens experienciais*, a aprendizagem selecionada foi sobre o processo de *inserção/desqualificação profissional*.

Ainda neste capítulo quarto, as fases de elaboração destas aprendizagens foram

escrutinadas de acordo com as etapas propostas pelo Diagrama de Peter Jarvis, permitindo a compreensão do percurso individual de cada entrevistada e a comparação entre os percursos e as próprias aprendizagens realizadas, se utilizando de excertos relevantes das entrevistas que ilustravam momentos correspondentes a cada etapa de elaboração das aprendizagens, conforme o Diagrama utilizado.

No capítulo cinco, foram apresentadas as conclusões da investigadora sobre o material analisado e identificado, buscando resposta à questão orientadora desta investigação: *o que aprenderam as mulheres brasileiras imigrantes em Portugal com suas experiências migratórias?*

Além das considerações sobre as aprendizagens analisadas em profundidade no capítulo quatro, e das indicações limitativas do estudo, foi apresentado também neste capítulo final, um esquema visual das principais aprendizagens realizadas pelas mulheres em suas trajetórias migratórias, franqueando-se as etapas de elaboração das mesmas, com base no Diagrama de Peter Jarvis (2015).

CAPÍTULO I

MIGRAÇÃO: EXPERIÊNCIAS E APRENDIZAGENS PECULIARES EM UMA BIOGRAFIA

1.1. Movimentos migratórios no mundo e feminização da migração

Vivemos na atualidade, um quadro expressivo de crescentes fluxos migratórios internacionais, que ocorre em todos os continentes do globo, e nas sociedades Europeias, em especial. As sociedades vêm sendo fortemente impactadas por expressivas vagas de refugiados e imigrantes europeus e não-europeus (legais ou ilegais), que trazem em suas bagagens, diferenças culturais desafiadoras e um manancial prolífico de conhecimentos diversos. Segundo a IOM (2018), a Europa tinha em seu continente, em 2015, praticamente 30% dos migrantes internacionais do mundo, o que representava 75 milhões de pessoas, ao passo que os não Europeus eram 35 milhões. Interessante observar que, neste mesmo ano, a migração regional intracontinente Europeu foi a que registrou a segunda maior expressão no planeta, perdendo apenas para o fluxo de latino-americanos, sul-americanos e caribenhos para a América do Norte.

Foi preciso compreender a magnitude desse cenário e os fatores implicados nas questões migratórias, para fundamentar este estudo e realizar as conexões entre os desafios que as migrantes participantes desta investigação, encontraram em seus projetos migratórios internacionais e as aprendizagens experienciais realizadas em suas trajetórias. Para isso, foi fundamental identificar os dados que mostrassem a realidade da temática migratória na modernidade; em consulta ao boletim sumário de dados editado pela IOM(2018), que apresentou os seguintes dados:

Em 2015, havia cerca de 244 milhões de migrantes internacionais - pessoas que residem em um país que não o seu país de nascimento - em comparação com cerca de 173 milhões em 2000 e 102 milhões em 1980. As mulheres representaram 48% do estoque global de migrantes internacionais em 2015, embora a parcela varie amplamente nas principais regiões (por exemplo, Ásia - 42%, Europa - 52,4%, América do Norte - 51,2%).
(p.1)

Com tanta diversidade, a grande dificuldade nos processos de integração e de valorização das potencialidades do imigrantes nas sociedades de acolhimento, se relacionam ao fato de que, todos os envolvidos (imigrantes e nativos) precisam estar habilitados (e educados) para interagirem nesta realidade multicultural, sendo fundamental para isso, desenvolverem novos saberes que possibilitem um conviver harmonioso. Todas essas aprendizagens demandam

transformações pessoais e sociais e implicam alterações importantes nos modelos de referência pessoais e nas práticas sociais já instituídas, o que requer esforços coletivos e fortes motivações.

Sendo a migração, elemento estruturante deste estudo, fez-se necessário delimitar quais princípios autors foram empregados, permitindo ao leitor a perfeita compreensão sobre a intenção da investigadora, ao se referir a um conceito deste campo ao longo deste trabalho.

Visto que as definições e terminologias concernentes ao universo migratório no campos das ciências sociais ainda se encontram em fase de consolidação, e estão impregnados de divergências, utilizaremos os conceitos oficiais da *Organização Internacional para as Migrações* (IOM, em inglês), apresentados no documento “Glossário sobre Migração”, publicado no ano de 2009, que são utilizados no campo do Direito Internacional da Migração e que pretendem auxiliar investigadores no enquadramento de seus trabalhos.

Com relação a *migração*, consideraremos então a seguinte definição da IOM (2009):

Processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocação de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes económicos (p. 40).

Em relação ao conceito de *migrante*, consideraremos o da IOM (2009), pois se adequa ao perfil voluntária das imigrantes entrevistadas neste estudo:

No plano internacional não existe uma definição universalmente aceite de migrante. O termo migrante compreende, geralmente, todos os casos em que a decisão de migrar é livremente tomada pelo indivíduo em questão, por razões de “conveniência pessoal” e sem a intervenção de factores externos que o forcem a tal. Em consequência, este termo aplica-se, às pessoas e membros da família que se deslocam para outro país ou região a fim de melhorar as suas condições materiais, sociais e possibilidades e as das suas famílias (p. 43).

Quanto ao fenómeno de *feminização da migração*, o mesmo documento aponta não só o aumento no quantitativo de mulheres nos fluxos migratórios, quanto a sua autonomização neste processo, IOM (2009):

Crescente participação da mulher na migração. A mulher desloca-se actualmente de forma mais independente e sem ser em função da posição que tem na sua família ou sob a autoridade de um homem (p. 29).

A feminização da migração é uma realidade e pressupõe estudos que empreguem uma perspectiva de gênero para que nos permita entender o imaginário (e o processo de subjetivação) destas mulheres em seus processos de integração e socialização nas comunidades de

acolhimento. O processo de feminização da migração é, pois, um acontecimento perene, de cariz antropológico e social, que demanda entendimento de sua complexidade.

Com relação ao conceito de *integração*, que é muito amplo e engloba atividades de inúmeros campos das ciências humanas, utilizaremos o que está acordado no entendimento da IOM (2009), ainda que se mostre um tanto simplista:

Processo através do qual o imigrante é aceite na sociedade, quer na sua qualidade de indivíduo quer de membro de um grupo. As exigências específicas de aceitação por uma sociedade de acolhimento variam bastante de país para país; e a responsabilidade pela integração não é de um grupo em particular, mas de vários actores: do próprio imigrante, do Governo de acolhimento, das instituições e da comunidade (p. 34).

Neste mundo em movimento, a mulher migrante, e principalmente a que trilha esse caminho solitariamente, encontra desafios de outra grandeza, dependendo de sua cultura de origem, da presença de um homem ou familiares que validem o seu status social (esposa, irmã, filhas, mãe etc.), do tipo de migração (laboral, estudos etc.) e da identidade de mulher que ela carrega consigo. No destino, é preciso lidar, primeiramente, com o imaginário sobre o tipo de mulher que provém daquela cultura de origem (e isso se mostra muito marcado na situação da mulher brasileira em Portugal), enfrentar resistências, preconceitos, estereótipos e os papéis femininos aceitáveis na cultura da sociedade de acolhimento. Podemos notar a importância da acurada observação da marca de gênero nos estudos migratórios, ao lermos esse trecho do Relatório da IOM (2018):

Um aspecto central das relações migração-gênero é a mudança na composição de gênero dos migrantes internacionais - a chamada "feminização" da migração. As mulheres compreendem cerca da metade da população migrante internacional do mundo; no entanto, a proporção varia consideravelmente por região, e há países (como a Indonésia, Filipinas, Sri Lanka e Tailândia), onde a maioria dos emigrantes é feminina. Houve também uma mudança qualitativa em que hoje, as mulheres migrantes são mais probabilidade de se mover de forma independente e não como dependentes, incluindo nos países mencionados acima. Isso também significou que as mulheres estão mais envolvidas no envio de remessas e no sustento de suas famílias no exterior, o que, por sua vez, está alterando a dinâmica social e familiar e a tomada de decisões (p. 185).

Portugal está inserido neste contexto de mudanças no perfil demográfico oriundas dos fluxos migratórios de forma singular. Ainda que em sua história, a emigração tenha feito parte da dinâmica de construção da sociedade Portuguesa, é a imigração o tema relevante na atualidade. De acordo com o Relatório Estatístico Anual do Alto Comissariado para Migrações em Portugal - ACM, existiam em 2017, 400 mil estrangeiros a viver em Portugal. Para se ter uma perspectiva sobre o quanto isso é relevante, outros números podem ser observados: um em cada

25 residentes é estrangeiro, sendo que 20% desta população imigrante era de Brasileiros, sendo 48,5% de homens e 51,5% de mulheres, na população total de estrangeiros.

No ensino superior português, eram 11% os percentuais de estrangeiros e quatro mil diplomados na academia, no mesmo ano de 2017.

Dos estrangeiros residentes, 62 em cada 100 estrangeiros estão em idade ativa, contra 38, em cada 100 Portugueses. Já sobre a taxa de natalidade em Portugal, 10% dos nascimentos acontecem em famílias estrangeiras.

No Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras de Portugal - SEF, em 2017, a nacionalidade Brasileira se destacava no cenário migratório Português, com um total de 85.426 cidadãos, sendo a principal comunidade estrangeira residente. Ao analisarmos esses números em um recorte de gênero, percebemos que há um processo contínuo de feminização do movimento migratório e em especial no eixo Brasil-Portugal, sendo 52.526 mulheres residentes e 32.900 homens.

Estes dados estatísticos, ainda que nos indiquem um cenário macro das mudanças demográficas, não nos permite conhecer as trajetórias migratórias das mulheres Brasileiras imigrantes em Portugal nem, muito menos, conhecer suas motivações e percepções acerca de suas experiências, o que é de grande importância para a compreensão do fenômeno migratório, possibilitando aos governantes, adequar políticas e programas voltados à imigração. Esta preocupação com a perspectiva do migrante sobre suas jornadas, é defendida pela IOM (2018) como base para os estudos do campo da migração:

No centro de qualquer discussão sobre migração estão as pessoas que migram - quem são, como migram e por que migram - o que muitas vezes está profundamente ligado às circunstâncias em que se encontram e ao grau de escolha que têm em contemplar e empreender a migração. . Há um crescente reconhecimento da importância de entender melhor como os migrantes contemplam as opções de migração (incluindo não migrar) e realizam jornadas de migração (p.171).

Posto isto, se torna patente a essencialidade do centramento de qualquer investigação que tenha a migração como *background*, no quadro subjetivo dos próprios migrantes sobre suas experiências migratórias e o conhecimento de seus percursos migratórios (*a priori* e *a posteriori*). A unicidade dos elementos dessas trajetórias é recorrentemente evidenciado por Morrice (2014):

A complexa mistura de razões que podem causar a migração, juntamente com a compreensão de que os migrantes são seres sociais, cujas experiências migratórias são moldadas e condicionadas pela etnia, raça, gênero, classe social e posição no ciclo de vida. Essas diferenças sociais cruzam e interagem afetando estratégias migratórias, resultados de integração, oportunidades de vida e oportunidades no país de destino (p.149).

1.2. Migração como episódio biográfico disruptivo

Migrar, especificamente no contexto desta investigação, fez parte de um processo de escolha consciente. O voluntarismo desta decisão e as motivações pessoais configuraram um percurso migratório singular. Os passos que cada migrante empreendeu ao longo deste processo decisório, o planejamento *a priori* e as trajetórias *a posteriori*, são marcas pessoais em suas biografias. A migração se apresentou como uma alternativa plausível, dentre tantas outras possíveis, e motivou estes indivíduos a se lançarem em *mares nunca dantes navegados*, em busca do que lhes pareceu ser a melhor opção para si, naquele momento, no seu tempo.

Com a resolução de migrar, sabiam que em algum grau (maior ou menos que suas expectativas), o inédito que se apresentaria, carregaria novidades e desafios, mas prós e contras devidamente avaliados, a opção foi, de fato, pela mundança. Mudar de casa, de amigos, de trabalho, de clima, de hábitos.

Cada indivíduo opera sua biografia de acordo com os seus capitais social, cultural e económico, e o grau de agência que é inerente a sua identidade. Os problemas que se encontram ao longo das histórias de vida, são encarados com as capacidades e condições que estão disponíveis para os seus enfrentamentos. Algumas pessoas possuem ferramentas pessoais que lhes permite seguir suas vidas de forma desbravadora, resiliente outras, buscam um *porto seguro*, um lugar normalizado, que lhes traga alguma sensação de segurança, diante de um mundo-vida tão instável e de transformações contínuas.

As constantes expectativas pelo o que está por vir e pela (re)ação que teremos que adequar à situação experienciada, já se integraram na vida do homem moderno, de forma tão intrínseca à realidade diária, que nem sempre são percebidas no decurso da vida, conforme Alheit (2006) ressaltou:

O desenvolvimento das trajetórias de vida é, conseqüentemente, muito menos previsível hoje do que em épocas passadas. E mais do que isso: a pressão para tomar decisões sempre novas, para mudar continuamente de orientação, é interiorizada de maneira mais ou menos clara pelos próprios indivíduos (p. 184).

Giddens(1997), trata desta relação dos indivíduos com os riscos da *modernidade tardia*, destacando a habilidade que alguns possuem de ver, nestas situações, oportunidade para abrir uma *nova janela* em suas biografias:

A vida faz surgir problemas pessoais de modo aparentemente aleatório e, reconhecendo este fato, algumas pessoas refugiam-se numa espécie de dormência resignada. Mas muitas são também capazes de agarrar oportunidades novas que se abrem, à medida que modos de comportamento preestabelecidos são excluídos, sendo capazes de se modificar (p. 12).

O mundo *líquido* de hoje, segundo Bauman (2001), tem como característica mais relevante, a exigência pela capacidade (e obrigação) individual de fazer escolhas contínuas nos percursos de vida e essa competência, institui uma singularidade sem precedentes na formação dos indivíduos. A vida virou um *projeto reflexivo*, conforme Giddens(1997, p. 18) apontou em sua obra, onde a possibilidade de revisão das atividades sociais e interações com o meio se dá continuamente, a partir do acesso à “novas informações ou conhecimentos”.

Criamos projetos de vida e os realizamos e adaptamos, conforme a pressão e a permissão que recebemos do mundo social. Esta faculdade para organizar e escolher de que forma seguiremos com nossas vidas, se afigura como um planejamento de vida reflexivo e reativo, e foi referida por Alheit (2011), nos seguintes termos:

Geralmente nós temos até a sensação de sermos “organizadores” de nossa vida. Mesmo se as coisas ocorrem de maneira diferente daquilo que desejávamos ou imaginávamos, fazemos correções no nosso plano de vida normalmente na perspectiva da autonomia pessoal. Isso significa que a disposição mais ou menos consciente diante da nossa biografia pode ser compreendida como uma atitude que – com todas as relativizações – é antes ativa e positiva em relação à vida (p. 36).

A articulação planejada, reflexiva e crítica entre os projetos individuais, com as demandas e potencialidades externas, se tornou talvez a competência mais relevante da sociedade moderna e foi resumida, em um conceito cunhado por Peter Alheit, como *biografização*. Segundo Alheit (2011, p. 37), o termo “significa primeiramente, nada mais do que a obrigação e, ao mesmo tempo, a chance de fazermos, nós mesmos, a nossa vida”. O conceito de *biografização* para Giddens (1997), se apresenta da outra forma, mas trata também das estratégias pessoais no planejamento de vida:

Num universo social pós-tradicional, abre-se a qualquer momento aos indivíduos e aos coletivos, um leque indefinido de potenciais cursos de ação (com os riscos concomitantes). Escolher entre tais alternativas é sempre uma questão de “faz de conta”, uma questão de selecionar entre “mundos possíveis” (p. 26).

Na gama das alternativas que se apresentam para as trajetórias de vida dos indivíduos modernos, a mobilidade geográfica parece ser uma opção atraente, àqueles que lhes é permitida. A oportunidade de se movimentar para outro espaço geográfico e social e nele, iniciar um novo projeto biográfico inédito e repleto de potencialidades, é um momento-charneira em uma

biografia. Esta escolha traz consigo, a coragem para deixar para trás (nos casos voluntários), o mundo-vida mapeado e de fácil *navegação* e demanda estar aberto às novas possibilidades para o *eu*; situação que Morrice (2014, p. 157) explicita no rol dos desafios que serão encontrados pelos migrantes: “para os migrantes, a disjunção entre o passado e o presente, o velho espaço social e o novo, envolve repensar o *eu*, a identidade e as possibilidades de ser, em todos os domínios da vida”.

A falta de consciência plena do *habitus*, pode trazer alguns desafios para os imigrantes na sociedade de acolhimento, mais complexos do que o imaginado pois, quando estamos inseridos em nosso meio de origem, onde crescemos e fomos educados, temos um repertório de conhecimentos tácitos que nos permitem *perpassar* por situações e contextos variados, do qual nem temos real noção. Navegamos por nossas comunidades nativas com um grau de integração e entendimento da cultura que nos rodeia, sem grandes alardes nem sobressaltos, ainda que possam haver discordâncias quanto a alguns hábitos, valores e comportamentos. Morrice (2014), apresenta essa dicotomia entre a normalização no mundo-vida *a priori* e o processo de revalidação dos capitais sociais e culturais no mundo-vida *a posteriori* à migração da seguinte forma:

Os indivíduos nascem em um *habitus* particular e herdarão modos de pensar, atitudes e valores; eles adquirirão o capital cultural e social necessário e apropriado para se movimentar e existir dentro de seu meio social particular. Todo o tempo que um indivíduo existe dentro de um mundo social do qual ele é um produto, eles não sentem ou percebem as regras, normas e tradições tácitas que governam a atividade. Em vez disso, a vida é vivida de uma forma garantida ou irrefletida (p. 154).

Este processo de validação dos capitais que o indivíduo carrega consigo para a sociedade de acolhimento, faz parte de uma sequência complexa e inexorável de transformações no *habitus* e estas são intensificadas, na medida da urgência pela integração num novo mundo-vida que bate à porta. Essas são aprendizagens *forçadas*, que nenhum migrante pode evitar.

Na medida em que se traz na bagagem um quadro referencial pessoal, a singularidade das aprendizagens estará diretamente relacionada às experiências *elaboradas* e à biografia de cada imigrante. Para a construção dos significados culturais na sociedade de acolhimento, será necessário, de certa forma, *desaprender* e *desconstruir* muito do que já estava acomodado. Para elaborar novos esquemas mentais e modelos de referência, recriando o mundo-vida, será fundamental aprender a desaprender.

Na construção de um conjunto de saberes a serem validados nesse novo mundo-vida, será inevitável a participação de outros atores, ambientes e situações, que conduzirão ao *abrir mão* de conhecimentos prévios já validados nos repertórios pessoais e nos quadros pessoais de

referência. Jarvis (2012, p. 18), em sua teoria holística da aprendizagem pela experiência, reforça as tensões sociais envolvidas no campo das interações sociais, ao destacar que “nenhum indivíduo existe em isolamento esplêndido, mas a partir do momento do nosso nascimento, vivemos em um mundo-vida que é uma rede na qual os mundos natural e social geram forças poderosas com as quais os indivíduos interagem”.

É com base nessas interações com o novo espaço social e natural que os migrantes elaborarão as aprendizagens necessárias para o processo de integração. Este conjunto de informações e simbolismos não estará detalhado em guiões; em grande parte, estes capitais serão elaborados nos espaços informais, por meio das vivências realizadas através dos sentidos do corpo e da reflexividade da mente:

Mudanças no mundo natural ou social podem ser experimentadas tanto pelos sentidos na experiência corporal (experiência primária) como também cognitivamente (experiência secundária), quando significados socialmente construídos podem ser atribuídos ao evento... tais significados constituem a base da cultura. Onde a cultura é considerada tudo o que é aprendido e compartilhado pelos indivíduos - tudo o que está além do mundo natural e físico (Jarvis, (2012, p.18).

Os resultados das experiências migratórias podem ser diversificados tanto em impacto, quanto em benefícios para o migrante, e esse projeto de vida (a migração) pode levar a consequências muito sérias na biografia desses indivíduos, alterando de maneira irrevogável, seu percurso de formação como pessoa. Todo o esforço empregado nessa trajetória pode não alcançar as expectativas iniciais dos migrantes e em um cenário pior, ter saídas, com aprendizagens que não os empoderarão nem os desenvolverão como seres humanos. Esta discussão sobre os possíveis malefícios das experiências migratórias ainda parece imperceptível na produção acadêmica no campo das migrações, mas se é apresentado com muita clareza nos estudos de Morrice (2014), que se aprofundam no nexo entre a aprendizagem e a migração: “há imprevisibilidade em torno da migração e da aprendizagem: a aprendizagem é multifacetada e pode ter resultados positivos e negativos para o migrante” (p. 158).

O processo migratório impacta significativamente a biografia do migrante, levando à alterações necessárias em seu modelo de referência, exigindo a (re)construção de seu repertório de aprendizagens e uma necessária reflexão sobre seus comportamentos, valores, atitudes e papéis sociais prévios, pois

é difícil imaginar qualquer outro evento de vida em que a aprendizagem se torne integrante da totalidade das experiências de vida diária, e poucos, se alguns, aspectos da vida, fiquem intocados pela necessidade de aprender. Para os migrantes, a aprendizagem é uma parte inevitável da vida (Morrice, 2014, p. 152).

CAPÍTULO II

A APRENDIZAGEM RESULTANTE DAS EXPERIÊNCIAS E A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

A formação do indivíduo passa pela globalidade de suas vivências, experiências e aprendizagens e não se limita aos espaços formais e não-formais de educação, sendo o espaço informal, o da vida quotidiana, onde se realizam a maior parte das aprendizagens.

As aprendizagens elaboradas ao longo das histórias de vida moldam e constituem o que se é, a identidade de cada um, determinando os comportamentos, atitudes, crenças, valores e motivações, em um processo de tensão contínua entre o que se passa dentro de cada um e o que se passa no mundo exterior, nos espaços sociais. É com as experiências realizadas em todos os espaços do mundo-vida que se aprende e se constrói saberes que propiciam a sobrevivência humana.

No passado, grande parte do que era aprendido se dava pela observação e tutoria dos mestres e sábios, através da experiência prática. A formação do indivíduo era integral; andava a par e passo entre aprender um ofício, as normas sociais e os valores daquela comunidade. Em última instância, o que se aprendia era o seu papel social e o seu contributo para aquela comunidade, um conjunto de saberes que eram tanto coletivos, quanto para o coletivo.

Esta formação multidimensional dos indivíduos constituía um *aprender a ser*, um *aprender a fazer* e principalmente, um *aprender a sermos*. O indivíduo era parte integrante da experiência histórica de sua comunidade e carregava consigo as práticas sociais de sua época. Este formato educativo se aplicava a todos os estratos sociais e contribuía para o ordenamento daquela sociedade, sendo a educação formal como a entendemos hoje, restrita a alguns poucos privilegiados da elite. Dewey (2001) desenvolveu esta perspectiva da educação, considerando que a sua função principal seria auxiliar na continuidade de um determinado grupo social, onde o indivíduo seria uma célula multiplicadora e perpetuadora da cultura de seu grupo, aprendendo a sua ancestralidade e o viver em sua comunidade. Essa função socializante e antropológica da educação, foi referida por Dewey (2001) em:

Educação, no seu sentido mais amplo, é o meio dessa continuidade social da vida. Cada um dos elementos constituintes de um grupo social, em uma cidade como em uma tribo selvagem, nasce imaturo, indefeso, sem linguagem, crenças, ideias ou padrões sociais. Cada indivíduo, cada unidade, é o portador da experiência de vida do seu grupo, com o passar do tempo passa. Dessa forma, a vida do grupo continua (p. 6).

Com as mudanças operadas nas estruturas econômicas e sociais das sociedades no mundo moderno, a educação passou a ser realizada em espaços restritos (escolas), por meio de instrução de conteúdos formalizados e estruturados, objetivando o nivelamento de conhecimentos, a otimização do processo educativo e a massificação, o que Dewey(2001) nomeou como educação industrial de base. Este formato escolar, até hoje utilizado em larga escala no mundo, removeu dos processos de aprendizagem, a personalidade (e a afetividade) da relação entre o educador/mestre e o aluno/aprendiz e desvalorizou as demais fontes de conhecimento, principalmente as resultantes das experiências da vida, o que Cavaco (2009), enfatizou em:

A escola surgiu como uma instância educativa especializada, que contribuiu para instituir e tornar hegemônica uma outra forma de aprender, baseada na ruptura com a experiência dos aprendizes, por se pensar que esta funcionaria como um obstáculo à aprendizagem (p. 221).

O desmerecimento dos saberes experiências na sociedade moderna escolarizada, suscitou a descrença na relevância da dimensão social nos processos de aprendizagem e na potencialidade formativo que todas as interações humanas carregam. Dewey (2001) criticou esse reducionismo da educação ao espaço escolar e proclamava que o indivíduo desenvolvia-se ao longo do processo contínuo de socialização, onde as experiências realizadas proporcionavam a elaboração das novas aprendizagens.

As estruturas formalizadas e funcionalistas da educação moderna começaram a ser questionadas no início da década de 1970, quando “num contexto de ruptura e de crítica com o modelo escolar, cuja expansão quantitativa acelerada, nos anos 50 e 60, havia conduzido ao impasse: a crise mundial da educação” (Canário, 2013, p. 83). Começou-se a perceber que o modelo escolar tradicional não resolvia as questões de iliteracia e do nivelamento de conhecimentos, principalmente entre os adultos.

Foi a partir desta crise, que as investigações em educação se concentraram mais no universo do aprendente e dos fatores que propiciavam as aprendizagens, quando despontaram novas teorias da aprendizagem em que o social e o individual se complementavam e interagiam na formação do indivíduo. O retorno da valorização da experiência como força motriz das aprendizagens, principalmente na formação dos adultos, trouxe novo fôlego ao campo da educação e marcou uma nova era nas metodologias científicas empregadas, com o despontar das abordagens biográficas.

Gaston Pineau (1988), desenvolveu sua teoria tripolar da formação, com a indicação de que os processos formativos se equacionavam por meio de uma relação tensional entre três

dimensões da vida: eu, o outro e o meio, e se processava ao longo de todo o decurso da vida, em todos os espaços sociais e através da elaboração das experiências pelo indivíduo que se dispõe a refletir sobre o resultado dessa articulação intensa, contínua e co-dependente entre cada uma das variáveis (meio e outros). Pineau (1988), explicita esta teoria e identifica as três dimensões da formação como ecoformação, heteroformação e autoformação:

Entre a ação dos outros (heteroformação) e a do meio ambiente (ecoformação), parece existir, ligada a estas últimas e dependente delas, mas à sua maneira, uma terceira força de formação, a do eu (autoformação). Uma terceira força que torna o decurso da vida mais complexo e que cria um campo dialético de tensões, pelo menos tridimensional, rebelde a toda a simplificação unidimensional (p. 65).

Esta teoria se destacou no campo da educação de adultos pela identificação da tridimensionalidade do processo formativo, tendo o indivíduo como elemento central do processamento das experiências com os outros e com o meio:

Por mais frágil e dependente dos outros e do meio ambiente físico que seja este terceiro termo, ele constitui, no entanto, o ponto de partida, o suporte permanente e cada vez mais ativo das fases posteriores de desenvolvimento: nasceu uma força de autoformação (Pineau, 1988, p. 67).

Com este olhar de que um percurso formativo é algo pessoal e intransferível, Canário (2013) sustenta o pressuposto de que a aprendizagem se realiza no indivíduo, ainda que através de suas interações com o meio, quando afirma que “o reconhecimento da importância da experiência nos processos de aprendizagem supõe que esta é encarada como um processo interno ao sujeito e que corresponde, ao longo da sua vida, ao processo de sua autoconstrução como pessoa” (p. 105).

Illeris (2013, p.18), reflete sobre este posicionamento autor, centrando a formação no sujeito aprendiz, e sugere que as aprendizagens humanas resultariam das demandas por soluções para os dilemas pessoais (práticos ou não) ao mesmo tempo que “a busca do indivíduo envolve construir *significado* e *capacidade* para lidar com desafios da vida prática, e assim, desenvolver uma *funcionalidade* pessoal geral”.

A concepção de funcionalidade geral de um indivíduo, pressupõe a conexão entre todas as dimensões da vida, em um desenvolvendo *continuum* para a autonomização, que se consubstancia nas aprendizagens globais realizadas e nos saberes prévios, “assim, o processo de formação põe a tônica no inventário dos recursos experienciais acumulados e das transformações identitárias” (Josso, 2010, p. 31) e

põe também em evidência, tensões dialéticas particulares, tais como: uma capacidade de reações programadas e uma capacidade de iniciativa, uma capacidade de identificação e uma capacidade de diferenciação, uma capacidade de submissão e uma capacidade de responsabilização e finalmente, uma capacidade de orientação imitativa de modelos culturais e uma capacidade de orientação aberta ao desconhecido (*idem ibidem*).

Entendendo então que o conjunto de saberes elaborados a partir das aprendizagens experienciais formam e transformam os indivíduos e os habilitam a viver da forma como entenderem lhes ser a melhor (com certos graus de autonomia), nos apropriamos do entendimento de Dominicé (1988, p. 53) sobre a formação da pessoa, quando refere que “não há formação sem modificação, mesmo muito parcial, de um sistema de referências ou de um modo de funcionamento”, e que

a formação depende do que cada um faz do que os outros quiseram, ou não quiseram, fazer dela. Numa palavra, a formação corresponde a um processo global de autonomização, no decurso do qual a forma que damos à nossa vida se assemelha – se é preciso utilizar um conceito – ao que alguns chama a identidade (p. 61).

Neste estudo consideramos que a formação humana é o resultado das experiências sequenciais de um indivíduo, a partir de suas interações (teoria tripolar de Pineau), levando à construção de uma biografia única, e que “a formação é experiencial ou não é formação, mas a incidência nas transformações da nossa subjetividade e das nossas identidades pode ser mais ou menos significativas” (Josso, 2010, p. 35) pois, “formar-se é integrar numa prática, o saber-fazer e os conhecimentos”, saberes estes, elaborados a partir dos processos de internalização do que se experienciou.

A aprendizagem experiencial, na concepção de Josso (2010, p. 28), “é utilizada, evidentemente, no sentido de capacidade para resolver problemas mas acompanhada de uma formulação teórica e/ou de uma simbolização”. Dubar (2009), sob a ótica sociológica, também preestabelece que a consciencialização e a subjetividade são os alicerces para a aprendizagem experiencial:

a aprendizagem experiencial pressupõe uma relação específica com os saberes que envolve a subjetividade e se ancora em atividades significativas. Com efeito, os saberes incorporados progressivamente pelo ser humano em devir são, antes de tudo, saberes de ação experimentados numa prática significativa, isto é, ligada a um envolvimento pessoal. Essa constatação se aplica tanto à atividades intelectuais quanto manuais, refere-se a todas as atividades não puramente instintivas que supõem uma parte de “resolução de problemas” (p. 216-217).

Ponto pacífico que, “quando se fala de formação experiencial tem-se subjacente o pressuposto básico de que se aprende através da experiência” (Cavaco, 2009, p.223), a dúvida então passou a ser: o que é experiência e que tipo de experiência pode ser considerada formadora?

Pela multiplicidade de significados para experiência existentes no campo da aprendizagem experiencial, foi preciso delimitar qual o conceito se aplicaria, pois, “a amplitude do conceito resulta do fato de a experiência se confundir com a presença do sujeito no mundo, nas constantes interações com o meio e consigo próprio, “mesmo *os não-fatos*”, as *não-ações*, as *não-comunicações*, são também experiências” Cavaco (2009, p.222).

Para apresentar de forma estruturada as divergentes (ou complementares) proposições sobre experiência, Cavaco (2009) organizou um apanhado de concepções de alguns autores do campo da aprendizagem experiencial, o que possibilitou a compreensão da diversidade de sentidos e a seleção da que se adequava aos pressupostos deste estudo. Neste sentido, Cavaco (2009) concluiu que os autores analisados apresentavam entendimentos sobre a experiência que seguiam duas direções:

De modo geral, é possível dizer que a experiência assume dois sentidos, um de orientação para o futuro, outro para ações passadas. No primeiro sentido, a experiência é uma tentativa, um ensaio, um pôr em prova, cujo resultado se pode esperar, mas tem sempre algo de imprevisível. No segundo sentido, a prova tem lugar, e o sujeito obtém experiência nessa questão, tornando-se um perito, alguém que adquiriu conhecimento num determinado domínio (p. 222).

Cavaco (2009, p.222-223) defende que a realização de uma experiência está condicionada a algum acontecimento na biografia do indivíduo e que a “a experiência pode resultar de uma situação pontual e muito breve ou de um acontecimento dilatado no tempo”, e que toda experiência “resulta da influência recíproca das condições objetivas dos contextos e das condições subjetivas do sujeito que a vive” (Cavaco,2009, p. 223). Este pressuposto de que para haver uma experiência, é necessário que haja algum tipo de interação da pessoa com o mundo-vida, é similar ao que Jarvis (2012, p. 15) preconiza em sua teoria da aprendizagem, onde “uma experiência é parte de um processo contínuo que dura, na maioria das pessoas, a duração da própria vida e envolve séries de interações com o ambiente imediato”.

Sobre a diferenciação entre vivência (situação) e experiência, Josso (2010, p. 35) aponta que “vivemos uma infinidade de transações e vivências; estas vivências atingem o estatuto de experiências a partir do momento em que fazemos um certo trabalho sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido” e discorre sobre o que poderia ser considerada uma experiência formadora, no recorte: “o conceito de experiência formadora implica uma

articulação conscientemente elaborada entre actividade, sensibilidade, afetividade e ideação, articulação que se objetiva numa representação e numa competência” Josso (2010, p. 35). A autora aprofunda o tema e estabelece três categorias de aprendizagens de saída, resultantes das experiências formadoras: (Josso, 2010):

As aprendizagens e conhecimentos existenciais (como é que eu me conheço como ser psicossomático?);

As aprendizagens e conhecimentos instrumentais e pragmáticos (como é que eu me conheço como ser capaz de interagir com as coisas, a natureza e os homens?)

As aprendizagens e conhecimentos compreensivos e explicativos (como é que eu me conheço como ser capaz de representações?) (p. 36)

Contudo, as concepções de que uma experiência (e uma experiência formadora) só podem ser de fato experiências se forem fruto de reflexões conscientes sobre o impacto das vivências na biografia do indivíduo, então uma questão se coloca: e tudo aquilo que sabemos tacitamente e não sabemos que aprendemos com nossas experiências, não seriam então experiências formadoras?

A esta questão, Jarvis (2015, p.16) apresenta uma resposta condizente com o entendimento desta investigadora sobre experiência e experiência formadora, ao defender que “as experiências constituem situações, mas é possível que o corpo funcione inconscientemente e tenha (o que chamei em outros lugares), experiências pré-conscientes” e que “nossa experiência consciente torna-se a base da aprendizagem explícita, porém o que experienciamos sem estarmos conscientes, é a base da aprendizagem implícita e do conhecimento tácito”(p. 809).

Compreendendo que o ser humano é composto de cinco (ou seis?) sentidos que a mente depende do funcionamento do cérebro, e que este intercambia informações com o corpo de maneiras ainda não cientificamente explicadas, é preciso levar então em consideração, nos estudos sobre a aprendizagem humana que, “a pessoa é, de alguma forma, uma combinação de corpo / cérebro e mente. A complexidade da natureza da pessoa deve ser reconhecida quando consideramos a natureza dos processos experienciais através dos quais aprendemos”(Jarvis, 2015, p. 17).

Dado este entendimento de que as experiências formadoras podem ser de qualquer natureza, desde que se integrem no *corpus* de conhecimentos do indivíduo, o próximo passo foi determinar a teoria holística da aprendizagem pela experiência, que Jarvis elaborou (e reelaborou), como elemento basilar para esta investigação. Na visão deste autor, o ser humano seria capaz de aprender a partir de qualquer situação que pudesse experienciar, seja consigo

próprio, com a sociedade ou com a natureza, ao longo de toda a sua vida, em um emaranhado de experiências. Na sua proposta, aprender “não é um processo único, mas uma família de diferentes processos que ocorrem na seqüência de experiências que temos no curso de nossa vida diária - é sobre o nosso ser e tornar-se em uma vida de aprendizagem” (Jarvis, 2012, p. 23). De acordo com a sua teoria da aprendizagem humana, a pessoa é continuamente transformada por suas aprendizagens experienciais multidimensionais:, o que detalhada em sua teoria sobre a aprendizagem humana, que preconiza como sendo:

a combinação de processos ao longo da vida em que toda a pessoa - corpo (genético, físico, biológico e habilidades) e mente (significado, conhecimento, atitudes, valores, emoções, crenças e sentidos) - experimenta situações naturais e sociais, cujo conteúdo é então transformado cognitivamente, emotivamente ou praticamente (ou através de qualquer combinação) e integrado na biografia da pessoa, resultando em uma pessoa em constante mudança (ou mais experiente) (*idem ibidem*).

Este conceito de aprendizagem compreensiva carrega a marca indivisível da interação (com o meio, com os outros e consigo), ampliando o escopo dos fatores que podem desencadear experiências, se concebermos a ideia de que “a aprendizagem torna-se parte de toda a nossa experiência de vida e, para os adultos, o meio social, e seu envolvimento com ele, é um fator determinante do que é aprendido e como é aprendido” (Morrice, 2014,p. 151). Isso envolve perceber todos os fatores que intervêm no processo de aprendizagem pelas experiências, principalmente nos contextos migratórios, onde este envolvimento com o meio, exponencia a pluralidade dos estímulos e exigências. Morrice(2104) corrobora a visão holística e iterativa da aprendizagem experiencial, defendida por Jarvis, que

A aprendizagem não é apenas, ou mesmo predominantemente, sobre aquisição de habilidades e conhecimentos, mas é um processo mais holístico: corpo, mente e emoções são intrínsecos à construção e transformação de experiências de vida que se integram à biografia do indivíduo. É através da integração da aprendizagem que o eu é construído e a identidade é transformada (p. 151).

A aprendizagem, então, provém de inúmeros estímulos e se realiza no universo subjetivo do indivíduo, o que Jarvis (2015) salienta quando afirma que as aprendizagens são elaboradas condicionalmente ao que cada pessoa carrega em sua biografia, suas interações prévias, seu repertório de saberes e a maneira como seu corpo, cérebro e mente interagem durante essas situações, serão o *modus operandi* do indivíduo para aprendizagens posteriores. Para Jarvis (2012, p. 17), a identidade e a biografia do aprendente são fundamentais para permitir compreender seus processos pessoais de aprendizagem, pois “os aprendentes têm sua própria

história e, portanto, tanto nosso passado evolucionário quanto nossas experiências de vida contribuem para a maneira pela qual temos experiências das quais aprendemos”.

Para Dewey (2001), a produção de conhecimentos se apresentava como resposta à interação e adaptação ao meio, quando as experiências sociais proporcionariam condições (favoráveis ou não) para o desenvolvimento de aprendizagens individuais ilimitadas, pressupondo um meio estimulador e empoderante. Estas interações sociais continuadas, quando realizadas em meios conservadores e culturalmente restritos, podem resultar em comportamentos inconscientes, de respostas mecânicas, sem que o indivíduo precise mais refletir e desenvolver novas aprendizagens, ocasionando condicionamentos.

Sendo os seres humanos capazes de aprender indefinidamente com novas experiências e com elas construir um acervo interrelacionado de saberes, Dewey (2001) cunhou o conceito da plasticidade cerebral humana, como a habilidade para alterar os esquemas mentais e modelos de referência ao longo da vida, em reação à diversidade de situações experimentadas no meio envolvente. Este pressuposto conduziu à necessidade de se entender os processos que cada pessoa leva a cabo para realizar essas transformações infundáveis. Finger & Asun (2001), quanto ao conceito de plasticidade cerebral de Dewey, foram assertivos sobre a originalidade deste contributo para o campo da aprendizagem experiencial:

o contributo mais original de Dewey é a capacidade humana de plasticidade – a dupla capacidade, de primeiro, aprender com a experiência (com os erros) e em segundo lugar, construir sobre esta aprendizagem e ao fazê-lo, aumentar a própria capacidade de aprendizagem (p. 37).

Conjecturando que a aprendizagem é um processo individualizado e singular, uma mesma situação pode levar a experiências diferentes e resultar em aprendizagens distintas, entre indivíduos. Assim, ainda que se possam criar modelos ou esquemas de aprendizagem, será sempre necessário conhecer quem é o aprendiz. Josso (2010, p. 37) também aponta essa *customização* dos resultados das aprendizagens experienciais, quando sustenta que “não só as vias de acesso a uma mesma aprendizagem são diversas, mas aprendizagens totalmente diferentes podem ser feitas em contextos socioculturais análogos ou idênticos”.

Principalmente em contextos migratórios, a biografia de cada indivíduo e as experiências a que será exposto, farão de seu percurso de aprendizagens um mapa próprio, de conexões que somente ele conseguirá trilhar e navegar. Morrice (2014) foi incisiva sobre a preemência de se compreender esta unicidade dos percursos formativos em episódios migratórios:

No centro dessas conceituações de aprendizagem está a experiência individual - o que os alunos trazem para a situação de aprendizagem, sua herança do passado. Também está implícito nessas concepções de aprendizagem que a biografia de aprendizado de um indivíduo é seqüencial e que nenhum ponto pode ser entendido sem olhar para o que o precedeu. Não é apenas do contexto cultural e social que é tecida a vida e identidade dos migrantes; suas motivações e esperanças para a migração são significativas, e também os diferentes papéis e identidades assumidos em suas vidas pré-migração (p. 153).

Entendendo que processo de aprendizagem experiencial é retroalimentado pelo o que já se é e evolutivo pelo que se virá a *ser*, foi preciso então perceber de que forma um ciclo de aprendizagem se iniciava e que tipo de situação carregava o potencial de se tornar experiência (consciente ou pré-consciente).

Para elucidar esta questão, recorreremos novamente a Dewey (2001), quando apontou que o estado de condicionamento (comportamentos mecânicos) poderia ser alterado, quando o indivíduo se deparasse com uma situação nova ou surpreendente, que o conduziria a um novo ciclo de aprendizagem. A mecânica do processo de aprendizagem estaria condicionada a uma situação que estivesse fora dos conhecimentos prévios do indivíduo. Neste momento dar-se-ia uma disjunção, que motivaria o indivíduo a elaborar novos saberes para solucionar esse *não-saber*. O ponto de vista de que as experiências disjuntivas iniciam os ciclos de aprendizagem, foi basilar para a teoria da aprendizagem desenvolvida por Jarvis (2015), pois esses estímulos exigem uma resposta da pessoa, de forma a se adaptar às alterações percebidas no meio, pois

se há mudanças no mundo natural ou social, reagimos aos estímulos que produzem e temos uma experiência através da qual nos modificamos e nos adaptamos à nova situação. No entanto, também podemos desejar mudar o ambiente, natural ou social no qual vivemos e, assim... a pró-ação individual também pode gerar mudanças nos outros elementos constituintes da rede do mundo-vida (p. 18).

Morrice (2014, p. 152), também compactua com a ideia da disjunção: “a noção de que a aprendizagem ocorre quando os indivíduos são confrontados com situações que são novas e desconhecidas ou quando são confrontados com o que não sabem e talvez precisem saber, é influenciador na educação de adultos”.

Com relação às experiências disjuntivas, Jarvis (2012) preconizou que elas poderiam ser promovidas por dois processos diferentes: os pró-ativos e os reativos. No primeiro caso, o próprio indivíduo buscaria a experiência (através do inconformismo) e no segundo, o indivíduo estaria respondendo a uma experiência imposta pelo meio. Para o autor, “o tipo da experiência formadora impactaria na ação do indivíduo e nas suas aprendizagens realizadas como também, na formação deste indivíduo ao longo da sua vida” (Jarvis, 2012, p.18). As experiências reativas, mais comuns ao longo da formação das pessoas, desencadeariam a necessidade de aprender

algo que retornasse a vida ao seu estado de normalidade. As experiências proativas teriam motivação inversa, seria a de mudar e transformar o mundo-vida.

Essa dialética entre ação e reação contínua ao longo da vida, nos traz a inevitabilidade da mudança e nos leva à irrefreável transformação da identidade. Somos o agora e o que está por vir. Para Jarvis (2013), essa é a razão de ser da aprendizagem humana:

Filosoficamente falando, sou apenas no momento “agora” e, como não posso para o tempo, estou sempre me tornando; paradoxalmente, contudo, com todo esse vir a ser, sempre sinto que sou o mesmo self. Ser e tornar-se estão inexoravelmente entremeados, e a aprendizagem humana é um dos fenômenos que une os dois, pois é fundamental para a própria vida (p. 41).

Entendendo que mudar-se para outro país demanda muitas aprendizagens e que estas aprendizagens estarão inevitavelmente condicionadas à biografia individual, ao repertório prévio de conhecimentos e às demandas advindas da interação com o novo contexto social, a proposição de Jarvis (2013), de que os seres humanos aprendem com todo o tipo de interação que realizam e que podem aprender de forma consciente e inconsciente em suas experiências, tornam a a teoria de aprendizagem experiencial de Jarvis (2009, 2012; 2013; 2015) muito pertinente aos contextos migratórios, quando o indivíduo é imerso em um novo mundo de sensações, significados culturais.

A imersão em um novo mundo-vida implicará ter contato com fatores externos ao indivíduo, que independente de sua agência ou motivação, impactarão nas aprendizagens realizadas. Em contextos multiculturais, esses fatores podem ser muito mais desafiadores, na medida em que não se tem ideia do que estará disponível ao migrante.

Como produto de reflexão deste *corpus* autor, foi possível concluir que o processo da aprendizagem é: contínuo, multidimensional, plural, dialético, tensional (entre *eu*, *o meio* e os *outros*), faz parte de um encadeamento de experiências e eventos biográficos a que os indivíduos atribuem significados e que os resultados desse encadeamento, instigam a transformação do indivíduo infundamente. Também foi possível concluir que a mudança de um estado de normalidade, a disjunção, é o elemento propulsor de todo o processo de aprendizagem.

Este conjunto de elementos identificados no processo de aprendizagem são aplicáveis e observáveis nas experiências migratórias analisadas neste estudo, visto este episódio biográfico ter o potencial de provocar disrupções nos modelos de referência e *habitus* dos migrantes, exigindo um contingente de mudanças e transformações urgentes.

2.1. Peter Jarvis e a sua teoria da aprendizagem por via da experiência

Peter Jarvis, teólogo, sociólogo e educador Inglês, desenvolveu sua pesquisa sobre a aprendizagem adulta, iniciada em meados da década de 1980, a partir de uma investigação-ação, quando solicitava aos professores e formadores participantes de um workshop sobre ensino e aprendizagem, que lhe apresentassem suas experiências pessoais de aprendizagem. A partir das informações geradas nesses workshops, da análise das teorias da aprendizagem experiencial disponíveis à época e das inquietudes quanto aos resultados das pesquisas realizadas, o autor delineou sua primeira versão do modelo da aprendizagem experiencial adulta (Jarvis *in* Illeris, 2013, p. 33).

Ao longo das décadas seguintes, Jarvis permaneceu investigando o tema e evoluindo sua teoria, de forma que pudesse chegar a um resultado o mais próximo possível, de um modelo holístico de aprendizagem experiencial dos adultos, buscando integrar de maneira compreensiva, o cariz existencialista que Jarvis (2013) perspectivava na aprendizagem:

Existem dúvidas profundas quanto as muitas teorias contemporâneas da aprendizagem propiciarem uma compreensão lógica da aprendizagem humana, incluindo o behaviorismo, o processamento de informações e todas as formas de teorias cognitivas. Isso não equivale a dizer que elas não sejam válidas no que fazem, mas, simplesmente, que não avançam o suficiente: todas elas têm uma teoria incompleta da pessoa. De forma clara, o experiencialismo chega muito mais perto, pois situa a aprendizagem no contexto social, mas mesmo as teorias da aprendizagem experiencial não avançam o suficiente, pois também se baseiam em uma teoria incompleta da pessoa, e poucas delas, realmente analisam o contexto social dentro do qual a experiência ocorre (p.43-44).

Uma teoria da aprendizagem experiencial para o autor, precisaria englobar a complexidade das interações entre o indivíduo, o seu mundo-vida e os estímulos (internos e externos) para a aprendizagem, e dar conta de representar o processo infindável de transformação da pessoa, sob a ótica existencialista que Jarvis (2013) passou a empregar em sua investigação:

a aprendizagem é um fenômeno existencial, meu ponto de partida é a pessoa inteira – ou seja, corpo e mente. Podemos descrever esse processo como o da essência humana emergindo da existência humana, um processo que continua ao longo da vida inteira, em que a essência é moldada pela interação com o mundo (...) a existência humana precisa ter experiências e aprender para que a essência humana emerja e se desenvolva. O estímulo para essa aprendizagem é a nossa experiência do mundo (p. 42).

Na perspectiva do autor, aprender é aprender pela experiência. E a experiência, nesse caso, é fruto do processamento individualizado de uma vivência, que tenha retirado a pessoa de

sua zona de conforto, seja por qual motivo for. Contudo, todas as interações da pessoa com o que a rodeia, perpassam pela sua interpretação das situações, de acordo com a sua visão do mundo, suas experiências prévias e o seu contexto cultural. Esta multidimensionalidade do experienciar humano, precisa ser contextualizada pois, na ótica de Jarvis (2012, p. 16) é “a pessoa inteira que experimenta a situação e, portanto, para entender a natureza da experiência, é necessário ter noção sobre a pessoa e o meio ambiente”.

A teoria de Peter Jarvis, sugere que a transformação do adulto ao longo da vida (e da sua história de vida), segue em paralelo à aprendizagem pelas experiências, sendo este um processo iniciado quando a pessoa identifica um não-saber, a que o autor nomeou disjunção, e surge uma divergência entre o seu repertório de saberes e a situação vivenciada. A tomada de consciência desta disjunção, principia uma trajetória interior para a solução dessa ignorância, em que cada pessoa trilha o seu próprio caminho, até que o resultado leve a uma aprendizagem (quando consegue uma resposta para a sua disjunção) ou a uma não-aprendizagem (disjunção não resolvida).

Foi para tornar claro esse percurso individual do processamento de uma experiência que leva à transformação da pessoa, que Jarvis desenvolveu sua teoria da aprendizagem, apresentado o primeiro modelo para esta representação, no ano de 1987, atualizando sua última versão em 2015, intitulada como Diagrama da Transformação da Pessoa pela Aprendizagem.

Neste Diagrama, o autor buscou organizar por etapas (nomeadas por ele como caixas), o processo de transformação da pessoa a partir de experiências disjuntivas. Segundo o mesmo, realizando ou não aprendizagem a partir de uma experiência, a pessoa inevitavelmente se transforma em outra no mundo (será apresentado o conceito de mundo-vida) alterando também a sua história de vida. A ótica de Jarvis está na centralidade da aprendizagem na pessoa e as externalidades são objetos de influência neste processo, o que o autor afirma quando menciona que “fundamentalmente, o resultado da aprendizagem é a pessoa que aprende e é modificada, embora essa pessoa modificada possa causar vários resultados sociais diferentes” (Jarvis *cit in* Illeris, 2013, p. 35).

Para que se possa compreender esta relação entre a pessoa, o seu mundo-vida e a sua história de vida, há que se esclarecer os pontos de vista de Peter Jarvis sobre os conceitos-chave que subscrevem sua teoria da aprendizagem humana, a saber: pessoa, tempo, experiência, disjunção, mundo-vida e história de vida. A definição do autor para aprendizagem foi destacada anteriormente neste trabalho.

Porque estes conceitos não são unânimes na comunidade acadêmica, existindo linhas de pensamento por vezes divergentes, ressaltamos que para este estudo utilizamos exclusivamente, o posicionamento de Peter Jarvis sobre os mesmos, permitindo assim compreender na integralidade, a sua teoria da aprendizagem experiencial adulta.

De partida, começamos com o conceito de pessoa, que encontra definições heterogêneas nas ciências humanas, sociais e da vida. Para Jarvis (2012), a teoria monista não-reducionista seria a que mais se aproxima da sua visão de constituição do indivíduo, sendo a pessoa constituída de corpo, cérebro e mente e que, esses três constituintes trabalham em conjunto ou independentemente, na elaboração da aprendizagem (dependendo do tipo), ainda que cada qual tenha sua particularidade funcional neste processo de construção do conhecimento:

o corpo/cérebro e a mente têm a mesma substância, mas funções separadas, que sugerem que o corpo/cérebro e a mente podem interagir separadamente ou em conjunto com o ambiente: o corpo tem experiências primárias e a mente, secundárias (ou mediada), ou o corpo/cérebro podem ter experiências sensoriais e a mente, cognitivas (p. 16).

Com relação à mente, estarão envolvidos os processos cognitivos e todos os saberes do indivíduo, tantos os elaborados a partir das experiências pessoais, quanto os provenientes da transmissão cultural em sociedade. Partindo deste entendimento, poderemos compreender que para Peter Jarvis, o mundo-vida de uma pessoa, é o espaço onde existe a mediação cultural das experiências do indivíduo, onde a cultura estabelece nossa forma de ver, estar e interagir nos mundos-vida pelos quais transitamos ao longo de nossas vidas e onde “nossos mundos-vida são as práticas rotineiras da vida e por isso, nossa aprendizagem se relaciona com a ação pragmática, para ser possível alcançar determinados objetivos e comportamentos. Nosso mundo-vida é aquele que nos é familiar e onde nosso comportamento pode ser tomado como adequado” (Jarvis, 2013, p. 12).

Desta forma, nosso mundo-vida é o espaço de interação mediado pela cultura (individual e coletiva), onde nos sentimos à vontade com o que sabemos, onde existe a presunção da normalidade. No entanto, à medida em que vivenciamos novas situações e nos inserimos em espaços culturais diferentes (nos níveis micro e macro), novas experiências nos tiram dessa obvia da zona de conforto, e causam disjunções que podem levar à novas aprendizagens.

Neste cenário, o mundo-vida é a zona de afluência das interações da pessoa com o meio, com as outras pessoas e com si própria, em que estas interações são determinadas por práticas culturais contextualizadas no tempo e no espaço. A cultura para o autor, é o resultado do acúmulo da experiência evolutiva daquele grupo social onde a pessoa está inserida, e é “composta por todos os conhecimentos, habilidades, atitudes, crenças, valores e emoções que nós, como

seres humanos, acrescentamos à nossa base biológica e que externalizamos como resultado de nossa aprendizagem” Jarvis (2013, p. 10).

Esclarecer o termo ‘disjunção’, foi uma preocupação de Jarvis (2009) dado o ineditismo do conceito no campo da aprendizagem humana, entendendo, contudo que

A disjunção é um fenômeno complexo. É melhor descrito como a lacuna entre o que esperamos perceber quando temos uma experiência do mundo como resultado de nossa aprendizagem anterior e, portanto, de nossa biografia, e com a qual somos realmente confrontados (p. 29).

Esta disjunção pode ocorrer a partir de inúmeros estímulos: “quando as pessoas estão sozinhas, quando refletem sobre os acontecimentos anteriores ou mesmo quando vivenciam uma experiência ao interagir com o mundo natural, de modo que nem todas as experiências disjuntivas ocorrem como resultado da linguagem e da interação” (Jarvis, 2015, p. 815) contudo, é crucial compreender que o evento disjuntivo é a tomada de consciência sobre o não-saber e a decisão do sujeito sobre como irá lidar com esta disjunção.

Quanto ao sentido que Peter Jarvis atribui ao termo experiência, entendemos que seja a construção de saberes, articulada com as vivências realizadas no seio de um dado mundo-vida e do repertório individual prévio de conhecimentos, o que o autor explicita quando menciona que “cada situação é uma experiência na qual aprendemos, através de nossa interação com nosso ambiente e desenvolvendo nossa experiência passada na continuidade da vida experienciada” (Jarvis, 2012, p. 16).

Ao observarmos a teoria da aprendizagem adulta via experiência, de Peter Jarvis, identificamos que o tempo é apresentado em destaque, por ser um fator inexorável da vida humana e influenciar diretamente no que aprendemos e no que somos. O tempo, nesta teoria, é de fundamental importância, pois implica tanto no movimento contínuo da vida (mais vivências diferentes e o próprio processo de amadurecimento biológico do indivíduo) quanto, no fluxo permanente de interação da pessoa com o mundo-vida (ou vários deles), no processo da construção de sua história de vida. O tempo, para Jarvis (2015, p.814) “retrata o movimento ao longo da vida, quando nos deslocamos de um mundo da vida para outro”.

O que somos capazes de narrar sobre as vivências que tivemos ao longo de nossa existência, ao transitarmos por mundos-vida distintos, compõem nossa história de vida: “os indivíduos traçam suas histórias de vida, se engajando em um processo de aprendizagem a partir do que conseguem lembrar de suas experiências de vida” (Jarvis, 2013, p. 62). Desta forma, a história de vida de uma pessoa é o seu universo narrativo das experiências passadas, que interage com o mundo-vida atual e influencia nas novas aprendizagens futuras.

O aprender uma nova cultura e sobre como ser e viver nela, perpassa obrigatoriamente, por elaborar um constructo inédito de saberes, concernentes a comportamentos, atitudes e valores, que não estarão disponibilizados objetivamente para a migrante, inclusive sobre o que é ser mulher naquela sociedade/mundo-vida. A produção deste novo quadro de referências, a que o indivíduo se apoiará no processo de integração, será elaborado consoante aquilo que a comunicação verbal e não-verbal, presentes nas interações com os nativos, ensinará sobre a maneira de viver daquele lugar. Jarvis (2013), se referiu a esta dinâmica de aprendizagem cultural dependente da interação social:

através da interação aprendemos: o que significa ser um membro do grupo cultural específico, como desempenhar o nosso papel na sociedade em que vivemos, pensar da maneira como os nossos colegas membros culturais pensam e, conseqüentemente, aprender da maneira que aprendem. De facto, aprendemos a ser pessoas sociais, mas esses eus não são estáticos, pois continuamos a aprender todas as nossas vidas, mas eles são estáveis e reconhecíveis ao longo do tempo (p.11).

A elaboração desses significados que irão estruturar o novo quadro de referências, será objeto das experiências conscientes e não conscientes, realizadas na interação com este novo ambiente cultural e, somente nele, farão sentido pois, a cultura é a impressão digital de uma sociedade e, muito provavelmente, o que a migrante aprendeu em sua cultura de origem, possa não fazer sentido algum na sociedade de acolhimento. Por vezes, é possível até que um migrante viva muitos anos em um determinado local e, ainda assim, não seja capaz de compreender a amplitude das nuances culturais daquele espaço. Sobre esta contextualização dos significados culturais e o modo de propagação dos mesmos, Jarvis (2009, p. 116) ressalta que “o significado que é aceito por um povo, é inserido em sua cultura e transmitido de geração em geração, até o momento em que o significado é considerado desatualizado ou simplesmente errado”.

Com relação à experiência implícita, necessariamente haverá de ser proveniente de uma dimensão não consciente, subjetiva, simbólica, que contempla tudo aquilo que a cultura, as relações sociais e as experiências sensoriais corpóreas aprendem com o mundo-vida, mas não se tem a percepção clara de que aquilo é sabido (é não-consciente). Ativamos esses conhecimentos na nossa vida prática de forma um tanto automática/não reflexiva, após determinado realizando sistematicamente a mesma atividade, o que pode ser nomeado conhecimento tácito ou procedural. Esta dimensão subjetiva e não consciente é também, a responsável pelos nossos sentimentos e acabam sendo interferências significativas em nossos processos de aprendizagem, pois somos seres racionais, mas também passionais, e essa gestão de nossas emoções se conecta à maneira como

os afetos/sentimentos são aprendidos inconscientemente – nos sentimos à vontade com o familiar, e assim por diante. Os sentimentos realmente fundamentam uma grande dose de nossa motivação para agir, mas nossa aquisição destes sentimentos tem sido um processo não consciente (Jarvis, 2015, p. 819).

Quando alguma situação vivenciada ativa um saber tácito/procedural não-consciente, esta aprendizagem, que foi implícita em um primeiro momento, passa a ser a base para um novo ciclo de aprendizagem explícita consciente, onde tanto a reflexão, a ação ou a emoção agirão sobre este saber em transformação. Jarvis (2015) entende que este obscuro movimento de apreensão (não racional) de determinados elementos de uma experiência, é sempre nebuloso pois

uma vez que se trata de uma representação, em vez de qualquer outra coisa, há aspectos do evento ou acontecimento situados na periferia da nossa experiência consciente dos quais não estamos conscientes, mas esses podem muitas vezes se internalizar inconscientemente no mesmo tempo que os fenômenos dos quais estamos conscientes (p.816-817).

Para o entendimento da aprendizagem explícita, podemos associar que esteja no cômputo dos saberes objetivos, aqueles que se sabe que se possui (conscientemente), por assim dizer; a “experiência consciente ocorre em cada disjunção na vida e nossas experiências ocorrem através de todos os sentidos” (Jarvis, 2015, 816).

Para simplificar estes conceitos, retomo uma passagem anteriormente utilizada neste texto: “nossa experiência consciente torna-se a base da aprendizagem explícita, porém o que experienciamos sem estarmos conscientes, é a base da aprendizagem implícita e do conhecimento tácito” (Jarvis, 2015, p. 809), e a maneira como esses conhecimentos são elaborados ainda é nebulosa, mas

a aprendizagem explícita e implícita constituem, provavelmente, duas formas diferentes de aprendizagem e que ambas se reportam ao que internalizamos como resultado de nossas experiências – a explícita é consciente, mas a implícita se relaciona com aspectos não conscientes ou não voluntários da experiência (Jarvis, 2015, p. 822).

Importante ressaltar que essas aprendizagens (explícita e implícita) podem ocorrer em paralelo, a partir de uma mesma experiência disjuntiva pois, enquanto a consciência está ativada para elaborar aquela experiência, a não-consciência se mantém no pano de fundo, captando elementos subjetivos que a racionalidade não permite.

Da mesma forma, uma aprendizagem pode se iniciar implicitamente e depois, entrar em um ciclo de aprendizagem explícita, quando trazemos à tona da racionalidade, tudo o que estava na periferia da consciência. Tanto a elaboração desses conhecimentos tácitos ou implícitos,

quanto a inter-relação entre a produção consciente e inconsciente de saberes (de qualquer natureza), ainda demandam estudos científicos mais aprofundados, mas Peter Jarvis foi veemente na defesa de sua importância, por perceber ser algo que perpassa toda a aprendizagem humana; Jarvis (2015) entende que

essa diferença entre o que nós internalizamos conscientemente e o que talvez tenhamos realmente internalizado que é significativo para a nossa compreensão da aprendizagem implícita: é a nossa percepção daquela realidade interna que se transforma no processo de aprendizagem, através de nosso pensar, sentir e fazer (...) e esse processo é explícito. Estamos conscientes do nosso aprendizado em todas as três dimensões (indivíduo, meio natural e mundo social), porém, é aquela internalização não consciente que muitas vezes esquecemos e que também é muito importante para nós (p. 822).

Sobre a natureza dos imputes para a inicialização de um ciclo de aprendizagem, podemos distinguir dois tipos de experiências disjuntivas que influenciarão nas aprendizagens realizadas: a experiência reativa e a experiência pró-ativa. A compreensão desta diferenciação se fez crucial para esta investigação, pois as experiências formadoras (que resultaram em aprendizagens) relatadas pelas participantes deste estudo, vieram tanto de situações reativas, quanto pró-ativas, a começar pela própria decisão de migração.

Quando são recebidos estímulos externos não deliberados (como situações inesperadas, sensações físicas ou lembranças de acontecimentos passados) e esse acontecimento surpreende, de alguma forma, por não se ter resposta inicial a ele (experiência disjuntiva), o comportamento será o de reagir a isso. O tipo da reação, será fruto de muitos fatores como da análise sobre o acontecimento, da elaboração de um significado para ele e da avaliação sobre as possíveis respostas, e tudo isso, terá por base: o contexto em que se realiza, os conhecimentos prévios e um processo de reflexão e/ou ação e/ou emoção (ou as três coisas ao mesmo tempo) sobre o ocorrido. Utilizando a referência do autor para este tipo de aprendizagem, fica claro que, “se há mudanças no mundo natural ou social, reagimos aos estímulos que produzem e temos uma experiência através da qual nos modificamos e nos adaptamos à nova situação” (Jarvis, 2012, p. 18).

De outra forma, quando a pessoa está insatisfeita ou inquieta com a obviedade do seu mundo-vida (social ou natural), pode decidir por tomar alguma iniciativa para tentar mudar a situação buscando resposta a esta insatisfação. Desta maneira, haverá uma experiência pró-ativa, quando “também podemos desejar mudar o ambiente, natural ou social, no qual vivemos e, assim, as setas também ilustram que a pró-ação individual também pode gerar mudanças nos outros elementos da rede do mundo da vida” (Jarvis, 2012, p. 18).

Este movimento acima mencionado, é voluntário, deliberado e faz com que o indivíduo se lance em novas experiências. Estas também serão inéditas e poderão trazer disjunções, que

iniciariam um novo ciclo de aprendizagem, só que desta vez terá aqui um elemento diferenciador: a expectativa de quem procura. Com isso, é natural que o resultado obtido estimule uma comparação (reflexão) com a expectativa inicial, o que poderia iniciar um novo ciclo de aprendizagem explícita, e assim sucessivamente. As experiências instigam oportunidade para a realização de novos saberes e estes novos saberes, estimulam novas experiências, alimentando um ciclo iterativo de aprendizagem.

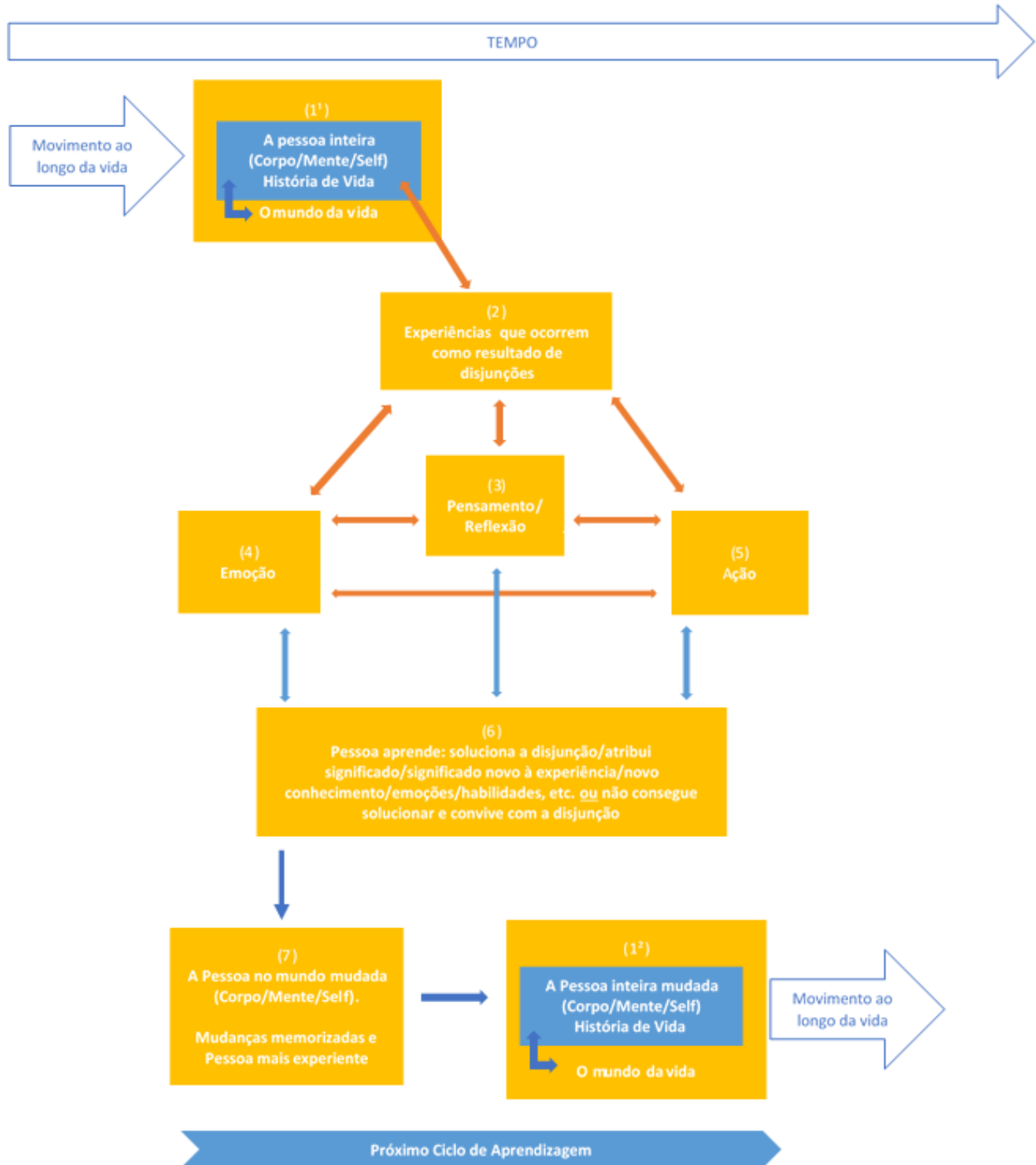
2.2. O Diagrama da Transformação da Pessoa pela Aprendizagem, de Peter Jarvis

Apresentar as peculiaridades entre os tipos de aprendizagem (explícita e implícita), a forma como se realizam (conscientemente ou inconscientemente) e suas motivações (reativa ou pró-ativa) é essencial para que se possa compreender a proposta do Diagrama de Peter Jarvis, entendendo suas potencialidades e restrições, visto que esta proposta contempla somente as fases do ciclo da aprendizagem experiencial explícita, por meio de experiências disjuntivas conscientes.

O posicionamento autor de Peter Jarvis (2009, 2012, 2013, 2015) sobre a aprendizagem humana ser uma atividade holística e personalizada (centrada no aprendente), nos permitiu compreender que sua proposta do Diagrama de Transformação da Pessoa pela Aprendizagem, teve o intuito de permitir a análise estruturada das fases de processamento de uma experiência disjuntiva, e não intenta padronizar/homogeneizar um modelo estático para a aprendizagem, estando assente justamente, na ideia da individualização dos percursos e na singularidade dos constructos.

Na figura seguinte, será apresentada a versão última publicada do Diagrama da Transformação da Pessoa pela Aprendizagem, de Peter Jarvis (2015, p. 814) e na sequência, o detalhamento de cada etapa (a que o autor nomeou 'caixa') do processo de elaboração da aprendizagem explícita, a partir de uma experiência consciente.

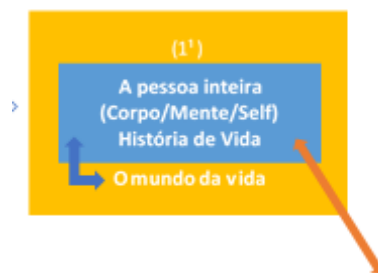
Figura (1): Diagrama da Transformação da Pessoa através da Aprendizagem, de Peter Jarvis (2015, p. 814).



Caixa 1.¹ - A pessoa inteira (corpo, mente e self) e a sua história de vida, no mundo-vida

A **caixa 1.¹**, representa a primeira etapa do ciclo de aprendizagem de Peter Jarvis, e envolve a pessoa inteira (corpo, mente e self) e a sua história de vida, dentro de um mundo-vida óbvio, em situações presumidas, carregado de saberes previamente elaborados.

Figura (2): Caixa 1.¹ - A pessoa inteira (corpo, mente e self) e a sua história de vida, no mundo-vida



Nesta etapa, a interconexão entre o tempo, a pessoa, o mundo-vida e sua presunção de normalidade (mundo óbvio), resultam em uma fase de platô de aprendizagens conscientes, que Jarvis (2009, p. 27) postula como uma fase em que “continuamente vivemos através do tempo, em nosso mundo-vida presumido e aparentemente, não estamos aprendendo. Enquanto isso ocorrer, não estamos conscientes de ter uma experiência: de certo modo, não estamos mudando, nem estamos mudando o mundo”.

Contudo, o autor também pondera que essa não realização de aprendizagens conscientes, não implica na nulidade de outras aprendizagens implícitas (inconscientes), pelo contrário, ainda que não se saiba seu mecanismo, essas aprendizagens ocorrem:

enquanto pudermos presumir sobre o mundo, não o afetamos conscientemente, nem conscientemente aprendemos, mas essa é uma questão problemática para a aprendizagem - podemos estar internalizando algumas informações, inconscientemente (Jarvis, 2009, p. 27).

Seguindo ainda na **caixa 1.¹**, podemos notar que há uma seta de duas direções, entre esta e a **caixa 2**, e esta seta, representa o momento em que ocorre uma disjunção, uma situação diferente do mundo óbvio, podendo ser resultado de uma experiência pró-ativa ou reativa do

sujeito e envolver qualquer um dos três elementos dimensionais da aprendizagem, a saber: o indivíduo, o mundo social e o mundo natural.

Neste ponto, é preciso elucidar que, nem toda a situação em que a expectativa do indivíduo se confronta com a realidade percebida, se transformará em uma experiência disjuntiva. A distância entre a percepção da realidade e a biografia do indivíduo, é que determinará a natureza da situação e, dependendo da distância observada, o indivíduo poderá sentir a necessidade de iniciar um ciclo de aprendizagem para solucionar esta disjunção. Para Jarvis (2009), existem quatro níveis que podem ser identificados entre a percepção de realidade e as expectativas da pessoa, a coincidência, a divergência, a separação e a distinção:

A coincidência é o estado estacionário, quando há harmonia entre expectativa e percepção, mas os próximos dois estágios - divergência e separação - são estágios em que a lacuna entre a percepção e a realidade não é muito grande e os indivíduos reagem a ela, buscando restabelecer o estado estacionário, consciente ou inconscientemente, através da aprendizagem em qualquer um dos três domínios do pensamento, ação e emoção. Há uma maior propensão para responder inconscientemente quando a lacuna é pequena (divergência), enquanto uma lacuna mais ampla (separação) exige um ato consciente de aprendizagem. No estado final 'distinção', os indivíduos reconhecem que não conseguem entender sua situação (p. 30).

Nos estágios de separação e distinção, é que o indivíduo identifica que precisa buscar meios para resolver a sua questão, pois "é a experiência de estar na ignorância, que desencadeia a reação de aprender e restaurar o estado estacionário nessa dimensão específica, das conexões com o mundo-vida" (Jarvis, 2012, p.21). Esta opção por buscar resolver, é que provoca "o início do processo de aprendizagem: nos tornamos conscientes de que não sabemos e precisamos saber se devemos continuar fazendo o que estivemos fazendo ou pensando o que estivemos pensando" (Jarvis, 2009, p. 64). O autor defende que

Em geral, tratamos nossa situação como um fenômeno bastante estático, mas temos de reconhecer que, as estruturas sociais de nosso mundo-vida mudam, muitas vezes com muita rapidez, e quando elas mudam, nossas certezas/familiaridades e hábitos da vida diários são destruídos, e temos de descobrir novos padrões para nossas vidas (Jarvis, 2009, p. 52).

A situação que leva à disjunção, estará sempre condicionada à percepção da pessoa sobre a realidade, com base no seu quadro de referências simbólico, que envolve seu repertório de saberes prévios e a sabedoria do seu corpo (em termos de evolução biológica), ou seja, uma mesma situação desencadeará reações diferentes em pessoas diferentes e essas reações, serão culturalmente construídas, o que significa que a migrante (no caso deste estudo), reagirá a uma situação a partir do quadro de referências culturais que trouxe, ainda que a situação em si, possa

ter um significado completamente diferente na sociedade de acolhimento, do que teria na sua de origem. Jarvis (2009), aponta para a unicidade da percepção sobre um determinado evento e que para entendermos a aprendizagem humana

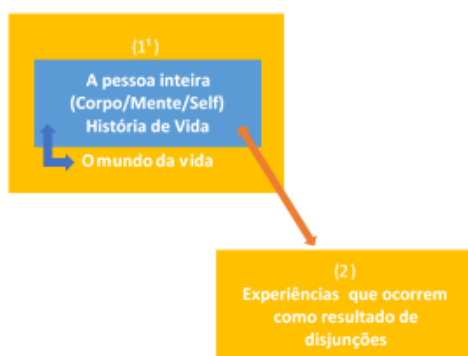
é necessário reconhecer que nossa percepção da situação em que estamos, afetará nossa compreensão do evento ou de seu conteúdo. Em outras palavras, veremos as coisas cultural e individualmente, como resultado de nossas experiências de aprendizado anteriores, cujas memórias estão armazenadas em nossa história biográfica e em nossa história biológica, que se expande com a idade. A idade é uma característica importante em nossa situação, já que percebemos o mundo de maneira diferente, à medida que envelhecemos (p. 51).

Esta construção de um novo quadro de referências, no caso da trajetória migratória, se apresentará acelerada no início, mas tenderá a diminuir em quantidade e impacto com o passar do tempo, dado o ineditismo do novo mundo-vida ir se esvanecendo e desacelerando o volume de situações disjuntivas, até que um quadro de referências (significados) base seja construído, e a pessoa consiga permanecer mais em um estado de obviedade e mundo-vida presumido, integrada na nova cultura de acolhimento.

Caixa 2 – Experiências que ocorrem como resultado de disjunções

Na sequência do Diagrama, observamos que a **caixa 2**, representa a experiência disjuntiva em si, que será resultado de uma situação não presumida no mundo-vida do indivíduo, uma situação que não fez sentido para ele, que não está armazenada em seu quadro de referências e saberes prévios. A experiência disjuntiva seria o momento em que a pessoa, passa a buscar um sentido para a situação, uma solução para a sua disjunção.

Figura (3): Caixa 2 - Experiências que ocorrem como resultado de disjunções



Sobre esta busca incessante por significação do mundo-vida, Jarvis (2009) sugere que há neste fato, o cariz biológico e genético

como resultado de nossa evolução, os seres humanos nascem com uma propensão a buscar significado. Isso é algo que é resultado da nossa existência: refletimos sobre nós mesmos e sobre o mundo em que vivemos, questionamos a existência e procuramos conceber respostas para essas questões. É como se a curiosidade tivesse sido construída em nós, como resultado de nossa evolução, mas não é apenas um fenômeno biológico (p. 70).

Entretanto, Jarvis (2009) argumenta que as experiências em si, não possuem significado, o indivíduo é que concede significado a elas, a partir do simbolismo (significado sociocultural) que a experiência possui naquele contexto e, do que o indivíduo consiga articular entre seu quadro de referências e sua capacidade reflexiva, ocasionando a uma interpretação pessoal que dará ao evento. Esta significação de uma experiência disjuntiva, no caso das migrantes, será cada vez mais ajustada ao simbolismo real daquele evento, naquela cultura, quanto mais situações da mesma natureza a migrante experienciar, no seu processo de socialização e aculturação, aprendendo com os outros. Não há, portanto, construção de significados, sem um quadro de referências daquela cultura e não há quadro de referências, sem interação com os nativos daquela cultura e o meio natural em que se inserem, desta forma, Jarvis (2009) defende que

os sistemas de significado pré-datam os indivíduos e estão embutidos nas culturas, de modo que quando somos socializados em nossa cultura também somos socializados nos sistemas de significado relevantes e atribuímos significados a eventos e experiências em nossas vidas que refletem esse processo de socialização (p.116).

Caixas 3, 4 e 5 - Pensamento ou reflexão (caixa 3), Emoção (caixa 4) e Ação (caixa 5)

A partir do momento que o indivíduo resolve buscar solução para a sua disjunção, ele inicia um processamento da experiência, representado pela **caixa 2**. Para tentar transformar esta experiência em uma solução para sua disjunção, ou seja, uma aprendizagem, a pessoa tem como vias possíveis: o pensamento ou reflexão (**caixa 3**), a emoção (**caixa 4**) ou a ação (**caixa 5**), bem como pode perpassar pelas três caixas em sequência ou apenas por algumas delas (em qualquer direção), até resolver sua questão. Jarvis (2013, p. 40), explicita as etapas de processamento de uma experiência, na seguinte referência “depois de ter uma experiência (**caixa 2**), que poderia ocorrer como resultado de uma disjunção, podemos rejeitá-la, pensar sobre ela,

responder emocionalmente ou fazer algo a respeito – ou qualquer combinação dessas opções (caixas 3-5)”.

Figura (4): Caixas 3, 4 e 5 - Pensamento ou reflexão (caixa 3), Emoção (caixa 4) e Ação (caixa 5)

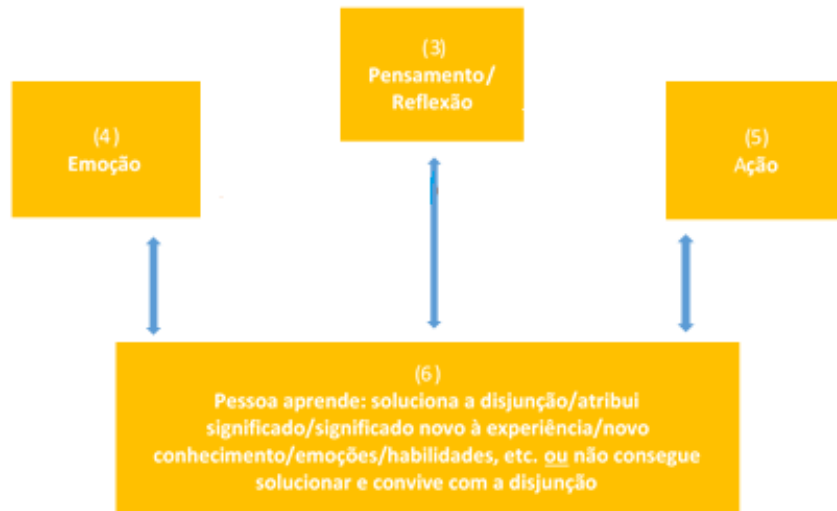


O resultado desta transformação da experiência disjuntiva, através do pensamento ou reflexão (caixa 3), da emoção (caixa 4) e/ou da ação (caixa 5), poderá ser: a solução para a disjunção, o encontro de uma resposta à questão inicial, ou seja, seria a aprendizagem realizada ou, a não-aprendizagem, quando o indivíduo não consegue resolver sua questão e vai decidir na sequência, o que irá fazer com esta informação: “o resultado da transformação é que as pessoas realmente aprendem ou não conseguem resolver sua disjunção”(Jarvis, 2015, 815).

Caixa 6 - Pessoa aprende, soluciona a disjunção ou não consegue solucionar a disjunção

A aprendizagem ou não-aprendizagem, estaria simbolizada na **caixa 6**, como se refere Jarvis (2009, p. 30): “o resultado do processo é que aprendemos a partir do conteúdo da experiência e/ou aprendemos mais sobre nós mesmos, ainda que não possamos aprender com o conteúdo da experiência”.

Figura (5): Caixa 6 - Pessoa aprende, soluciona a disjunção ou não consegue solucionar a disjunção



De um forma geral, neste ponto do Diagrama e do ciclo de aprendizagem de Peter Jarvis, os aprendentes se tornarão protagonistas agentes de sua formação, pois o processamento das experiências (pela reflexão, ação ou emoção) levarão a soluções (para a disjunção) que ainda precisarão ser validadas pelos sujeitos, para se verificar se funcionam naquela cultura subjacente, naqueles contexto e ambiente, onde será empregada. Somente após este processo de *testagem*, é que o novo conhecimento/saber será incorporado no repertório pessoal dos aprendentes.

Aprender, significa, que se deu sentido à experiência, que se conseguiu chegar a um resultado factível para a biografia do indivíduo, que o resultado da experiência poderá ser diverso: um novo saber, um novo conhecimento, um comportamento, uma nova concepção sobre algo, um novo ponto de vista, um novo saber-fazer ou, simplesmente, um novo saber-ser no mundo-vida. Não há aqui, um juízo de valor para uma aprendizagem, tudo é importante, tudo transforma, tudo é parte do ser, que é singular e que tem uma história de vida própria, mas que está inserida no contexto social macro.

No caso de a pessoa concluir que não resolveu sua disjunção, não encontrou uma solução testável ou que fizesse sentido, em teoria, não aprendeu com aquela experiência. As pessoas determinarão o que fazer com suas disjunções e poderão fazer suas escolhas: “elas podem aprender a viver na ignorância, ou com a consciência de que elas necessitam aprender, a fim de resolver sua disjunção ou, ainda, podem iniciar todo o processo novamente” (Jarvis, 2015, p. 815). Se, naquele momento, o indivíduo não se sentir motivado ou capacitado para iniciar, ime-

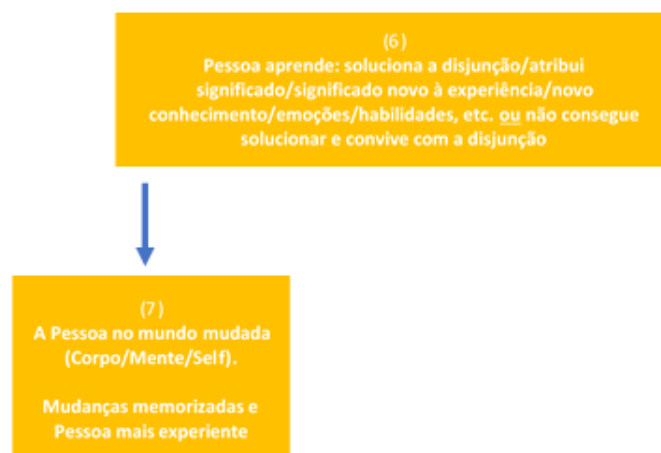
diatamente, um novo ciclo de aprendizagem sobre aquela mesma experiência, ele o poderá fazer a qualquer tempo, ao longo da sua história de vida, quando possuir desejo, necessidade ou, ou se depare com situação similar no futuro, ou que sinta ter outros conhecimentos ou habilidades complementares, que lhe permitam revisitar a experiência disjuntiva e buscar novas soluções e sentidos para ela.

Desta forma, a aprendizagem é contínua e se interrelaciona tanto com o que se aprendeu, tanto com o que se carrega de disjunções não resolvidas e vai sendo, iterativamente e interactivamente, construída, ao longo da vida do indivíduo. Este *ir* e *vir*, do que já se sabe, e do se quer ou precisa saber, é justamente, o processo de formação da pessoa.

Caixa 7 – A Pessoa no mundo mudada (Corpo/Mente/Self)

Independentemente da realização ou não de aprendizagem, só por passar por experiências disjuntivas e com isso, iniciar um ciclo de aprendizagem, para processamento desta experiência, a pessoa já se transformou e não é mais a mesma quem iniciou o ciclo de aprendizagem; é uma pessoa mais experiente no seu mundo-vida e sua biografia já incorporou esses novos registos. Surge, então, uma pessoa transformada, mais experiente, que pode não ter ainda a noção da dimensão da experiência na sua história de vida, contudo, inexoravelmente, “a experiência ainda afeta o Self do aprendente” (Jarvis, 2015, p. 815) e “tornamo-nos pessoas modificadas e assim, é somente sendo que nos tornamos e, na aprendizagem, experienciamos o processo de vir a ser” (Jarvis, 2013, p. 40).

Figura (6): Caixa 7 – A Pessoa no mundo mudada (Corpo/Mente/Self)



A **Caixa 7**, do Diagrama de Peter Jarvis, demonstra exatamente isso, a pessoa que se transformou o contato com o mundo-vida e com o que conseguiu construir, a partir do que vivenciou. Ainda que o repertório de saberes e aprendizagens não tenha sido alterado (no caso de não solucionar a disjunção), inevitavelmente, o repertório de experiências foi acrescido de situações e reflexões, que ficarão ali em segundo plano, à espera de que uma outra situação similar, ou inédita, reative aquela memória e utilize também o que não se aprendeu, para iniciar novos ciclos de aprendizagens.

Caixa 1.² - A Pessoa inteira mudada (Corpo/Mente/Self) e a sua história de vida, no mundo-vida

A pessoa no mundo mudada e mais experienciada (**caixa 7**), volta então à fase da previsibilidade do mundo-vida (**caixa 1.²**), mas de toda forma, a sua história de vida já será outra, as habilidades, atitudes e competências que desenvolveu ou mobilizou no processo de transformação da experiência, irão afetar diretamente o seu *estar* no mundo-vida, suas interações e suas percepções na sequência de outras situações, já serão outras, pois “de fato, eu mudo e, portanto, muda a situação em que interajo. Conseqüentemente, podemos concluir que a aprendizagem envolve três transformações: a sensação (de disjunção), a pessoa e, depois, a situação social.” (Jarvis, 2013, p. 40).

Figura (7): Caixa 1.² - A Pessoa inteira mudada (Corpo/Mente/Self) e a sua história de vida, no mundo-vida



De toda forma, não se pode esquecer que somos seres inacabados, em eterna construção. A plasticidade cerebral humana que Dewey (2001) defendeu, é completamente validada como uma capacidade inerente ao ser humano, que transforma suas experiências com o seu

meio e do seu meio, em conhecimentos e a partir desses conhecimentos, transforma outras experiências, a si mesmo e ao mundo. Jarvis (2013) reforça a noção da iteratividade da aprendizagem humana:

a aprendizagem também pode ser vista como um processo vitalício intrínseco ao próprio organismo vivo, em que a força interna individual da vida, experimenta a externalidade (através do corpo e da mente) e gera um estado permanente de transformação no ser humano. Esse estado é aquele em que buscamos harmonia com o mundo externo, mas toda distração, disjunção ou desejo - um novo estado de consciência - leva a uma nova situação de aprendizagem (p. 13).

Neste processo de inacabamento, a pessoa permanece em construção ao longo da sua história de vida, se movendo através do tempo e do(s) espaço(s) por mundos-vida cada vez mais exigentes e instáveis nesta realidade fluída pós-moderna, exigindo-se lidar com disjunções contínuas e cada vez mais complexas, suportadas por comunidades (e seus indivíduos) titubeantes entre a multiculturalidade e as possibilidades da vida globalizada e a manutenção de sua normalidade e suas raízes culturais.

Para o propósito deste estudo, que foi de conhecer as experiências migratórias e as aprendizagens (e não-aprendizagens) das mulheres Brasileiras em Portugal neste percurso, foi estrutural conhecer cada fase deste Diagrama proposto por Peter Jarvis, permitindo assim obter um olhar diferenciado, compreensivo e estruturado, sobre as experiências narradas pelas entrevistadas.

CAPÍTULO III - OPÇÕES METODOLÓGICAS

3.1. Problemática do estudo

Esta investigação ambiciona explorar o processo pessoal de aprendizagem por meio das experiências em contexto migratório, tendo analisado em profundidade, as experiências e as aprendizagens narradas por mulheres Brasileiras imigrantes em Portugal.

Este campo de investigação abarca o desafio de compreender o que talvez seja, a grande questão humana: como nos transformamos no que somos? Esta questão acaba por se desdobrar em inúmeras outras, para que seja possível dar conta da complexidade da formação do indivíduo, considerando que somos formados o tempo todo, durante toda a nossa vida, de forma consciente ou não e em contato com o mundo e as pessoas.

Para entendermos quem somos, precisamos (como indivíduos e como cientistas) responder a um sem número de perguntas: o que aprendemos? Como selecionamos o que aprendemos? De que forma aprendemos, com quem, em que situações? O que influencia nossas aprendizagens? Por que nem sempre aprendemos com as experiências? Que experiências são formadoras? De que forma integramos essas aprendizagens em nossas vidas?

Porque esta temática da aprendizagem pela experiência é muito ampla e tangencia os mais variados campos do saber científico, inúmeras investigações vêm sendo realizadas em busca dessas respostas. Mesmo com todos os estudos a que temos acesso hoje, ainda não há consonância nem sobre de que forma um indivíduo se forma (cognitivamente falando), nem sobre a própria teoria da aprendizagem, indicando que ainda há muito o que se explorar sobre o assunto, o que justifica o interesse neste trabalho em pauta

O que parece ser consenso em praticamente todos os ramos do saber e pesquisas realizadas sobre a formação humana, é o fato das experiências serem a *chave* para os processos de aprendizagem, ainda que a forma como esse processo se desenvolve ainda esteja em discussão. Por conseguinte, para se conhecer os processos de formação humana, é preciso conhecer de que forma os indivíduos processam suas experiências e as transformam em aprendizagens. A migração se apresenta como um evento biográfico disruptivo e marcante na história de vida de uma pessoa e, presume-se potencialmente produtivo em novas experiências e diversificadas aprendizagens:

em termos de competências [...] (e) na ocasião de um acontecimento, de uma situação, de uma atividade, que coloca o aprendente em interação consigo próprio, os outros, o meio natural ou as coisas que o rodeiam (Josso, 1991, p. 198).

Tudo o que os migrantes possuem de saberes estabelecidos em seu mundo-vida, precisa ser reinventado e ajustado à nova realidade à posteriori à uma migração, pois grande parte do seu conjunto de saberes, não será compatível com as peculiaridades de um novo contexto cultural.

Além de uma nova cultura, o migrante precisa se perceber como um indivíduo desempenhando novos papéis, o que implica diretamente em transformações identitárias. Este estudo resolveu por investigar as mulheres imigrantes, por entender que o gênero pode ser um elemento agregador de desafios nos percursos migratórios e porque, o fenômeno da feminização da migração em todo o globo, tem trazido desafios também na adequação das políticas públicas para incorporar a perspectiva de gênero, nos programas de integração de imigrantes.

De forma a se conhecer as especificidades dos processos de aprendizagem experiencial das mulheres, em suas trajetórias migratórias, resolveu-se estabelecer como base para esta investigação, a seguinte questão orientadora: *o que aprenderam as mulheres Brasileiras em Portugal, com suas experiências migratórias?*

Porque esta questão orientadora abrange temáticas interrelacionadas, foi necessário estruturar o estudo em subtemas, de forma a se identificar quais foram os elementos que compuseram o processo de aprendizagem experiencial das participantes, a saber:

Que aprendizagens realizaram?

Como ocorreram estas aprendizagens?

Que transformações identitárias ocorreram nessas mulheres, a partir destas aprendizagens?

Para a operacionalização da investigação, em busca de respostas a essas questões, considerou-se os seguintes objetivos específicos no planejamento metodológico:

- Conhecer o perfil sociográfico das entrevistadas.
- Conhecer as motivações migratórias.
- Identificar as percepções quanto às transformações identitárias.
- Conhecer algumas experiências disjuntivas que lhes fossem significativas.
- Conhecer as aprendizagens a partir das experiências migratórias relatadas.
- Conhecer as etapas de elaboração das aprendizagens relatadas.

A decisão sobre quais seriam os eixos temáticos de análise, considerou a linha teórica desta investigação sobre a formação humana compreendendo que, a formação humana se realiza em um processo contínuo de aprendizagens, a partir das experiências biográficas, com base no repertório pessoal prévio de conhecimentos das participantes, e na interpretação que fizeram destas experiências.

Considerando essa perspectiva, se mostrou fundamental conhecer cada história de vida, sob o ponto de vista das próprias entrevistadas e perceber, o que para elas foi importante e quais aprendizagens identificaram ter realizado. A partir disso, dos objetivos específicos enunciados, e das perguntas que orientam a pesquisa, foram estruturados 2 eixos de análise para operacionalizar e delimitar o escopo da investigação: *processo migratório e aprendizagens experienciais e transformações identitárias*.

Questões de investigação	Eixos de análise
Que aprendizagens realizaram? Como ocorreram estas aprendizagens?	Processo migratório e aprendizagens experienciais
Que transformações identitárias ocorreram nessas mulheres, a partir destas aprendizagens?	Transformações identitárias

3.2. Dilemas da investigação

A questão que mais influenciou a decisão sobre a estratégia e o design metodológico desta investigação foi a situação de investigadora *insider*. A pesquisadora, é conhecedora do fenômeno migratório de mulheres de origem brasileira em Portugal, visto ser ela própria uma imigrante brasileira em Portugal. Esta duplicidade de papéis exigiu um esforço acrescido de reflexão epistemológica sobre a prática de investigação. A condição de migrante brasileira facilitou o acesso ao universo material e simbólico das mulheres brasileiras e à própria temática em estudo. Contudo, a familiaridade com o objeto de estudo requereu um exercício permanente de vigilância epistemológica, para o qual muito contribuíram as orientações de Afonso (2014), que preconiza que:

uma mobilização ativamente reflexiva da experiência pessoal e profissional do investigador, dos seus pressupostos, das suas atitudes e disposições perante a investigação que se propõe realizar, explicita a especificidade do seu olhar de investigador, tornando-o mais transparente e autocrítico, clarificando as relações de produção do discurso científico na situação concreta em análise (p. 49).

O grande desafio que se colocou foi o de encontrar o equilíbrio entre o conhecimento pessoal sobre o tema a investigar, com vista a enriquecer as questões de estudo e facilitar os processos de recolha e análise dos dados e, em contrapartida, manter a dialogicidade com o material empírico trabalhado.

3.3. Enquadramento metodológico

3.3.1. A opção pela investigação qualitativa de abordagem biográfica

Para se conhecerem as aprendizagens realizadas a partir das experiências migratórias das mulheres participantes no estudo, perceber como se realizaram essas aprendizagens e tentar compreender de que forma essas aprendizagens provocaram transformações identitárias, foi selecionada uma estratégia investigativa que privilegiou o registo das experiências e aprendizagens a partir da perspectiva das mulheres, sobre suas trajetórias migratórias.

Pressupondo que as aprendizagens fazem parte de um percurso singular, realizado a partir da interpretação pessoal das experiências de vida, dentro do contexto cultural e social em que se inserem e que englobam todas as dimensões humanas (biológica, psíquica, social, afetiva e racional), foi fundamental explorar essa multidimensionalidade das experiências com a aplicação de um método “que permita um retorno à experiência passada, a par da obtenção de descrições que ofereçam base para uma análise estrutural reflexiva que retrate a essência da experiência” (Amado, 2014, p. 83).

Entendendo que as experiências formativas são percursos individualizados relacionados com a base de conhecimentos, as interações e representações sociais e as subjetividades dos indivíduos, foi preciso optar por uma metodologia investigativa que propiciasse a captação de todas as nuances das experiências e que levasse à compreensão dos sentidos e significados dados por estas mulheres, às experiências relatadas.

Somente uma metodologia qualitativa, com abordagens compreensiva e interpretativa, permitiria o levantamento de informações acuradas sobre o universo pessoal das participantes, produzindo dados relevantes para o entendimento sobre seus percursos formativos. A escolha desta estratégia teve por base as orientações de Amado (2014), que destaca o foco da investigação qualitativa na busca pelos pontos de vista dos participantes sobre um fenômeno, quando menciona que:

central nesta investigação é a compreensão das intenções e significações – crenças, opiniões, percepções, representações, perspectivas, concepções, etc. – que os seres humanos colocam nas suas próprias ações, em relação com os outros e com os contextos em que e com que interagem. Procura -se o que, na realidade, faz sentido e como faz sentido para os sujeitos investigados. (p. 41)

O entendimento de um fenômeno na investigação qualitativa interpretativa e compreensiva, passa necessariamente pela compreensão ampla do tudo que o cerca, do mundo-vida e da realidade percebida pelas participantes no estudo, de modo a compor um cenário único para cada história e a partir deste, montar um *puzzle* sobre o processo formativo e identitário, a partir das aprendizagens experienciais migratórias.

Sendo este estudo baseado na valorização das experiências migratórias das mulheres imigrantes Brasileiras, a utilização da metodologia qualitativa se mostra eficaz no levantamento das percepções das mulheres sobre os efeitos dessa interseccionalidade (mulher, Brasileira e imigrante) em seus percursos formativos e experiências migratórias, conforme podemos verificar na afirmação de Bergano & Vieira (2016), sobre a importância da perspectiva das mulheres sobre esse recorte em gênero:

a valorização da perspectiva que os participantes têm acerca da forma como a ordem social de gênero marca as suas vidas e como estes processos são interpretados pelos participantes, o que seria difícil de alcançar através das estratégias de recolha de dados quantitativas, que recorrem normalmente a processos de standardização que eliminam (ou limitam) a visibilidade das idiosincrasias de certas pessoas (quase todas) e grupos. (p. 516)

Ao se considerar esta linha investigativa, não há como se definirem hipóteses sobre quais aprendizagens teriam sido realizadas durante o projeto migratório dessas mulheres, sem antes perguntar-lhes, pois para Afonso (2014, p. 34), “as abordagens interpretativas procuram analisar a realidade social a partir do interior da consciência individual e da subjetividade, no contexto da estrutura de referência dos atores sociais, e não na do observador da ação”.

Dadas as especificidades e unicidades dos percursos biográficos, e com base na perspectiva de que cada indivíduo faz suas escolhas pessoais e toma decisões que alteram o curso de suas histórias, somente após a análise dos dados recolhidos é possível conhecer as aprendizagens realizadas, descrevê-las e interpretar a forma como estas foram elaboradas por cada indivíduo, assim como seus efeitos. Para isto, a estratégia qualitativa se adequou perfeitamente a investigação em causa pois, segundo Amado (2014), o estudo qualitativo:

assenta numa visão holística da realidade (ou problema) a investigar, sem a isolar do contexto ‘natural’ (histórico, socioeconómico e cultural) em que se desenvolve e procurando atingir a sua ‘compreensão’ através de processos inferenciais e indutivos (construindo hipóteses durante e depois da análise dos dados). (p. 41)

Com a estratégia qualitativa interpretativa e compreensiva definida, a etapa seguinte foi definir a linha metodológica do estudo.

Para definir uma estratégia metodológica, a investigadora precisou analisar criteriosamente todas as intervenientes envolvidas no processo de desenvolvimento da investigação como: levantamento de dados produtivos e condizentes com o objetivo geral do estudo, tempo disponível para a realização do processo de recolha e análise dos dados, dimensão da amostra e a exequibilidade geral, considerando o esforço de uma só pesquisadora envolvida.

Afonso (2014, p. 62) apresenta uma visão geral sobre as possíveis “estratégias de investigação mobilizáveis no quadro da investigação naturalista: os estudos extensivos, os estudos etnográficos, os estudos de caso, a investigação-ação, os estudos biográficos e as histórias de vida, e, por fim, os estudos de avaliação”.

Cada alternativa foi analisada e avaliada conforme os critérios da investigadora, anteriormente mencionados, tomando em conta as orientações e implicações exploradas por Afonso (2014) e por outros teóricos constantes da bibliografia desta investigação.

Dentre todas as estratégias possíveis em estudos qualitativos, a escolha incidiu sobre apenas uma, que se mostrou a que melhor subsidiaria a produção de dados, ricos e fidedignos às narrativas das participantes sobre suas experiências pessoais e que, com eles, fosse possível compor um quadro analítico respondente à questão orientadora e aos objetivos desta pesquisa.

Considerando que esta investigação não tinha um carácter longitudinal nem extensivo e, tampouco, buscava validar hipóteses, sendo o carácter primordial a imersão no universo experienciado das participantes segundo a sua perspectiva, os estudos biográficos se apresentaram como a abordagem apropriada ao intuito de se conhecer a fundo, as experiências pessoais e subjetividades das participantes sobre seus percursos de aprendizagem. Neste caso, a abordagem biográfica seria capaz de identificar, segundo Amado (2014):

a interpretação que determinada pessoa faz do seu percurso de vida, com a respetiva diversidade de experiências e sentimentos pessoais que tiverem lugar ao longo do tempo e por fases, nas mais diversas circunstâncias ou contextos e em ligação com uma multiplicidade de sujeitos. (p. 169)

A escolha pela pesquisa biográfica como estratégia adveio do entendimento de que esta abordagem metodológica possibilitaria obter informações sobre os novos contextos e papéis sociais identificados pelas entrevistadas, as emoções envolvidas nas experiências e as reflexões que fizeram sobre suas vivências o que, em última análise, permitiria compor um panorama amplo das aprendizagens experienciais e transformações identitárias por elas percebidas.

Buscando fidelidade ao enquadramento teórico desta investigação e ao seu objetivo geral, que tem a formação do indivíduo a partir de suas experiências como base, a abordagem

biográfica se revelou como o único caminho possível na busca pela compreensão sobre a construção do indivíduo, que também é a finalidade e intenção da própria pesquisa biográfica:

O projeto fundador da pesquisa biográfica inscreve-se no quadro de uma das questões centrais da antropologia social, que é a da constituição individual: como os indivíduos se tornam indivíduos? Logo, essa questão convoca muitas outras concernentes ao complexo de relações entre o indivíduo e suas inscrições e entornos; entre o indivíduo e as representações que ele faz de si próprio e das suas relações com os outros; entre o indivíduo e a dimensão temporal de sua experiência e de sua existência (Delory-Momberger, 2012, p. 523).

A abordagem biográfica nos permite conhecer elementos das múltiplas dimensões de uma pessoa que se interrelacionam diretamente com as aprendizagens resultantes das experiências, e no caso deste estudo em contexto migratório com mais enlevo, visto as interações no novo mundo-vida estarem subsidiadas por um quadro de referências herdado das experiências realizadas em outra(s) cultura(s), como aponta Morrice (2014) em seus estudos sobre migração, experiências e identidades: “considere sua história de vida (imigrante) e como as experiências sociais e culturais que moldaram suas vidas antes da migração, agora afetam e influenciam suas experiências como migrantes” (p. 153).

Ainda que o uso dos métodos biográficos em investigações, tenha se tornado prática comum a partir dos anos de 1990, em diversos ramos das ciências humanas e sociais, aspectos como a representatividade do universo de participantes, os limites cronológicos das narrativas, a interpretação dos dados e a abordagem da análise do conteúdo, são questões que permanecem divergentes, na comunidade científica. Contudo, a polêmica mais expressiva sobre o método, reside na questão da veracidade dos fatos narrados e da validade da interpretação do indivíduo, sobre o fato relatado.

Ferrarotti, resolve esse dilema metodológico de maneira simples, pois entende que a veracidade é relativa quando se busca o entendimento sobre a formação do indivíduo, e dado que somos aquilo que interpretamos do que vivemos e do que nos rodeia, essa realidade subjetiva do sujeito finaliza a questão, pois, de acordo com sua afirmação, “se nós somos; se todo o indivíduo é a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual.”(Ferrarotti *cit. in* Nóvoa & Finger, 1988,p. 12)

Entendendo que o objetivo do método biográfico está na descoberta dos processos formativos do indivíduo, a partir da reflexão que ele próprio faz do que viveu e de como integrou suas experiências individuais e sociais em sua biografia, não há outra forma de fazê-lo que não seja “valorizando os processos de formação e assumindo a totalidade da história de vida de uma

pessoa” (Nóvoa & Flinger, 1988, p. 13), situação em que “o método biográfico facilita o desenvolvimento de uma sociologia holística da formação, mais adequada à especificidade de cada indivíduo” (*idem ibidem*).

No caso desta dissertação, o método biográfico permitiu dar a conhecer uma complexa pluralidade de eventos, fatores, contextos, atores e perspetivas formadoras de cada participante, de acordo com a interpretação individualizada sobre seus vividos experienciais, permitindo à investigadora a imersão no universo particular de cada uma das envolvidas no estudo, comprovando que “o método biográfico constitui uma abordagem que possibilita ir mais longe na investigação e na compreensão dos processos de formação e dos subprocessos que o compõem.” (Nóvoa & Flinger, 1988, p. 13).

3.3.2. Técnica de recolha de dados: a entrevista de inspiração biográfica

Após adotar a abordagem biográfica como estratégia, houve que se definir dentre as principais técnicas existentes, a mais adequada a esta investigação. A reflexão para a tomada de decisão foi articulada com as tipologias apresentadas por Amado (2014), que se apresentarão neste recorte:

Se a designação de métodos biográficos se refere a uma estratégia de investigação, na prática ela concretiza -se em modalidades distintas, de que se destacam as biografias/autobiografias (em que os documentos pessoais, diários e portefólios têm um valor intrínseco por si mesmos) e as histórias de vida (em que se procura mais estabelecer a relação do indivíduo com os contextos sociais e culturais do seu trajeto pessoal). (p. 174)

Uma das preocupações na seleção da técnica de recolha era conseguir produzir dados que dessem conta da riqueza das experiências das mulheres investigadas. Por ter o objetivo de compreender o processo de formação de uma pessoa e as aprendizagens realizadas a partir de suas experiências migratórias, era importante optar por uma técnica que permitisse perceber as nuances desta produção individual e individualizada. A observação do contexto desta criação envolveria estar presente para poder perceber as nuances de toda a comunicação verbal e não verbal das mulheres e poder interagir com elas, quando houvesse algo que não tivesse ficado claro no entendimento do discurso.

Bardin (2016, p. 73) explicita sua preocupação justamente com os contextos de produção de dados em investigações qualitativas quando questiona: “quais serão as condições de produção, ou seja, que é que fala a quem e em que circunstância? Qual será o montante e o lugar da comunicação? Quais os acontecimentos anteriores ou paralelos?”.

Fundamental foi, portanto, considerar os demais aspetos que estariam implicitamente presentes durante a produção dos dados, como a postura da participante perante o estudo, o seu estado de espírito, a disponibilidade de tempo e o envolvimento necessário para doar as informações necessárias para formar um cenário completo das trajetórias de migração dessas mulheres.

A diversidade de técnicas, todas compatíveis com as demandas investigativas, levou a investigadora a escolher a mais flexível em termos de condução e que possibilitasse uma proximidade maior com o universo das participantes e então para este estudo. A entrevista de pesquisa biográfica foi a técnica selecionada, considerando o seu objetivo primordial, conforme a autora Delory-Momberger (2012):

O que a entrevista de pesquisa biográfica procura apreender e compreender é justamente a configuração singular de fatos, de situações, de relacionamentos, de significações, de interpretações que cada um dá à sua própria existência e que funda o sentimento que tem de si próprio como ser singular (p. 526).

A escolha veio ao encontro da necessidade de se obter informações que somente seriam possíveis por meio da escuta do discurso narrativo das participantes, “na medida em que o narrativo, pelas suas características específicas, é a forma de discurso que mantém a relação mais direta com a dimensão temporal da existência e da experiência humana” (Delory-Momberger, 2012, p. 525) e por meio deste registo presencial da narrativa “apreender a singularidade de uma fala e de uma experiência” (*idem*, p. 526).

De acordo com Afonso (2014, p. 78), “o núcleo central da investigação (narrativas e histórias de vida) é, portanto, o discurso do biografado, direta e especificamente produzido no contexto da pesquisa”.

A construção partilhada da narrativa entre a participante e a investigadora enriqueceu o processo investigativo como um todo pois, “não é só a riqueza objetiva do material biográfico primário que nos interessa, mas também e sobretudo, a sua pregnância subjetiva no quadro de uma comunicação interpessoal complexa e recíproca entre o narrador e o observador” (Ferrari *cit. in* Nóvoa & Finger, 1988, p. 25).

Por meio da entrevista, a interação direta entre a investigadora (*insider*) e as participantes do estudo permitiu acompanhar e participar do processo de tomada de consciência e reflexividade das participantes sobre seus vividos e trajetórias, que de alguma forma também são os da investigadora, desvelando a dimensão formativa da entrevista biográfica para todas as envolvidas, particularidade da técnica, evidenciada por Delory-Momberger (2012):

A entrevista de pesquisa biográfica instaura assim um duplo empreendimento de pesquisa, um duplo espaço heurístico que age sobre cada um dos envolvidos: o espaço do entrevistado na posição de entrevistador de si mesmo; o espaço do entrevistador, cujo objeto próprio é criar as condições e compreender o trabalho do entrevistado sobre si mesmo. (p.526)

Ser *insider* permitiu à investigadora perceber a singularidade dos contextos e desafios que as entrevistadas apresentaram em suas narrativas, além de criar condições propícias para a interação, dada a identificação das participantes com a trajetória migratória da investigadora. Esse conhecimento sobre os contextos e singularidades da vida de uma mulher Brasileira imigrante em Portugal, foi um fator importante a ser considerado no resultado das entrevistas, tendo a investigadora tomado as precauções necessárias para não enviesar as narrativas. Estes aspectos vão ao encontro do pressuposto apresentado por Delory-Momberger (2012) para ser investigador na pesquisa biográfica:

Deve ter o conhecimento mais preciso possível do campo e dos contextos em que desenvolve sua observação... para darem-se meios de aprender e compreender as biografias individuais, isto é, os espaços-tempo singulares que cada um configura a partir da conjugação de sua experiência (e da historicidade de sua experiência) e dos mundo-de-vida, dos mundos de pensar e agir comuns de que participa (p. 526).

Tomando-se em conta que esta investigação tem como *pano de fundo* os movimentos migratórios e as trajetórias de inserção dessas mulheres Brasileiras na sociedade Portuguesa, a técnica de recolha de dados empregada tinha que ser capaz de identificar de que forma essas mulheres interagem socialmente neste novo mundo-vida, se eram conscientes de suas *biografizações* e como refletiam sobre o impacto do processo migratório em suas biografias.

Somente a entrevista biográfica permitiu registrar essas leituras pessoais das entrevistadas e entender como viram e interpretaram fatos e o sentido que elas remeteram às disjunções experienciadas, permitindo à investigadora identificar as aprendizagens conscientes realizadas no percurso de formação como mulher imigrante em Portugal. A minúcia de detalhes dos narrados pelas entrevistadas sobre os elementos percebidos em suas trajetórias com a sociedade de acolhimento, só foi possível por conta do viés intimista e reflexivo da entrevista biográfica, fato que Amado (2016) menciona ao referir as particularidades da técnica:

É uma técnica que permite um acesso aos discursos dos indivíduos, tal como estes se expressam, ao não-observável: opiniões, atitudes, representações, recordações, afetos, intenções, ideais e valores, que animam uma pessoa a comportar -se de determinado modo. No essencial consiste numa técnica capaz de provocar uma espécie de introspeção. (p. 211)

Nos contextos migratórios, as experiências disjuntivas se realizam em maior intensidade, devido a fatores múltiplos: há o ineditismo das situações, o impacto de desconhecer o novo mundo-vida, a sensação de fragilidade e insegurança que são naturais de quando sabemos estar na ignorância, e que temos que aprender muito rapidamente.

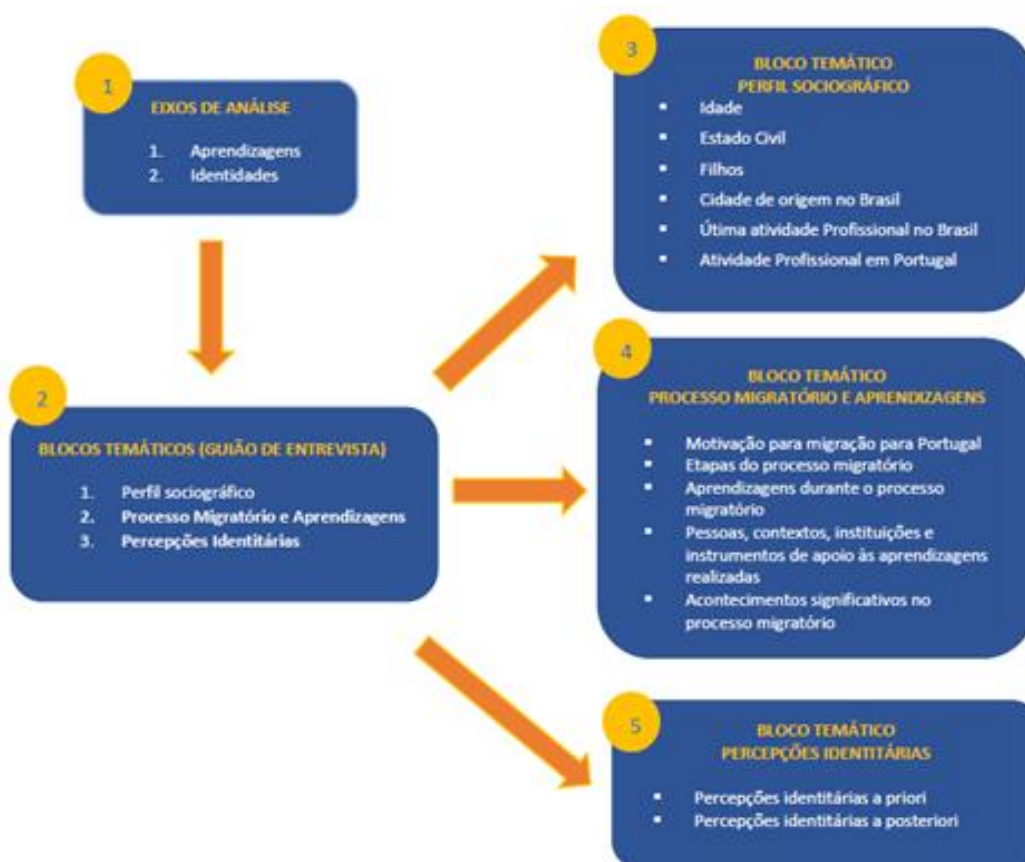
No processo de utilização da pesquisa biográfica para entender “como os indivíduos se tornam indivíduos?” (Delory-Momberger, 2012, p. 523) dentro de contextos migratórios, a autora reafirma a multiplicidade de elementos de influência no processo (*idem*, 2012):

essa questão convoca muitas outras concernentes ao complexo de relações entre o indivíduo e suas inscrições e entornos (históricos, sociais, culturais, linguísticos, econômicos, políticos), entre o indivíduo e as representações que ele faz de si próprio e das suas relações com os outros; entre o indivíduo e a dimensão temporal de sua experiência e sua existência. (p. 523)

3.3.3. Procedimento de recolha de dados

O guião é constituído por três blocos temáticos, desdobrados em um conjunto de questões previamente estruturadas, de acordo com o plano investigativo, os objetivos do estudo e as perguntas de investigação (Anexo 1).

Para a recolha dos dados, foi elaborado um guião de entrevista semi-diretiva, de acordo com o esquema abaixo:



O primeiro bloco temático, denominado Legitimação da entrevista, teve como objetivos específicos: a apresentação do estudo, da entrevistadora, esclarecimentos sobre as condições de participação no estudo, da gravação da entrevista, sobre o uso dos dados, solicitação de assinatura no termo de consentimento de uso de dados, agradecimento sobre a participação e verificação de posicionamento da entrevistada quanto ao uso de nome ou codinome no tratamento dos dados.

Como perguntas de recurso e aferição; se havia alguma dúvida ou questão sobre a atividade e se havia disponibilidade de tempo suficiente para a realização da entrevista.

O segundo bloco temático, denominado *Perfil Sociográfico*, sob o eixo das *Identidades*, teve como objetivos específicos: conhecer o perfil sociográfico das entrevistadas, suas motivações migratórias e suas estratégias de ação para a migração. As seguintes informações, foram coletadas neste bloco:

- Dados pessoais: idade, estado civil, existência de filhos, cidade de origem.
- Atividade profissional exercida à priori e à posteriori à migração.
- Status migratório.
- Motivações para a migração.
- Estratégias de ação para a migração.

O terceiro bloco temático, denominado *Processo Migratório e Aprendizagens*, sob o eixo das *Aprendizagens*, teve como objetivos específicos: identificar as fases do processo migratório, conhecer algumas experiências disjuntivas ao longo deste processo, identificar as aprendizagens realizadas a priori ou a posteriori, a partir dessas experiências relatadas e perceber as etapas de elaboração dessas aprendizagens relatadas. Neste bloco, as seguintes questões foram apresentadas:

- Quais foram as etapas do processo migratório, desde que decidiu emigrar até o momento?
- Pode me contar o que aconteceu desde quando você chegou a Portugal, até agora?
- Pode identificar as aprendizagens realizadas na fase pré-migração?
- Pode identificar as aprendizagens realizadas na fase pós-migração?
- Pode exemplificar situações marcantes ao longo do processo migratório?

Ainda neste bloco, no caso de não menção pela entrevistada, houve uma pergunta de recurso sobre as pessoas, instituições, espaços ou fontes de informações, envolvidas nas aprendizagens realizadas.

O quarto bloco temático, denominado *Percepções identitárias a priori e a posteriori*, sob o eixo das *Identidades*, teve como objetivos específicos: conhecer as percepções sobre a presença de mudanças de comportamento, atitudes, etc.; e conhecer as percepções quanto à presença de transformações identitárias. Neste bloco, as seguintes questões foram apresentadas:

- Quem era quando deixou o Brasil?
- Quem é hoje?
- Como as pessoas te viam, quando saiu do Brasil?
- Como as pessoas te vêm agora? Tantos os que você deixou no Brasil, quanto as do novo círculo social em Portugal.
- Percebe mudanças nas suas atitudes e comportamentos depois da migração?
- O que é ser uma mulher Brasileira em Portugal?

Para o caso das entrevistadas não prestarem esta informação, havia uma pergunta de recursos sobre se a entrevistada já havia estado no Brasil, com seus familiares e amigos, depois que emigrou para Portugal.

O quinto bloco temático, denominado *Encerramento da entrevista*, teve como objetivos específicos a finalização da entrevista, com o agradecimento pela participação, a indicação de novas participantes (de acordo com a técnica bola de neve) e a disponibilização da investigadora para eventuais dúvidas que a participante pudesse ter sobre o estudo.

Este instrumento auxiliou a investigadora na ordenação lógica das questões durante as entrevistas e serviu como suporte na circunscrição aos objetivos da investigação, mantendo o espaço para a liberdade de expressão da entrevistada. Ao mesmo tempo que o guião norteou a ação da investigadora em campo, a entrevista semidiretiva não engessou nem a participação da entrevistada, nem a adaptação das perguntas pela entrevistadora, pois como ressalta Amado (2014):

pelo facto de não haver uma imposição rígida de questões, o que permite ao entrevistado discorrer sobre o tema proposto 'respeitando os seus quadros de referência, salientando o que para ele for mais relevante, com as palavras e a ordem que mais lhe convier, e possibilitando a captação imediata e corrente das informações desejadas. (p. 208)

A flexibilidade do instrumento utilizado conseguiu abarcar as nuances de cada narrativa, ao mesmo tempo, suportou a investigadora na condução das entrevistas com perguntas-chave, que permitiram que as entrevistadas gerassem os imputes de dados basilares para o estudo.

A partir da definição da entrevista biográfica semi-diretiva como instrumento de recolha, passou-se ao processo de estruturação do corpo do *corpus* do estudo, quando foram tomadas em conta questões como: a quantidade de entrevistas a serem realizadas, o perfil das entrevistadas e a técnica de seleção das entrevistadas.

Em termos de diversidade dos participantes, foi definida a diversificação interna como fundamental para se obterem trajetórias distintas, dentro de um mesmo grupo definido, pois "pretende-se explorar a diversidade num conjunto homogêneo de sujeitos ou situações" (Guerra, 2006, p. 41). Os critérios para a seleção das participantes foram ser mulher de nacionalidade Brasileira, com mais de 2 anos consecutivos de imigração em Portugal.

Este recorte de tempo se mostrou necessário para que o processo inicial de integração na sociedade de acolhimento tivesse sido transposto e as experiências, as aprendizagens e as transformações identitárias pudessem ser mais claramente identificáveis.

Para garantir a participação de sujeitos com características diferentes entre si, que pudessem incrementar a qualidade dos dados, não houve nenhuma restrição quanto a idade, local de moradia, condição legal em Portugal, tipo de projeto migratório, ainda que similaridades nos perfis e trajetórias tenham sido identificados ao final do estudo. Este pormenor muito provavelmente se relaciona com o procedimento utilizado para aceder às entrevistadas.

As primeiras participantes foram selecionadas a partir de participação voluntária, por meio de convite aberto a todas as mulheres brasileiras imigrantes em Portugal, que participaram em eventos realizados na Associação Civil Casa do Brasil em Lisboa, durante os meses de março e abril de 2019. A partir destas entrevistas iniciais, a construção da amostra deu-se por meio da técnica bola de neve, até que os dados recolhidos se mostraram saturados.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente, após contato telefônico prévio para agendamento com as voluntárias. No início das entrevistas, foram apresentados os objetivos do estudo, a estrutura da entrevista e as questões de ordem ética, tendo sido assinado o consentimento informado. A opção pela entrevista presencial (e não telefônica ou por escrito) esteve diretamente relacionada à necessidade de se conhecer os contextos e comunicações verbais e não verbais das entrevistadas, conforme anteriormente postulado.

Os encontros para as entrevistas se realizaram em espaços públicos e privados, definidos com as participantes, considerando as disponibilidades de tempo, mobilidade e as condições de privacidade necessárias para este tipo de atividade e para o registo em áudio, de qualidade suficiente para capacitar as futuras transcrições.

A postura da entrevistadora foi amigável e empática, introduzindo a temática do estudo a partir da narrativa resumida da própria experiência migratória, com vistas a criar um canal de comunicação recetivo e um *à vontade* na realização da entrevista, por ambas as partes. Nesta introdução, foi fundamental não apresentar juízos de valor sobre o processo migratório, nem dar pistas sobre as minhas aprendizagens realizadas como *insider*, para não enviesar o constructo das participantes e seus processos reflexivos sobre suas trajetórias pessoais.

O *corpus empírico* é composto de 6 (seis) entrevistas biográficas. As entrevistas tiveram duração variada, entre 28 minutos e 2 horas e 40 minutos, tendo em média, 1 hora de duração.

Considerando que foi utilizada a técnica bola de neve neste estudo, era esperado que as indicações das participantes de outras possíveis entrevistas seriam de mulheres Brasileiras imigrantes com perfis semelhantes entre si e por isso, podemos observar algumas similaridades nos perfis sociográficos, migratórios e nos próprios percursos migratórios, que acabam por revelar um perfil mais amplo das mulheres Brasileiras que fazem parte da última vaga migratória entre Brasil-Portugal.

3.4. Técnicas de análise do conteúdo

Uma investigação com viés qualitativo, interpretativo e exploratório como esta, suscita um olhar diferenciado para o tratamento dos dados recolhidos, visto não haver hipóteses nem indicadores prévios para direcionar a estratégia de análise a se definir, situação que Afonso (2016) destaca em:

o tratamento da informação qualitativa é um processo muito mais ambíguo, moroso, reflexivo, que se concretiza numa lógica de crescimento e aperfeiçoamento. A formatação do dispositivo não é prévia ao tratamento dos dados. Pelo contrário, constrói-se e consolida-se à medida que os dados vão sendo organizados e trabalhados no processo analítico e interpretativo. (p. 118)

Para o tratamento dos dados recolhidos, a técnica de análise de conteúdo foi a que mais se adequava ao enquadramento teórico, epistemológico e metodológico desta investigação. Entendida como um método ou uma técnica (dependendo do emprego) de tratamento de dados “que se insere no conjunto das metodologias de análise de dados na investigação social” (Amado, 2014, p. 301), foi selecionada por ser a mais adequada aos dados produzidos através da realização de entrevistas.

Para o entendimento do que está envolvido na análise de conteúdo, podemos evocar Bardin (2016), que enquadra este procedimento em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (p. 25).

O processo de análise do conteúdo do material recolhido se iniciou por uma fase exploratória preliminar do acervo dos dados, com algumas atividades encadeadas de forma a organizar o corpo documental, verificar sua qualidade e identificar as potencialidades para o estudo.

Com relação a avaliação da qualidade dos dados, Afonso (2014, p. 112) preconiza o uso dos critérios: da *fidedignidade*, que “refere-se à qualidade externa dos dados, ou seja, à garantia de que os dados se referem a informação efetivamente recolhida e não foram *fabricados*”; o critério da *validade*, que “consiste na sua qualidade interna, ou seja, refere-se à sua pertinência em relação ao questionamento da realidade empírica resultante do design do estudo.[...] avalia

a efetiva relevância da informação produzida em relação ao conhecimento que se pretende produzir”; e por último, o critério da *representatividade*.

Para este tipo de estudo de abordagem biográfica, não há o que se falar em *representatividade* ou mesmo amostra, visto que “na investigação interpretativo-fenomenológica, a preocupação é a de selecionar as unidades de investigação, em função de critérios de ‘compreensão’ e ‘pertinência’; e a representatividade destes estudos é apenas uma representatividade sociológica, casuística” (Amado, 2014, p.130).

A primeira etapa de tratamento dos dados, se iniciou com a preparação do material, por meio da transcrição integral das entrevistas de cada participante, de áudio para texto, e sua identificação alfanumérica (anteriormente mencionada na apresentação das entrevistas realizadas), em que foram utilizados codinomes para cada entrevistada, atribuídos sobre o critério de ordem alfabética destes codinomes, de acordo com a cronologia de realização das entrevistas.

A atividade de transcrição, realizada pela própria investigadora, se prestou à revisitação das narrativas, relembrando os momentos-charneira, e iniciou o processo de interpretação dos discursos.

A estratégia escolhida foi a de transcrever as entrevistas na ordem de sua realização e, ao final de cada transcrição, realizar uma leitura *flutuante* do material, atividade mencionada por Bardin (2016, p.64) em suas orientações sobre a fase de pré-análise do material, que se mostrou fundamental para “estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações”, percebendo assim, a diversidade das informações e as suas possibilidades de uso.

Afonso (2014), também preconiza a imersão no material recolhido, como condição primordial para o delineamento da estratégia de uso da informação obtida, de forma a dar sentido ao material e buscar respostas ao objetivo do estudo, o que fica claro no excerto:

A leitura repetida dos textos durante esta primeira fase faz com que o investigador se familiarize com a informação recolhida, ganhando uma crescente desenvoltura na capacidade de navegar no material empírico e gerir um volume elevado de informação. À medida que o investigador aprofunda o conhecimento do material empírico, vai retendo na sua memória a própria economia ou estrutura interna dos textos, fixando atores, situações, incidentes críticos, citações, frases carregadas de significado (frases *densas*), entrando progressivamente na segunda fase do processo interpretativo: a produção de categorias, temas e padrões. (p. 120-121)

Findo então o processo de transcrição e de identificação de todas as entrevistas, e já com o material revisitado e explorado, foi possível estabelecer uma estratégia para a interpretação do material, que fosse condizente com as informações afiguradas e com o objetivo

do estudo em si. Esta estratégia, operacionalizada por um sistema de categorização construído a partir do quadro teórico desta investigação, se apresentou como *a espinha dorsal* desta produção científica, subsidiando os resultados que levaram à resposta da questão orientadora central deste trabalho. Sem esse processo estruturado de interpretação, o objetivo geral não teria sido alcançado pois, “não basta recolher dados, é preciso saber analisá-los e interpretá-los (não sendo possível fazer uma coisa sem a outra).” (Amado, 2014, p. 299)

Empregando o sistema de categorização elaborado, o *corpus* foi codificado conforme os índices pré-definidos e o material recolhido foi então organizado de forma a estruturar um percurso exploratório dos dados. Esta etapa viabilizou a interpretação dos discursos narrativos das entrevistadas, em articulação com o quadro teórico da investigação e subsidiou a elaboração dos resultados do estudo.

3.4.1. Procedimento de categorização

O sistema de categorização foi a base do processo de codificação de todo o material empírico que foi interpretado por meio da análise de conteúdo neste estudo. O processo de elaboração de um sistema de categorização teve por propósito, gerenciar os conteúdos do material recolhido, transformando-os em dados que pudessem ser manuseados e “que traduzissem as ideias-chave veiculadas pela documentação em análise.” (Amado, 2014, p. 313).

Para que essas ideias-chave das entrevistas pudessem ser organizadas de maneira a permitir sua interpretação, a primeira etapa que se mostrou necessária foi a de registo manual dos elementos principais observados na leitura exaustiva de todo o material. Nesta fase de exploração do material, surgiram alguns indicadores, etapas e intervenientes que puderam ser estruturados em unidades de sentido e relacionados com os blocos temáticos e o quadro teórico da dissertação, exatamente como descreveu Afonso (2014), sobre o processo de construção do sistema de categorização, em:

O desenvolvimento de categorias de significação resulta da interação entre os eixos de análise que presidiram à conceção e operacionalização do dispositivo de recolha de dados, e as regularidades, padrões e tópicos que emergem da leitura analítica dos textos. O investigador vai, assim, construindo uma lista (ou grelha) de categorias internamente consistentes, mas distintas umas das outras. (p. 121)

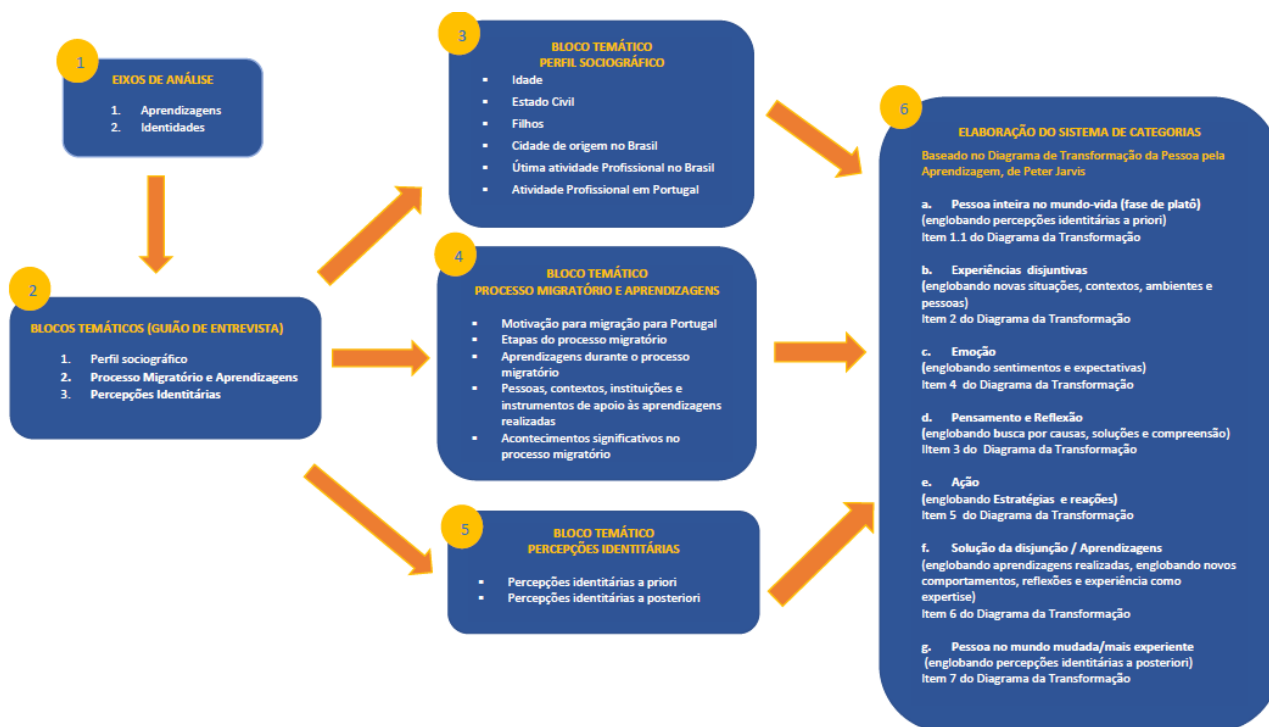
Com estes elementos primariamente identificados nas transcrições a partir de uma análise temática transversal, foi possível perceber que havia ali percursos formativos a partir das experiências migratórias, que se assemelhavam ao Diagrama que Peter Jarvis (2012) elaborou,

para explicar o processo de transformação da pessoa, a partir da aprendizagem experiencial, este pormenorizado neste trabalho (Figura 1).

Considerando esta observação, e entendendo que havia ali uma oportunidade de verificar a aplicabilidade desta proposta de Jarvis ao material empírico disponível, o próximo passo foi estruturar um sistema de categorização baseado nas etapas no diagrama deste teórico para que nele pudesse distribuir as informações obtidas sobre os percursos formativos das mulheres.

O processo de produção deste sistema de categorização pode ser observado no fluxograma abaixo, com base nas etapas do Diagrama de Transformação da Pessoa pela Aprendizagem, de Peter Jarvis (2015) (Figura 1).

No esquema abaixo, é possível observar o desdobramento dos eixos de análise, para a definição do sistema de categorias:



O resultado foi o sistema de categorização, abaixo pormenorizado:

SISTEMA DE CATEGORIZAÇÃO Baseado no Diagrama de Transformação da Pessoa pela Aprendizagem, de Peter Jarvis		
Categoria	Correlato no Diagrama de Peter Jarvis	Descritivo
a. Pessoa inteira no mundo-vida	Caixa 1.1	Englobando percepções identitárias a priori ao processo migratório, comportamentos, atitudes, quadros de referência e percepções dos outros sobre si.
b. Experiências disjuntivas	Caixa 2	Englobando novas situações, experiência pró-ativas ou reativas, contextos, ambientes e pessoas, que nos tiram de nosso platô de normalidade.
c. Emoção	Caixa 4	Englobando sentimentos, reações emocionais e instintivas e expectativas.
d. Pensamento e Reflexão	Caixa 3	Englobando a busca por causas, soluções e compreensão das experiências disjuntivas.
e. Ação	Caixa 5	Englobando estratégias para lidar concretamente com as questões e reações práticas.
f. Solução da disjunção / Aprendizagens	Caixa 6	Englobando aprendizagens conscientes realizadas, novos comportamentos, hábitos, valores, reflexões a respeito de situações experienciadas ou a percepção de que não conseguiu solucionar a disjunção.
g. Pessoa no mundo mudada/mais experiente	Caixa 7	Englobando percepções identitárias a posteriori da migração, as transformações pessoais percebidas em comportamentos, valores, atitudes, posturas, percepções dos outros sobre si e mudanças no quadro de referências.

Para operacionalizar este sistema de categorização, o próximo passo foi definir a modalidade de codificação do conteúdo, os índices ou unidades de registos ou códigos (unidades de análise) e indicadores de recortes dos textos, que correspondem ao “segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando a categorização” (Bardin, 2016, p.68).

O que pareceu ser a melhor opção para que se conseguisse manter a significação dos contributos e, ao mesmo tempo, simplificar a análise e interpretação dos dados, foi definir como unidade de registo, o período temático, permitindo liberdade no recorte. Segundo Bardin (2016, p.68), “o tema é geralmente utilizado como unidade de registo para estudar motivações, opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc.”.

Tendo como única condicionante que esta unidade de registo contivesse o sentido original do narrado e permitisse o enquadramento na categoria correspondente, essa fase de distribuição das unidades de registo pelas categorias seguiu o indicado por Amado (2014, p. 313),

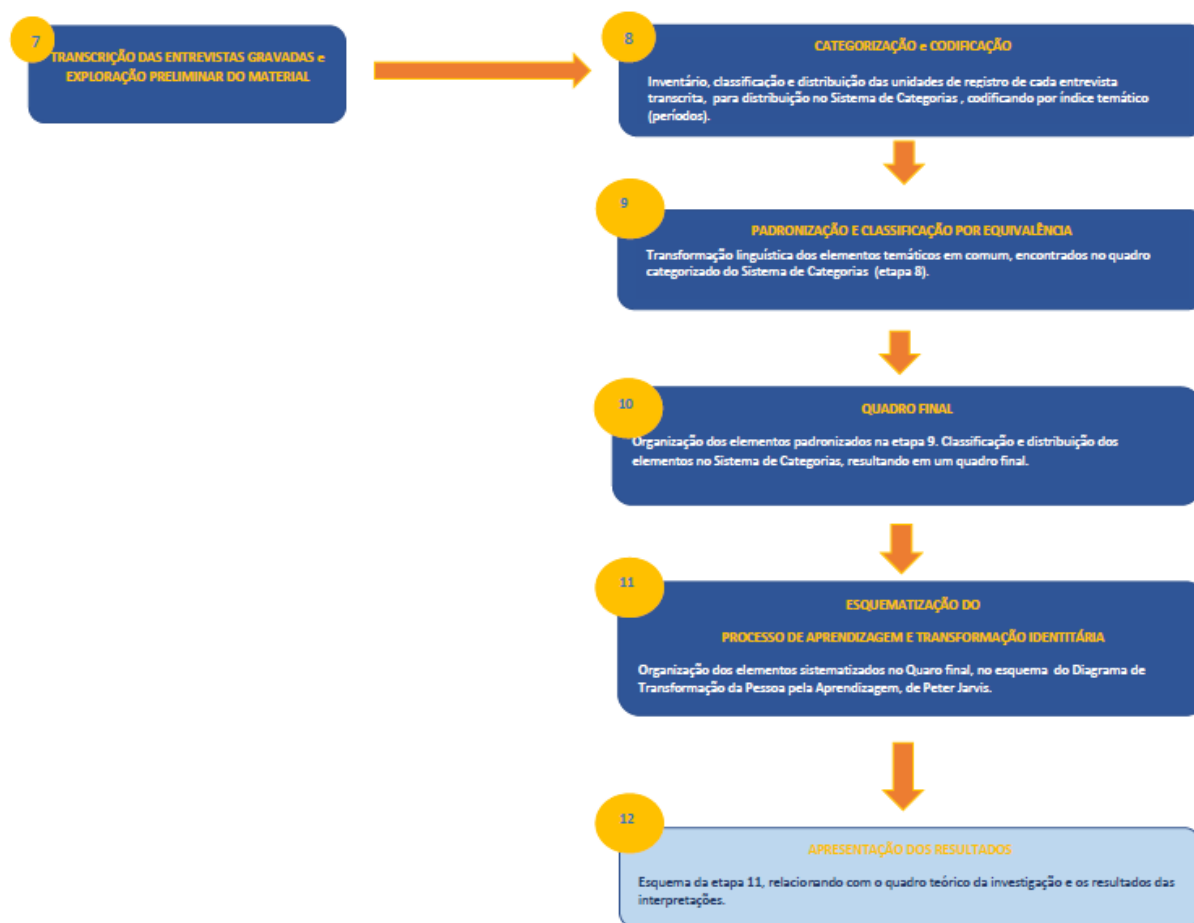
no trecho “seguidamente, atribui -se um código a cada uma dessas unidades, correspondente ao sentido que se lhe atribui e que, ao mesmo tempo, traduz uma das categorias (ou subcategorias) do sistema” e culminou em um quadro com excertos das narrativas de todas as entrevistadas, em cada categoria.

Elementos de análise organizados, ou seja, “terminada a codificação” (Amado, 2014, p. 313), a próxima etapa foi a de verificar de que forma as unidades de registo se cruzavam em cada categoria, o que Amado (2014, p. 313) preconizou no recorte: “aproximam-se e confrontam-se as unidades de registo a que se atribuiu o mesmo código”, dando pistas sobre a próxima fase de análise do conteúdo do estudo, que foi sistematizar as similaridades encontradas entre as unidades e simplificar a apresentação dessa descoberta através do processo de “transformação linguística”, com a padronização e classificação dos elementos por equivalência, buscando a unicidade (sem perder o caráter individualizado dos narrados).

Esta ação foi necessária para a elaboração do esquema comparado do processo formativo a partir das experiências migratórias das mulheres Brasileiras em Portugal, com o Diagrama de Transformação da Pessoa através da Aprendizagem, de Peter Jarvis, output desta investigação, que será apresentado na conclusão.

A figura a seguir, apresenta as etapas do processo de análise do conteúdo do material.

Figura (8) : Etapas da análise de conteúdo do material.



3.5. Questões de ordem ética

As participantes foram previamente informadas acerca do processo de recolha de dados, mesmo que a investigação impossibilitasse a sua identificação. No momento do contato para solicitar a participação nas entrevistas, todas as participantes foram informadas dos objetivos do estudo, dos objetivos da entrevista, do tempo estimado de duração e sendo explicitados os procedimentos para a garantia do anonimato.

O projeto garantiu o consentimento informado por escrito das participantes, quando da realização da entrevista, o qual foi assinado e arquivado pelo investigador, durante o processo da pesquisa.

A investigadora assegurou o anonimato e a privacidade das entrevistadas de forma a somente ela ter conhecimento dos nomes reais das participantes. Nos instrumentos de recolha

dos dados, cada entrevistada decidiu pela autodenominação que foi utilizada em referência a elas, na apresentação dos resultados das entrevistas. Além disso, foram omitidas quaisquer referências que permitissem, ainda que indiretamente, a identificação das participantes.

O projeto respeitou a proteção das participantes, garantindo que a utilização dos dados se situasse exclusivamente no âmbito da investigação, sendo esta informação explicitada no consentimento informado. O mesmo garantiu a proteção dos dados, que foram tratados somente pela investigadora e que serão destruídos após 3 anos de findada a pesquisa.

CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO DOS DADOS

O capítulo que se segue tem por objetivo a apresentação dos dados resultantes da análise das entrevistas biográficas realizadas para este estudo, com seis mulheres Brasileiras imigrantes em Portugal, vivendo na região metropolitana da Cidade de Lisboa, Portugal, há mais de dois anos.

Durante o processo de organização do material e pré-análise, a investigadora procurou apreender as seguintes informações sobre as imigrantes e as aprendizagens e as não-aprendizagens que relataram: o perfil migratório, as motivações e facilitadores para a migração, a trajetória migratória, as percepções identitárias a *priori* e a *posteriori* à imigração, o que entendiam por ser uma mulher Brasileira em Portugal, os momentos significativos no processo de integração, as aprendizagens a priori e posteriori à imigração (concernentes ao planeamento da migração e depois, à integração em Portugal), os ambientes destas aprendizagens e os atores nelas envolvidos.

Desta fase de pré-análise do material, emergiu uma multiplicidade de registos ricos, em um volume expressivo de informações, exigindo que se tomasse uma decisão sobre qual escopo delimitar para a análise, interpretação, produção e apresentação dos resultados sobre as aprendizagens experienciais realizadas pelas entrevistadas, tornando este, um dos maiores desafios desta investigação.

Tomando por base o enquadramento autor do estudo e para perceber o quão multifacetado foi o percurso da aprendizagem experiencial das participantes, decidiu-se por utilizar o *Diagrama da transformação da pessoa pela aprendizagem*, elaborado por Peter Jarvis (2009, 2012, 2015), para basear a categorização, a organização e a interpretação dos dados obtidos nas entrevistas.

Este Diagrama foi proposto pelo autor, para apresentar o processo de aprendizagem experiencial consciente dos indivíduos, estabelecido a partir da perspectiva holística da aprendizagem experiencial do autor, o que será detalhado na sequência deste texto. Esta escolha metodológica facultou esmiuçar as etapas das aprendizagens realizadas por cada mulher, franqueando a correlação entre elas e as fases do Diagrama de Peter Jarvis, validando a aplicabilidade deste Diagrama da aprendizagem experiencial, à análise das experiências migratórias.

Posto isto, a decisão sobre o escopo das informações as serem analisadas e apresentadas,

foi articulada tomando por base: os eixos temáticos propostos para este estudo, a saber, as *aprendizagens* e as *identidades*, as aprendizagens de maior recorrência nos registros das entrevistadas e os elementos que compõem as fases do Diagrama da transformação da pessoa pela aprendizagem, de Peter Jarvis, cujo detalhamento foi apresentado anteriormente, neste documento.

Empregando esta estratégia sobre o material, foi possível conhecer as aprendizagens experienciais narradas pelas entrevistadas, as fases de elaboração das mesmas e perceber os elementos em comum nos percursos formativos das participantes, municiando o estudo de dados que permitissem responder à questão orientadora desta investigação: *o que aprenderam as mulheres Brasileiras em Portugal, com o processo migratório?*

De forma a viabilizar esta resposta, ficaram definidas as seguintes experiências, para análise: no eixo das *aprendizagens*, como cinco das seis entrevistadas identificaram algum grau de *dificuldade na inserção profissional* e de *desqualificação profissional* em seus percursos, e isto se mostrou impactante em suas trajetórias de integração resultando em inúmeras disjunções (algumas solucionadas, outras não), serão trabalhadas as informações pertinentes a este tema; no eixo *identidades*, todas as seis entrevistadas identificaram aprendizagens relacionadas ao *desenvolvimento pessoal, autonomização e empoderamento* diante do mundo-vida, e estas aprendizagens transformaram positivamente as identidades das migrantes, serão analisadas as experiências relacionadas a esta temática.

De modo a que se possa perceber as situações, experiências e fatos identificados nos percursos das migrantes, em cada eixo temático, serão destacados excertos das narrativas pertinentes a cada linha de aprendizagem analisada.

Com vistas ao encadeamento lógico da apresentação dos dados desta investigação, este capítulo foi organizado da seguinte forma: na primeira parte, serão expostos os retratos sociográficos das mulheres participantes do estudo, bem como suas trajetórias simplificadas, *a priori* e *a posteriori* à migração, de forma a que o leitor possa se familiarizar com a biografia de cada uma e perceber algumas nuances das experiências relatadas. Na segunda parte, serão detalhados os resultados obtidos com as entrevistas analisadas, correlacionando às etapas do Diagrama de Transformação da Pessoa pela Aprendizagem (Jarvis, 2015), com alguns excertos das narrativas, que se mostraram relevantes para a conclusão do estudo. Na parte final deste capítulo, serão apresentadas algumas considerações da investigadora, a respeito dos dados apresentados.

De forma a impossibilitar a identificação das entrevistadas e, na omissão de sugestão das mesmas para pseudônimos, a investigadora optou por associar a cada uma delas, o nome de uma mulher Brasileira que tenha realizado feitos inéditos para as mulheres, na história

recente do Brasil. Esta opção se deu como forma de homenagear estas nossas antepassadas que fundaram os caminhos que hoje, nós mulheres Brasileiras, podemos trilhar e escolher, seja por meio da educação, da migração ou de qualquer outra possibilidade, que ousemos nos aventurar.

Assim sendo, serão utilizadas as seguintes personagens históricas, por ordem alfabética do nome e pela ordem de realização das entrevistas neste estudo, seguindo a apresentação abaixo.

A primeira entrevistada, será denominada *Chiquinha*, em homenagem à Chiquinha Gonzaga, pela sua ousada decisão de abrir mão da vida familiar, em prol do sonho de ser artista, ser quem ela queria ser, confrontando-se com todo o tipo de pressão social, e conforme apresentado por Warken (2019):

Foi a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil e também é autora da primeira marchinha de carnaval da história: “Ó Abre Alas”, composta em 1899. Trocou o marido pela arte, criou dois filhos sozinha, compôs mais de 2 mil músicas e ainda lutou contra a monarquia e em favor da abolição da escravatura. O Dia Nacional da Música Popular Brasileira é comemorado em 17 de outubro, data em que ela nasceu (Seção Chiquinha Gonzaga, para.1).

A segunda entrevistada, será nomeada *Leolinda*, em homenagem à *Leolinda Daltró*, que acreditou na educação comunitária como ferramenta de mudança social e, de acordo com Warken (2019):

Considerada uma das precursoras do feminismo no Brasil, Leolinda foi uma professora que lutou pela causa indígena e pela autonomia das mulheres no Século XIX. Ela é um dos nomes mais importantes do movimento sufragista no país e foi a principal fundadora do Partido Republicano Feminino, em 1910. Além disso, chegou a separar-se do marido para viajar pelo interior do país em prol da alfabetização laica dos índios (Seção Leolinda Daltró, para. 1).

A terceira entrevistada, será denominada *Lota*, em homenagem à personagem Lota de Macedo Soares, que representa de forma significativa neste grupo, o valor que a aprendizagem experiencial possui e deve possuir, sempre, conforme referido por Warken (2019):

Sem nunca ter cursado Faculdade, Lota foi uma das mais importantes arquitetas do Rio de Janeiro, nos anos 1960. Mesmo sendo uma mulher visada, não escondia de ninguém que era lésbica e foi uma das responsáveis pelo ambicioso projeto do Parque do Flamengo, o maior aterro urbano do mundo. O grande amor de sua vida foi a icônica poetisa americana Elizabeth Bishop, com quem viveu de 1951 a 1965 (Seção Lota de Macedo Soares, para. 1).

A quarta entrevistada, se chamará *Nísia*, em homenagem à Nísia Floresta, que foi outra mulher visionária, que entendeu que a emancipação e o empoderamento, são resultados do conhecimento da realidade e dos instrumentos possíveis para a sua mudança e foi, segundo

relatado por Warken (2019):

Outra precursora do feminismo no Brasil, é autora do mítico livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens”, escrito em 1832. Esta é considerada a primeira obra feminista do Brasil! Ela também escreveu importantes livros em defesa dos índios e da abolição da escravidão. Nísia nasceu no Rio Grande do Norte, mas viajou o País defendendo a alfabetização das mulheres e chegou a fundar colégios para meninas no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul (Seção Nísia Floresta, para. 1).

A quinta entrevistada, se denominará *Tarsila*, homenageando a pintora Tarsila do Amaral, umas das fundadoras do movimento artístico modernista Brasileiro, referida por Warken (2019), como:

autora da pintura brasileira mais valorizada da história, o Abaporu (que ultrapassa os US\$ 2,5 milhões). Tarsila é um dos nomes centrais da primeira fase do modernismo artístico no Brasil e foi uma das responsáveis pela organização da revolucionária Semana da Arte Moderna de 1922, realizada em São Paulo (Seção Tarsila do Amaral, para. 1).

A sexta e última entrevistada, terá o codinome *Zuzu*, homenageando a estilista Brasileira de moda, Zuzu Angel, que tanto utilizou sua arte como instrumento de valorização da cultura popular Brasileira, como de luta contra a ditadura militar, que esteve no controle político do Brasil, entre as décadas de 1960 e início da década de 1980, e que desapareceu com seu filho, Stuart Angel Jones. Warken (2019), menciona este fato em:

Foi uma das primeiras estilistas a mesclar brasilidade e alta costura, mas tornou-se um ícone por rebelar-se contra a ditadura militar. Seu filho foi morto e torturado, sem o corpo entregue à família e Zuzu lutou pelo direito de enterrá-lo. Levou o protesto às passarelas e chamou a atenção da imprensa internacional e até do governo norte-americano. Nunca encontrou o corpo do filho e morreu num misterioso acidente de carro, em 1976 (Seção Zuzu Angel, para. 1).

Com as devidas apresentações das personagens históricas Brasileiras feitas, o próximo passo será apresentar as mulheres que estão hoje, fazendo a história pós-moderna do Brasil e de Portugal.

4.1. Retrato sociográfico das entrevistadas

Chiquinha

Chiquinha, a primeira entrevistada, tem 33 anos, possui exclusivamente a cidadania Brasileira, é solteira, sem filhos. Vivia em casa dos pais, em uma família de classe média alta, em Sumaré, no interior do Estado de São Paulo, no Brasil, Cidade situada em uma rica região industrial do interior deste Estado. Era financeiramente independente, tinha bons rendimentos, carro próprio, possibilidade de viajar e fazer gastos supérfluos, sem se preocupar com questões financeiras.

Esta Brasileira nunca havia vivido em outra região ou mesmo fora da casa de seus pais, tendo a experiência de emigrar para Portugal, sido a sua primeira, com relação a viver afastada do círculo familiar. De acordo com a própria, sua mãe é superprotetora e os valores de sua família, um tanto tradicionais.

A decisão pela emigração veio após o rompimento de um noivado de oito anos, a insatisfação profissional por dificuldade de ascensão na carreira na Empresa que trabalhava há três anos, como Analista de vendas e Marketing, e logo depois de uma seleção de trabalho muito ansiada em que participava, ter o seu processo de recrutamento cancelado. A Chiquinha é uma profissional qualificada, com mais de cinco anos de experiência profissional em empresas de grande porte, sendo Bacharelada em Publicidade, Pós-Graduada em Marketing em uma das 200 melhores instituições de ensino superior no ranking mundial, Pós-Graduada em Marketing Digital em um Instituto de renomeado em Portugal e atualmente, Doutoranda em Comunicação Social, em outro destacado Instituto público de Portugal.

Dado o seu interesse em ter uma experiência de estudar e viver na Europa, e por ter se sentido acolhida pelo clima, pela língua e pela gastronomia da Cidade de Lisboa, em férias recentes antes da decisão pela emigração, viu em Portugal a oportunidade de realizar este desejo.

Chegou a Portugal, em setembro de 2015, acompanhada de uma amiga, que vinha acompanhá-la no curso de pós-graduação. A intenção era de permanecer apenas durante a realização deste curso, contudo, a meio dele, iniciou um trabalho de operadora de contact center e depois, decidiu-se por seguir para o doutoramento, em Lisboa.

Atualmente, está no segundo ano do doutoramento, ainda trabalha na mesma empresa de contact center e na mesma função de operadora de atendimento, há mais de três anos,

apesar de ter buscado oportunidades profissionais em sua área de especialização, sem sucesso. Vive em um apartamento de três quartos, arrendado com outras duas pessoas (uma delas, a amiga que veio acompanhando). Possui rendimentos muito inferiores aos auferidos no Brasil, tendo drasticamente mudado de status económico e social.

Como resumo de sua trajetória migratória, teve o processo decisório iniciado um ano antes de emigrar, iniciando pela escolha do curso de pós-graduação que se inscreveria em Lisboa, seguindo pela aprovação da candidatura ao curso, pela inscrição na Universidade, depois em um longo período para organização de toda a documentação necessária para a imigração legal em Portugal e o planeamento financeiro para subsidiar o curso e a instalação em Portugal, culminando com o desligamento do trabalho, onde permaneceu até um semana antes de sua viagem.

Já aqui em Portugal, foi viver em quarto arrendado inicialmente em Odivelas, teve dificuldades na renovação do visto por trabalho (já tinha contrato firmado), dado o término da pós-graduação e só conseguiu a regularização de sua situação, depois da confirmação da inscrição no doutoramento. Participou de alguns processos seletivos para vagas de trabalho mais condizentes com sua qualificação profissional, mas depois de muitas tentativas, precisou aceitar o trabalho no contact center que atendia o mercado Brasileiro, para diminuir a descapitalização financeira, em reais deixados no Brasil.

Ainda não sabe qual será o seu destino, após o término do doutoramento, mas em princípio, não pensa em retornar ao Brasil.

Leolinda

A Brasileira tem 27 anos, natural da Cidade do Rio de Janeiro, no Brasil, possui cidadanias Portuguesa e Brasileira, é casada há quatro anos com um Luso-Brasileiro, com o qual já se relacionava há dez anos, antes de se casar. O casal ainda não tem filhos, mas ela pretende ter, em breve.

Ambos viviam em uma casa própria da família após o casamento, que se antecipou, por motivo da migração. Os dois trabalhavam e mesmo antes de se casar, a entrevistada já possuía independência financeira desde os dezassete anos, quando começou a trabalhar e proveio de uma família classe média, de uma zona pouco valorizada da Cidade do Rio de Janeiro.

Viver em casa com o marido, não foi a primeira experiência de Leolinda fora do ambiente familiar, pois antes, havia passado quatro anos fazendo sua graduação, em uma cidade distante quase 200 quilômetros de casa, vivendo em uma pensão para estudantes e trabalhando para

custear os estudos.

A entrevistada é Bacharel em Gestão do Turismo e trabalhava como Trainee par Gerência Hoteleira, de uma grande rede hoteleira no Brasil, contudo, levava em média duas horas no percurso casa-trabalho, totalizando quase cinco horas neste trajeto, por dia, e em transporte público de qualidade ruim. O marido, sem qualificações superiores, trabalhava como Operador Fabril em uma montadora de carros, próximo de casa, mas acalentava poder viver exclusivamente de sua segunda profissão, Fotógrafo.

A decisão de emigrar se deu após um episódio traumático de violência urbana, em que ficou aprisionada em um congestionamento no trânsito, em meio a um tiroteio entre a Polícia e bandidos. Após esse acontecimento, passou a apresentar um quadro de ansiedades, em que já não conseguia sair com normalidade à rua. Esta situação incomodou-a profundamente, visto ser uma pessoa muito sociável e gostar imenso de aproveitar os horários livres para o lazer.

O casal já acalentava o sonho de ter uma vida diferente, com melhor qualidade, com mais tranquilidade e segurança e ter mais acesso a viajar pela Europa e com isso, resolveram que seria bom iniciar a vida em comum com um projeto migratório. Sua cunhada, também luso-brasileira, já vivia em Lisboa há seis anos, e em visita de férias um ano antes, acharam a Cidade interessante, o clima favorável e a língua em comum confortável e acreditaram que, tendo um familiar a morar aqui e ambos possuindo a cidadania Portuguesa, ela com experiência profissional na área de turismo, ele como Fotógrafo freelancer, poderia ser facilitado o processo de integração em Portugal.

A trajetória migratória da Brasileira e seu marido, pode ser resumida da seguinte forma: entre a decisão de vir e efetivamente mudar, foram seis meses, casando e planejando financeiramente a mudança; chegaram a Portugal em setembro de 2015; foram viver na casa que a cunhada dividia com uma amiga, até se estabelecerem profissionalmente; ambos foram, imediatamente, trabalhar na restauração; ela em pouco tempo e por falta de melhor oportunidade profissional, foi trabalhar como operadora de atendimento em contact center para o mercado Brasileiro e puderam arrendar uma pequena casa perto da praia, sonho dele, surfista. Algum tempo depois, ele começou a trabalhar para a plataforma Uber, onde permanece até hoje, em paralelo aos serviços de freelancer como Fotógrafo. Ela foi trabalhar em outra empresa de contact center para o mercado Brasileiro, também como operadora, onde permanece até hoje, dois anos depois, ainda que tenha tentado trabalhar em outras áreas, também sem sucesso.

Estiveram no Brasil em férias no início de 2019, após quatro sem ela ver o Pai (a mãe já havia vindo visitar em férias), quando perceberam que a expectativa de melhoria de vida para eles em Portugal era pequena, por motivos profissionais e financeiros, além do que, ele sente falta dos amigos e da vida social no Brasil, ela sente falta da família, gostaria de ter seu filho perto

deles e de voltar a ter uma carreira profissional em sua área. Ambos se sentem empobrecidos financeiramente e restritos para o lazer, não conseguindo manter uma vida social como tinham no Rio de Janeiro e nem realizar o sonho de viajar frequentemente pela Europa, como pensaram poder fazer. Estão agora ponderando a possibilidade de voltar ao Brasil, até o final do ano de 2019.

Lota

Esta Brasileira, tem 42 anos, possui exclusivamente a cidadania Brasileira e uma filha de dezanove anos. Chegou em Portugal em fevereiro de 2015, é casada há quatro anos com um Português, com quem não tem filhos. Esteve em um noivado de mais de vinte anos com o pai da filha, relação que motivou sua expulsão de casa pelo pai aos 16 anos, mas mesmo após o nascimento da menina, decidiram por não viver mesma casa, ou seja, o casamento atual é a primeira relação em que divide a mesma casa.

Vivia com a filha na Cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, região turística da costa Brasileira, com muita afluência de visitantes Portugueses. Oriunda de uma família de oito filhos, com valores sexistas e tradicionais, de cultura voltada ao acúmulo de status e bens materiais.

Sua trajetória de emigração é diferente em quase tudo, das demais. Primeiro, porque é a única casada com Português, a única entrevistada que tem filhos, emigrou para casar e viver em casa do marido que conheceu no Brasil, quando ele foi em férias. Tentaram viver juntos no Brasil, mas ele teve dificuldade em conseguir trabalho condizente com sua formação de Gestor de Empresas.

Lota é Técnica Contabilista, Bacharelada em Secretariado Executivo e em Gestão de Empresa, sempre fora independente financeiramente, vivia em casa própria com sua filha e teve uma vida de classe média alta muito confortável, desde a infância.

Começou a trabalhar com 9 anos de idade, em uma oficina mecânica e revendedora de autopeças do pai, a contragosto dele, que insistia que aquele ambiente não era para criança, muito menos para uma menina. Sua motivação para começar a trabalhar foi inusitada, queria comprar uma calça jeans Levi's, que era importada e muito cara à época, e o pai, que tinha oito filhos ao total, disse a ela que não poderia comprar a calça para todos, então não compraria para ninguém.

A partir deste dia, Lota começou a ir todos os dias para a empresa do pai, ficando cada vez mais tempo e logo encontrando atividades para fazer lá, o que fez com que seu pai "aceitasse" a sua "contratação" e lhe pagasse um "salário". Em pouco tempo, a Brasileira pode comprar a

sua calça e muitas outras coisas, como sua casa, o seu carro sempre de modelo recente, e tendo uma vida financeira muito confortável e com todos os mimos que podia se dar, em paralelo a uma vida profissional repleta de realizações e iniciativas empreendedoras, que ela destacou com muita ênfase e detalhes, durante sua entrevista.

Depois de muitos anos trabalhando com o pai, outros tantos em uma empresa de sanitização, depois empreendendo com um negócio próprio de aluguel de carros e lava-carros e por último, trabalhando como Administradora de uma Construtora de Edifícios em Natal, se viu em uma encruzilhada profissional, quando o noivo Português não conseguiu se estabelecer profissionalmente no Brasil e o custo de vida que ela possuía lá seria, comparativamente, muito menor em Lisboa.

Foi quando ela veio à Lisboa passar o Ano-Novo, conhecer a família do noivo e a Cidade, é que a situação acabou por se resolver. Na noite do dia 31 de dezembro, quatro dias depois que ela veio em férias, teve imensa dificuldade de contato com os irmãos e começou a estranhar a situação, quando descobriu pelo Facebook, que algum membro da família tinha falecido, mas que ela ficou horas sem conseguir descobrir quem era, por falta de comunicação, dado o congestionamento das redes de internet e telefonia no Brasil, durante a passagem do ano.

Às primeiras horas de 2015, descobriu que seu pai havia falecido e por conta da urgência e da data festiva, não conseguiu bilhete aéreo para ir ao enterro do pai, pessoa que ela mais amava, idolatrava e admirava em sua vida, com quem tinha a relação mais íntima e afetivamente próxima, de acordo com suas próprias palavras. Retornou à Natal, a tempo de ir à Missa de Sétimo Dia do pai, mas a sua vida ali já tinha mudado, conforme contou, pois, seu pai era a única coisa que a prendia em sua terra Natal.

Foi então que, durante esses dias até retornar ao Brasil, ela e o noivo Português, começaram a planejar a sua vinda para Portugal com a filha e para isso se operacionalizar, na necessidade do casamento. Passaram o primeiro mês de 2015 a planejar a mudança, casando-se, ela organizando o processo complexo de desligamento da empresa em que trabalhava há cinco anos, e onde tinha uma relação de muita proximidade e confiança com o proprietário. Trabalhou nesta empresa até o último dia antes de sua partida em definitivo para Lisboa, marcando ali um momento-charneira entre sentir o alívio pela liberdade da vida *workaholic* que levava há tantos anos e ao mesmo tempo, a perda da autonomia financeira. Veio para Portugal alguns meses antes de sua filha, pois esta teve de finalizar o ano letivo no Brasil e aguardar o início do ano letivo seguinte em Lisboa.

Apesar de sua biografia ser de uma singularidade e riquezas de experiências ímpares, sua trajetória migratória foi relativamente simples: primeiro, com a morte do pai, decidiu casar com o noivo Português e vir viver em Lisboa; passou o mês de Janeiro de 2015 entre casar,

organizar sua vida profissional e financeira e preparar toda a documentação necessária para a filha também vir, pois sendo menor de idade, demandava outro tratamento burocrático.

Veio para Lisboa viver na casa que o marido já vivia; tentou inserção no mercado de trabalho em funções compatíveis com sua formação e experiência profissional, mas não conseguiu, tendo primeiro ido trabalhar como operadora de contact center para atendimento ao mercado Brasileiro, onde ficou por quase dois anos e depois, se desligando deste trabalho por motivos de saúde mental. Pouco depois deste desligamento, foi aprovada em um concurso público para atuar como Assistente Operacional, em uma Faculdade pública de Lisboa, onde trabalha há seis meses e realiza tarefas muito operacionais e simplórias, não condizentes com seu perfil profissional e pessoal.

Marcantes em sua narrativa são: a disparidade entre a trajetória profissional *a priori* e *a posteriori* à migração e o fosso existente entre a realidade financeira confortável que vivia em Natal, quando podia contratar uma empregada doméstica e não precisar ter responsabilidade sobre as tarefas domésticas e alimentar hábitos de vida muito consumistas e agora, em Portugal, vivendo sem opulência e com comedimento em seus gastos.

Nísia

Nísia tem 43 anos, cidadanias Ítalo-Brasileira, solteira e sem filhos. Vivia em casa própria dos pais, com a irmã mais nova, na Cidade do Rio de Janeiro, em uma família classe média alta. Morava com seus pais por opção e não pensava em viver sozinha, ainda que tivesse condições de o fazer. Disse que tinha a liberdade que precisava, mas ao mesmo tempo o conforto de não se preocupar com a manutenção de uma casa e sua despesa e gostava muito de estar em companhia do pai diariamente.

Financeiramente independente, Bacharel em Turismo e Hotelaria, trabalhava há 17 anos em uma rede hoteleira no Rio de Janeiro, quando pediu o desligamento da empresa por decidir que precisava viver outras experiências e ter melhor qualidade de vida, visto que havia passado por uma situação de violência urbana, com assalto à mão-armada, que a deixou insegura para circular livremente pela Cidade.

Sua primeira ideia era emigrar para a Flórida, nos Estados Unidos da América, onde sua prima vivia há muitos anos e lhe prometia trabalho para ganhar um bom dinheiro e suporte no processo de integração, ainda que fosse para viver ilegalmente no País. Contudo, enquanto organizava a parte burocrática de sua emigração para os EUA, um amigo que aqui já vivia, começou a incentivá-la a vir para Lisboa. Por ter gostado da Cidade quando esteve em férias em

Portugal, por possuir cidadania Europeia, pela possibilidade de receber suporte na chegada e de estar legalmente autorizada a viver no País, optou pela praticidade e pela agilidade que uma mudança para Portugal permitiria.

Entre a decisão de emigrar, realizada no mês de agosto de 2015, e sua chegada em definitivamente à Lisboa, em dezembro de 2015, foram somente quatro meses, de muito pouco a resolver, visto que vivia em casa dos pais e não estava trabalhando. Portugal apareceu como uma oportunidade e não uma opção, mas que Nísia nos conta que mudou rapidamente de ideia de ir para a Florida, pois passou a ter interesse em se estabelecer em Portugal.

Quando chegou, sozinha, foi viver em casa deste amigo em Lisboa, onde permaneceu por praticamente três anos, tendo recentemente, arrendado uma casa para viver só, pela primeira em sua vida.

Desde sua chegada, trabalhar foi uma preocupação constante, visto ter de arcar com todas as despesas que antes, quando vivia com os pais, não precisava se preocupar. Seu primeiro trabalho surgiu rapidamente, aproximadamente um mês após a sua chegada e foi em uma empresa de contact center, como operadora de atendimento para o mercado Brasileiro, onde permaneceu por seis meses até que o projeto findasse. Na sequência, foi trabalhar em outra empresa de contact center, na mesma função, também para o mercado Brasileiro, e lá permaneceu por um ano e meio, tendo esta experiência de trabalho sido profundamente insatisfatória para a entrevistada. Quando este contrato foi encerrado, Nísia precisou solicitar auxílio desemprego pela Segurança Social Portuguesa e durante dez meses, realizou cursos de qualificação e participou de seleções para trabalhos, mas não conseguiu ser empregada em funções compatíveis com sua área de formação e experiência profissional a priori à migração.

Atualmente, está trabalhando em outra empresa de contact center, na mesma função de operadora de atendimento, e mais uma vez, para o mercado Brasileiro.

Tarsila

Tarsila tem 25 anos, cidadania Brasileira, está casada há 3 anos com um luso-brasileiro, com quem já vivia maritalmente antes da emigração, mas decidiram por se casar para que ela pudesse vir para Portugal como sua esposa. O casal não tem filhos, são advindos de uma família classe média, e viviam em casa própria, em um bairro afastado, da Cidade do Rio de Janeiro, entretanto, sua naturalidade é na Cidade de Alegrete, no Estado do Rio Grande do Sul, de onde saiu em meados da adolescência, para acompanhar os pais.

Ainda no Brasil, completou o ensino secundário Técnico em Gestão, sem ter atuado

profissionalmente, pois contou que passava por um período profundamente depressivo no Brasil, há algum tempo e que, por isso, se sentia sem condições de trabalhar ou estudar não tendo, por este motivo, uma experiência profissional expressiva, a priori à migração. Vivía às expensas do marido, que conforme ela informou, tinha bons rendimentos na área das tecnologias.

O que motivou sua migração foi acompanhar o marido, que veio realizar um curso de mestrado em Lisboa. Chegaram a Portugal em agosto de 2016, praticamente dois meses depois do marido receber a resposta da aprovação da sua candidatura ao mestrado. De acordo com o que contou, foram dois meses muito tumultuosos, com atividades burocráticas intensas, a realização do casamento e a pressa em se desfazer de todos os pertences pessoais que possuíam em casa.

Logo que chegou, sentiu muita dificuldade em se adaptar à cultura Portuguesa e seu quadro depressivo teve uma piora considerável, no primeiro ano de vida aqui, quando decidiu passar um tempo com os pais no Rio de Janeiro. Este período foi curto, de aproximadamente duas semanas, pois identificou que não queria mais morar no Rio de Janeiro, nem se afastar do marido, e com isso, resolveu voltar para Lisboa.

Na mesma época, conseguiram renda extra arrendando um quarto de sua casa para usuários de uma plataforma online de locação de alojamentos, mas com o tempo, a presença de estranhos começou a incomodá-la, cancelando então, esta prestação de serviço.

Durante este tempo, esteve sem trabalho e sem projetos pessoais, tendo sido pressionada a trabalhar, para auxiliar o marido a custear as despesas do casal, em Lisboa. Seu primeiro trabalho aqui foi em uma empresa de contact center, como operadora de atendimento para o mercado Brasileiro, onde permaneceu por praticamente dois anos, até que passou por uma situação extremamente desconfortável na empresa, e pediu o encerramento de seu contrato, além do trabalho ter se mostrado muito desgastante. Pouco tempo depois, conseguiu outro trabalho em outra empresa de trabalho temporário, onde atua agora, como assistente administrativa de dados, em um projeto de uma empresa de tecnologia, mais uma vez, para o mercado Brasileiro. Estas experiências profissionais em Portugal, se configuram como as primeiras que lhe proporcionam rendimentos próprios, conseguindo arcar com suas despesas em uma situação de trabalho regular.

Zuzu

Zuzu tem 35 anos, cidadania Brasileira, casada há 4 anos com luso-brasileiro, com quem já vivia antes, tendo o casal por decidido oficializar o relacionamento, para que ela pudesse acompanhá-lo na mudança para Portugal, sem constrangimentos legais. O casal não tem filhos.

Vieram da Cidade do Rio de Janeiro, onde ambos viviam na casa própria da mãe de Zuzu e junto com ela. De família classe média alta no Brasil, mantinha-se com trabalhos freelancers como Designer Gráfico, mas de uma forma geral, não era financeiramente independente. Bacharel em Programação Visual com especialização em Produção de Cinema, esta Brasileira possui uma trajetória profissional a priori à migração um tanto errática, marcada pela precariedade dos vínculos empregatícios e a irregularidade dos projetos.

O objetivo da emigração de ter uma experiência de viver na Europa, com melhor qualidade de vida, fugindo do caos urbano do Rio de Janeiro, se deu após uma viagem que o casal fez pela Europa, no ano de 2009. Inicialmente, o casal tinha como projeto, viver na Holanda, onde o marido fez um processo de seleção para um trabalho, mas não conseguindo ser aprovado, tiveram de repensar o destino.

A decisão por Portugal e por Lisboa, veio no pela praticidade pois o marido possuía a cidadania Portuguesa, ambos já conheciam e gostaram da Cidade e esta poderia se configurar como uma porta de entrada para outros países da Europa, por onde o casal expectava poder viajar com frequência.

Ainda que tivessem decidido por emigrar em 2009, somente em maio de 2015, o casal chegou à Lisboa em definitivo. Foram anos de reflexão sobre a mudança, e depois, um ano de preparação, entre oficializar a relação marital, poupar recursos financeiros e organizar a viagem.

Quando chegaram a Portugal, foram viver em um quarto sem janelas, arrendado, em uma casa com seis quartos e aproximadamente doze pessoas vivendo juntas. Por lá ficaram seis meses, até encontrarem um apartamento para viverem somente os dois, onde estão até hoje.

Inicialmente, ambos mantinham seus trabalhos como freelancers para clientes Brasileiros, contudo, o custo de vida em euros não pode ser sustentado por estas atividades, sendo necessário a ambos, procurar emprego em Portugal. A Brasileira conta que os dois tiveram dificuldade em conseguir trabalho e acabaram tendo de ceder à oportunidade de trabalhar como operador de atendimento em empresa de contact center, para o mercado Brasileiro, onde alguns conhecidos poderiam lhes indicar.

O casal então iniciou, praticamente ao mesmo tempo, o trabalho neste contact center,

sendo que o marido conseguiu inserção em sua área das tecnologias, em menos de seis meses e Zuzu, que teve dificuldade em conseguir trabalho como Designer Gráfico, permaneceu por um ano e seis meses, no trabalho de contact center, até que o projeto fosse encerrado. A Brasileira extremamente desgastada por essa atividade, optou por permanecer no auxílio desemprego e fazer alguns trabalhos freelancers, até que fosse possível ser aprovada em uma posição compatível com sua formação profissional e interesse.

Durante este tempo, realizou um curso em um segmento específico de sua profissão, e com alguns trabalhos voluntários em uma instituição não-governamental, conseguiu visibilidade para seu portfólio. Com essa experiência no mercado Português, pode então participar de uma seleção de trabalho como Designer contratada a recibos verdes, onde aprovada, trabalha até o momento, em uma Faculdade pública Portuguesa.

4.2. Considerações iniciais sobre o conteúdo analisado

A partir deste retrato sociográfico das entrevistadas, alguns elementos logo de partida se destacaram: ainda que o público-alvo para as entrevistas fosse de mulheres Brasileiras que vivessem em Portugal há mais de dois anos, foi curioso notar que todas as participantes imigraram entre os anos de 2014 e 2016, fazendo parte da última vaga de Brasileiros (ou de naturalidade Brasileira) imigrada em Portugal; outra característica interessante, é que todas possuem cidadania Portuguesa, Europeia ou são casadas com luso-brasileiros, não configurando de modo algum, um perfil de imigração ilegal, além do que todas vieram com recursos financeiros suficientes para iniciar a vida em Portugal, o que caracteriza tanto um planeamento prévio da migração, quanto um perfil socioeconómico diferenciado o que na sequência, será pormenorizado.

Sobre as questões socioeconómicas, todas as participantes se apresentaram como tendo o status de classe média e classe média alta no Brasil, sendo a maioria independente financeiramente e todas viviam em casa própria da/com família ou do/com o marido. Ainda sobre o status socioeconómico delas atualmente em Portugal, verificou-se que a grande maioria se considera empobrecida, em comparação à vida que levavam *a priori* à imigração, o que claramente decorre de um processo de dificuldade de inserção ou desqualificação profissional.

Todas as qualificadas tiveram dificuldade em se recolocar em funções compatíveis com as que exerciam profissionalmente no Brasil. Importante salientar que, cinco das seis participantes, demonstraram de alguma forma em suas narrativas, o fato de se sentirem desvalorizadas profissionalmente, tendo trabalhado em funções de contact center por falta de outra opção e oportunidade em sua área profissional, sendo esta experiência invariavelmente traumática para todas.

Ainda que todas as participantes possuam algum grau de qualificação profissional, a maioria com ensino superior e uma com ensino pós-graduado, todas apresentaram a mesma trajetória profissional inicial em Portugal, em atendimento para o mercado Brasileiro, em empresa de contact center. Este fator pode parecer enviesamento da amostra, no entanto, sendo a técnica de bola de neve utilizada para a seleção das participantes, era de se esperar que as mulheres indicassem outras de seu círculo social próximo, inclusive dos ambientes profissionais.

Outro fator que se pode relacionar a esta similaridade nos percursos profissionais é que, dada a dificuldade de inserção profissional no mercado Português, o caminho natural para todas as entrevistadas foi trabalhar em empresas para o público Brasileiro, onde suas qualificações

atendiam às exigências das empresas, sem restrições. Da mesma forma, sendo a comunidade Brasileira em Lisboa uma rede social de apoio aos novos imigrantes, as oportunidades profissionais acabam por ser partilhadas entre os membros dessa rede, levando a um afunilamento das experiências profissionais nas empresas em que trabalham os imigrantes que já estão integrados na sociedade Portuguesa.

Sobre o eixo das *identidades*, em uma visão geral do conteúdo, foi possível observar nas auto percepções identitárias a *priori*, que o uso de palavras com sentidos semelhantes à “mimada”, “superprotegida” ou “imatura” foi recorrente em absolutamente todas as narrativas, o que levou a focalização da análise nas aprendizagens relacionadas ao empoderamento e autonomização.

Ainda sobre o eixo identidades a *priori*, as motivações para a emigração estiveram circunscritas, direta ou indiretamente, em ter uma experiência de estudos ou de viver fora do Brasil, com vistas à melhoria na qualidade de vida, nos âmbitos da segurança, da tranquilidade/paz ou do acesso ao continente Europeu para viagens. Importante destacar que, nenhuma delas, menciona as expectativas de incremento financeiro ou de melhores oportunidades profissionais em Portugal (em comparação ao Brasil) nas motivações, mas todas mencionam essas questões como disjunções, em suas experiências migratórias.

O intuito deste panorama foi conceder um resumo das questões inicialmente identificadas no conteúdo das narrativas e nas biografias e justificar a seleção das aprendizagens experienciais que foram submetidas à análise neste estudo, sob a ótica do Diagrama da transformação da pessoa pela aprendizagem, de Peter Jarvis.

4.3. Experiências migratórias das brasileiras e o Diagrama da Transformação da Pessoa pela Aprendizagem, de Peter Jarvis

Aprender em uma trajetória migratória resulta da articulação entre o *eu* em transformação pela própria experiência migratória e inéditos mundos-vida, tanto natural, porque um novo espaço geográfico apresenta peculiaridades que podem ser díspares do local de origem da migrante, quanto social, porque as pessoas, os comportamentos, os hábitos e os valores serão próprios daquela cultura.

Por conseguinte, as experiências vivenciadas neste novo contexto também são inéditas e demandaram, no caso das participantes deste estudo, investimento em muitas aprendizagens diferentes, para aprender a viver em Portugal. As aprendizagens relatadas pelas participantes, se enquadraram em domínios variados, revelando a produtividade já esperada, de aprendizagens realizadas a partir de experiências migratórias.

Os relatos das participantes contemplaram todas as perguntas constituintes do guião da entrevista, de forma que foi possível organizar os dados nas categorias previamente definidas e assim, descobrir as similaridades e diversidades nos constructos. Nesta fase de pré-análise dos conteúdos, duas temáticas se apresentaram recorrentes na quase totalidade dos relatos: as aprendizagens envolvendo processos de autonomização e empoderamento das participantes, no eixo das *identidades*; e as que envolveram os processos de inserção profissional, no eixo das *aprendizagens*.

Porque esses domínios do empoderamento feminino e da inserção profissional se verificam, atualmente, como estruturantes para a vida ativa em uma sociedade globalizada, as atenções do estudo foram focalizadas neles. A partir desta observação, decidiu-se por concentrar a análise então nas experiências e aprendizagens relativas à autonomização e empoderamento e à inserção profissional das participantes, e por utilizar-se do *Diagrama da Transformação da Pessoa através da Aprendizagem*, de Peter Jarvis (Figura 1), como modelo estruturado para a exploração dos processos de elaboração destas aprendizagens.

Seguindo esta mesma lógica empregada na análise, optou-se por apresentar os resultados desta investigação na mesma sequência das etapas (caixas) do Diagrama de Peter Jarvis, separando o texto pelos eixos de análise e linhas temáticas. Este encadeamento da apresentação permitiu acompanhar a análise de cada etapa da aprendizagem e os fatores de influência sobre elas. No capítulo conclusivo desta investigação, será apresentado um esquema visual dos percursos destas aprendizagens analisadas, com base no Diagrama utilizado.

No caso deste estudo, o ciclo migratório para Portugal aconteceu entre os anos de 2014 e 2016.

As mulheres estão na faixa etária dos 25 e 43 anos e se apresentaram como pertencentes às classes média e média alta, no Brasil e baixa em Portugal. Quatro vieram casadas, duas vieram solteiras. Os estados civis das participantes não se alteraram até as datas das entrevistas.

Quatro são originárias da Cidade do Rio de Janeiro, no Estado do Rio de Janeiro; uma vivia em Sumaré, Cidade no interior do Estado de São Paulo, esta com alto índice de desenvolvimento humano (se comparada à realidade Brasileira) e outra era de Natal, Cidade do Rio Grande do Norte, região turística no Nordeste do Brasil com grande afluência de Portugueses.

4.3.1. Experiências migratórias no eixo das identidades.

A participante, sua história de vida, o mundo-vida no Brasil e a mudança para Portugal (Caixa 1.1)

A migrante, quando se move entre mundos-vida distintos, traz em sua bagagem um conjunto de elementos que influenciam, direta ou indiretamente, nas experiências e nas aprendizagens que irá realizar no local de destino, posto isto, para entender suas trajetórias migratórias, foi preciso antes saber quem eram antes de vir para Portugal para “reconhecer os migrantes como seres sociais com atributos específicos: gênero, classe social, etnia, religião, educação, idade e estágio do ciclo da vida, os quais afetarão a maneira como a migração é experimentada e gerenciada” (Morrice, 2014, p.157).

Este repertório englobou sua história de vida, seu status socioeconômico, suas expectativas para o projeto migratório, suas identidades (profissional, inclusive), seu repertório de saberes e um quadro de referências simbólicas, culturalmente construído ao longo de sua biografia, a partir das interações que tiveram pois,

Somos seres humanos sociais, sempre em relacionamentos mútuos e, à medida que crescemos, adquirimos uma linguagem social, de modo que quase todos os significados refletem a sociedade em que nascemos (Jarvis, 2013, p. 36)

Estes elementos subsidiam a percepção das migrantes sobre o novo mundo-vida e esta percepção, será a base das aprendizagens realizadas a partir das experiências de interação neste novo espaço, construindo assim um novo quadro de referências simbólicas, que permitirá a esta mulher viver e se integrar na sociedade que a recebe.

Fundamental foi compreender que neste percurso, as migrantes precisaram estar dispostas à abrir mão de algo, porque “as novas aprendizagens exigirão *desaprendizagens* (isto é, despojar-se de hábitos mais ou menos antigos sobre os quais se deverá tomar consciência de que são freios na marcha para frente e para tornar-se disponível à sua criatividade)” (Josso, 2012, p. 20).

Os choques culturais foram naturais no primeiro momento de contato com a sociedade de acolhimento, e as primeiras percepções das migrantes, certamente moldou as suas interações seguintes:

Chegando aqui, eu não me adaptei de jeito nenhum, porque Portugal é tudo diferente [...] da nossa cultura [...] para mim não foi legal o início. Eu cheguei a voltar para o Brasil,

mas *pronto*, agora eu já tô mais adaptada (Tarsila).

Tanto as condições internas, “características do aprendiz que influenciam as possibilidades de aprendizagem e estão envolvidas nos processos referentes a ela” (Illeris, 2013, p. 27) , quanto as condições externas, que “são os aspetos situados fora do indivíduo, que influenciam as possibilidades” (Illeris, 2013, p. 27), onde se incluíram os “aspetos da situação imediata”, o “espaço de aprendizagem” e a “cultura e sociedade” (*idem ibidem*), reforçaram a importância de se conhecer a pessoa que aprendeu e o meio em que a aprendizagem ocorreu.

Buscar conhecer os quadros de referência das entrevistadas através de suas narrativas, permeou todo o processo de análise das experiências e aprendizagens relatadas, no intuito de significá-las no contexto migratório, e de fato, somente escutando ativamente as histórias de vida das participantes é que

encontramos o conhecimento e as crenças, os sistemas de significado que as pessoas incorporaram em suas histórias - muitas vezes, os conhecimentos e as crenças não são explícitos, mas de alguma forma, escondidos na narrativa, que é contada em relação à situação social do contador da história (Jarvis,2009,p. 118).

Como vimos anteriormente neste estudo, a singularidade de cada percurso formativo está intrinsecamente relacionada à identidade de cada pessoa, à unicidade de seu *ser* e *estar* no mundo e, essas características, é que precisamos conhecer para tentar compreender o sentido que estas mulheres deram às experiências das suas trajetórias migratórias. Por este motivo, o guião da entrevista continha questões sobre o perfil sociográfico das entrevistadas, suas motivações migratórias, sua trajetória e qualificação profissional e sua percepção identitária a priori à migração.

De alguma forma, fez diferença nas aprendizagens realizadas com as experiências migratórias, a motivação para a migração e a percepção de seu status de migrante voluntária, disposta a construir uma nova vida em Portugal:

(a forma) como percebemos nossa própria posição na sociedade se refletirá em nossas atitudes ou traços de personalidade e, em nossa motivação para agir (Jarvis, 2009, p. 176).

Com relação ao eixo das *identidades*, o primeiro elemento que se destacou sobre suas identidades a priori à migração (em um mundo-vida óbvio), foi a auto percepção partilhada por todas as participantes, de que eram mulheres imaturas e/ou voluntariosas, que viviam uma vida confortável:

Eu acho que elas me viam mesmo como aquela menina que eu era. Super protegida pela

família, pela mãe, principalmente. Eu acho que elas me viam mesmo como uma pessoa superprotegida, eu tenho mesmo uma mãe super protetora, daquela que eu acordava de manhã e o café da manhã tava servido, daquela que picava as frutinhas para eu levar para o café da tarde na empresa. Então eu acho que as pessoas me viam muito assim, como uma pessoa que estava mesmo muito debaixo da saia da minha mãe ainda, de alguma forma. Não porque eu quisesse estar lá, mas porque eu tinha que estar lá, eu não tinha mesmo assim, muita opção (Chiquinha).

Eu era uma menina que tinha tudo, tinha mesmo, não posso reclamar. Tinha muito conforto, eu tinha um bom salário, eu poderia assim ir ao shopping no final de semana e comprar o quanto quisesse de roupa, sem me preocupar, mesmo, num estilo assim, bem consumista que eu já fui, muito (Chiquinha).

Era uma pessoa muito, muito, mais dependente, acomodada. Um pouco revoltada assim, com as coisas como são, sabe? Menos flexível, talvez, eu sou muito crítica e continuo sendo crítica, só que eu achava, muito mais (que agora), que as coisas tinham que ser como eu acho que tinham que ser; como eu acho que elas deviam ser (Zuzu)

Não gastava dinheiro em casa, com as despesas da casa, era a minha mãe que gastava (Zuzu)

Ficou claro na análise das entrevistas, o perfil de mulheres imaturas que se arriscaram no novo. Esta antítese entre estar em uma vida confortável e acomodada, em mundos-vidas óbvios e seguros, e a decisão por emigrar e viver algo completamente novo e disjuntivo, demonstrou que todas essas mulheres carregavam em si uma insatisfação com suas identidades pregressas e, uma motivação intrínseca para alterá-las: “estar ciente de nossas experiências e de nossa própria história de vida, significa que temos escolhas sobre nossas vidas” (Jarvis, 2009, p. 199).

No contexto motivacional, o fato das migrações terem sido voluntárias, nos remeteu aos elementos iniciadores de um ciclo de aprendizagem, e no universo das participantes deste estudo, todas migraram pró-ativamente, e conscientemente, justificaram suas decisões como estando em busca de novas experiências, melhorar a qualidade de vida ou estudar:

para ter uma experiência de tipo, sair daquele ciclo de estar sempre com a família, de estar sempre protegida, de estar sempre vivendo uma coisa que, pronto, eu queria também que fosse diferente (Leolinda).

sempre quis ter a experiência de viver fora e tinha gostado de Portugal. Tinha me sentindo bem aqui, quando estive aqui de férias. Gostei do clima, sei lá, principalmente de Lisboa, senti que era uma Cidade acolhedora de alguma forma, e fiquei com esse bichinho, com essa ideia na cabeça. Por que não? Porque não tentar ir para lá? (Chiquinha).

eu lá tinha um custo de vida muito alto [...] tinha um custo de vida altíssimo [...] meu custo de vida era muito alto [...] e fazendo as contas [...] e achamos melhor [...] então vamos morar em Portugal e viemos para Portugal. (Lota)

Contudo, em suas jornadas de inserção na sociedade Portuguesa, as aprendizagens

relatadas foram iniciadas pelos dois tipos de experiências: reativas e pró-ativas, o que será detalhado adiante.

Portugal: experiências disjuntivas em um mundo-vida inédito (Caixa 2)

Dos muitos desafios que as imigrantes encontraram em seus processos de integração em Portugal, podemos observar desde situações corriqueiras de fundo procedural; como utilizar um transporte público, limpar e organizar a casa, viver longe da família ou com pessoas diferentes, até a necessidade de tomar decisões sozinhas. Este foi um movimento esperado em uma fase inicial de entendimento deste novo *viver*, em que, o estranhamento sobre as diferenças culturais, geraram dúvidas sobre como lidar com estes desafios. Aprender a viver neste novo mundo-vida contemplou reestruturar todo repertório de saberes que trouxeram do Brasil, pois

O processo de migração perturba os modelos de referência adquiridos e o repertório biográfico acumulado de conhecimento e significados; os migrantes precisam aprender novos comportamentos, muito provavelmente uma nova linguagem, entender novas regras e se adaptar a novos valores e outro tipo de espaço social. (Morrice, 2014, p. 152)

Estes estranhamentos foram percebidos como experiências disjuntivas, exigindo das migrantes, a busca por uma solução ou resolução para essas questões, iniciando ciclos de aprendizagem. O elemento que inicia uma experiência disjuntiva, está diretamente relacionado à intensidade do desafio, ao impacto na biografia da migrante, a sua identidade, a sua história de vida e à qualidade da interação com o novo mundo-vida.

A experiência começa com a disjunção (o fosso existente entre a nossa biografia e a nossa percepção da nossa experiência) ou uma sensação de não saber, mas na primeira instância, a experiência consiste no corpo receber sensações (...) que parecem não ter significado (Jarvis, 2013, p. 36).

Estas sensações foram estímulos, internos e externos, que estiveram presentes nas experiências pró-ativas e nas reativas, e que as reações/ações às estas situações vivenciadas, foram influenciadas tanto pelo grau de interesse e esforço da migrante na construção de novos conhecimentos para se integrar ao novo mundo-vida, quanto no feedback das interações realizadas.

É importante ressaltar que, um mesmo estímulo externo poderia ter sido percebido de maneira diferente por outra pessoa, devido à particularidade da visão de mundo de cada indivíduo, sendo este fato, justamente o objeto deste estudo: a unicidade nos percursos das aprendizagens via experiências. Ainda que as migrantes possam ter vivenciado situações

semelhantes, os registos do ocorrido nunca serão idênticos, porque uma experiência é

a maneira pela qual os órgãos dos sentidos transmitem imagens do mundo externo para nossas mentes, através de nossos corpos [...] estamos cientes do que é externo a nós e podemos ter uma experiência a partir disso. Mas vale a pena ressaltar que, o princípio é de que aprendemos com nossas experiências do mundo externo e não, com o próprio mundo externo [...] podemos realmente experimentar a realidade externa, de diferentes maneiras (Jarvis, 2009, p. 81).

Quanto mais desconhecimento da cultura Portuguesa as migrantes aparentaram ter, ou menos identificação tinham com esta, mais conflituosas se mostraram as experiências disjuntivas narradas, evidenciando uma crescente desmotivação para integração na sociedade Portuguesa pois, “quando avaliamos as pessoas e seu comportamento, podemos ser afetados pelo que sabemos sobre os grupos em que elas atuam e onde aprenderam (sua cultura) ou, pelos grupos em que estamos atuando, ou por ambos” (Jarvis, 2009, p. 174).

Quanto mais tempo as imigrantes informaram estar em Portugal até o momento da entrevista, mais exemplos de preconceito e xenofobia relataram, implicando em percepções negativas sobre o acolhimento do Português aos Brasileiros e às Brasileiras:

escutar casos de pessoas (Brasileiros) que foram maltratadas, desrespeitadas (por Portugueses), mas eu gosto muito de morar aqui. Eu deixo, eu relevo, eu deixo passar, não fico dando muita importância: "ah, é o jeito deles, pronto, vai para outra"; "não foi bem atendido aqui, vai para outro (comércio)" (Nisia)

um Engenheiro de uma obra que estava tendo aqui disse: "Volte para o Brasil" e eu também disse a ele na mesma hora: "Vai se *foder*", e fui me embora. Corri, andei mais rápido, porque pensei que ele ia me dar uma *porrada*, mas foi muito impactante saber aqui como era o preconceito (Lota).

a coisa que mais sofri na minha vida, foi ver minha filha sofrendo porque era discriminada na escola, por ser Brasileira. Para você ter uma ideia, a professora ridicularizou até um ponto, e era Diretora de turma, que disse que por punição, ia pôr os alunos para ouvir um vídeo dobrado, como diz aqui é dobrado, não é dublado, em Português do Brasil. Era uma punição sonora, alguém ouvir nosso sotaque, isto vindo de uma professora, eu acho que [...] foi uma coisa assim tão impactante, tão impactante, que eu disse: "Meu Deus do Céu, onde é que a minha filha está?!". Foi para a Psicóloga e mudei a menina de escola (Lota).

No caso dos estímulos externos, esses choques culturais apareceram marcadamente, em grande parte das entrevistas. Desde a atitude de um interlocutor Português, ao ineditismo de uma situação prática, essas experiências despoletaram nas migrantes, um esforço para compreender os comportamentos e as atitudes e iniciar aprendizagens sobre novos padrões comportamentais e hábitos culturalmente aceitáveis em Portugal:

Tem algumas coisas que são meio impactantes, como o fato daqui as casas não terem tanque para lavar roupa; eles não usam rodo, eu pensava “como que eu vou lavar o banheiro e não tem um rodo para puxar a água?”, coisas assim. Eu lembro de ir no supermercado procurando um rodo e eu não achei, porque não tem (Chiquinha).

Aqui, o Português ele é muito sisudo, muito mal-humorado, ele vai te responder de forma grosseira, dentro do transporte público, num restaurante, numa padaria e você tem que responder igual (Chiquinha).

não fazia nada em casa [...]. A *Lota* de hoje, já tem outras tarefas, eu tenho que fazer minha comida para levar para o trabalho, nunca *comi de marmita*, a primeira vez que como é aqui. Aprendi a *comer de marmita* aqui, nunca *comi de marmita*. Tanto que em casa (no Brasil), tinha um microondas que quase nem se usava, sempre tive alguém para esquentar comida quando eu chegava, e comia comidinha fresca. Aqui, aprendi que comida congelada também é boa (Lota)

Quando questionadas sobre a condição de mulher Brasileira imigrante em Portugal, a maior parte das entrevistadas apresentaram algum relato sobre racismo, sexismo ou violência de gênero. Algumas, fizeram comparações comportamentais com as mulheres Portuguesas, outras falaram sobre a imagem sexualizada que a mulher Brasileira possui em Portugal (e em alguns casos, no mundo) e todas, invariavelmente, sugeriram que em seu processo de integração, lhes foram exigidas mudanças comportamentais, para *enquadramento* na cultura Portuguesa:

Não é fácil, não é fácil, você já ser mulher e se você for Brasileira então, ai nem se fala [...] você vai carregar um pouquinho mais de estereótipos. O estereótipo de Brasileira, de que se você é Brasileira, você é uma pessoa fácil, você é uma pessoa disponível, sexualmente falando, principalmente. Infelizmente, a mulher Brasileira tem essa imagem aqui, não só aqui em Portugal, mas em vários outros lugares do mundo, que vai estar sempre ali, disponível sexualmente (Chiquinha).

Eu sempre fico preocupada com o que, não o que as pessoas vão pensar, mas o que os Portugueses vão imaginar da minha postura como Brasileira, é isso, 100% é isso. É claro que eu não fico [...] ‘vou fazer assim’, ‘vou falar de outra forma’, não é isso, eu não faço, mas eu sempre acho que eu estou sendo avaliada. Mesmo às vezes não estando, mas eu sempre acho que eu tô sendo avaliada no meu comportamento, na minha comunicação (Nisia)

quando eu tava no café trabalhando, eu tava de costas para o balcão e aí, veio dois senhores, nas duas situações foram dois senhores e, quando eu virei, dei bom dia e ele: além de Brasileira é cega? (Leolinda)

Nestas interações com os homens Portugueses e com as mulheres Portuguesas, as imigrantes Brasileiras perceberam que suas identidades de gênero e de imigrante, influenciavam no tipo de feedback recebido da comunidade nativa, e que havia necessidade de ajustamento no comportamento, dependendo do gênero do interlocutor e do espaço de interação. A profundidade deste ajuste, foi regulada pela urgência por integração e convívio com os Portugueses e pela estratégia distinta encontrada, para lidar com esta disjunção pois, “embora exista alguma universalidade na espécie humana, nossas experiências culturais são próprias e são únicas” (Jarvis, 2009, p. 81).

Nas questões relacionadas a gênero, algumas entrevistas foram mais marcantes, ainda que todas as entrevistadas, tivessem algum relato para contar sobre o tema. Do universo de participantes deste estudo, 2 das 6 mulheres, sofreram assédio sexual em Portugal, uma incidência expressiva. Em um dos relatos, a Brasileira contou ter sido assediada por um funcionário público do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras Português (SEF), quando se encontrava em uma situação de extrema vulnerabilidade, ao solicitar a renovação da sua autorização de residência no País. A outra, sofreu assédio sexual de um superior hierárquico do local em que trabalhava, e não recebeu o suporte adequado da empresa na condução da situação.

Estas experiências desencadearam ciclos de aprendizagens multifatoriais envolvendo as relações de gênero, principalmente entre uma mulher Brasileira e um homem Português, no tocante às identidades de gênero, de Brasileira, de migrante e em um segundo momento, trouxe um questionamento sobre a confiança nas instituições Portuguesas.

Dada a gravidade da experiência narrada envolvendo o SEF, e da multiplicidade de disjunções resultantes desta, foram apresentados vários excertos desta entrevista, de maneira a que todos os elementos disjuntivos ficassem explícitos:

eu tive uma renovação de residência no SEF [...] e eu fui assediada pelo funcionário do SEF [...] por fim ele me pediu o pendrive, mas a todo tempo ele fica insinuando que isso ia ter um custo, com uma voz assim sempre muito doce, ele falava comigo que isso ia ter um custo, isso ia ter um custo [...]a outra funcionária do SEF que era uma mulher, eu acho que ela percebeu qualquer coisa porque meu atendimento demorou muito, ela veio até lá [...] e falou: “olha, és o SEF, não és a Santa Casa de Misericórdia” (Chiquinha).

extremamente nervosa porque eu já tava percebendo tudo o que ele tava me dizendo, ele até me chamou para tomar um café no meio dessa conversa toda [...] ‘porque quem sabe depois, a gente pode tomar um café? [...] aqui em Portugal, a gente sabe que quando um homem convida uma mulher para tomar um café, é um encontro, né?

(Chiquinha).

Com que direito ele achou que ele poderia, ali naquele momento, que eu tava numa situação extremamente vulnerável e ele uma pessoa de autoridade, me pedir para tomar um café? (Chiquinha).

eu levantei para tirar fotografia, nervosa, tava tensa, ele virou para mim e disse assim: “ah, mas melhora essa carinha para sair na fotografia”, num tom assim, muito nojento, e aí depois então ele fez a foto, eu voltei, ele ampliou a minha foto no computador: “ah, ficaste muito bem na fotografia”; mas assim, muito nojento (Chiquinha).

e eu, pela primeira vez na vida, aconteceu uma situação dessa comigo, e que eu não fiz nada...nada, eu me calei. Eu não disse nada. Eu fiz de conta que não tava entendendo, dei uma de *retardada*, porque eu precisava da minha residência. Em outras situações (no Brasil) eu teria feito um escândalo, teria sei lá, partido até para uma agressão física mesmo [...] mas, nesse dia, eu me calei, eu dei uma de retardada como se nada tivesse acontecido e não falei nada (Chiquinha).

E aí então, ele terminou todo o processo e enquanto eu tava ali nervosa [...] ele dizia: ‘fica tranquila, eu não vou negar a sua residência, não vou negar, mas tem um custo’ ele sempre falava essa frase do “mas tem um custo”. Nojento, assim nojento (Chiquinha).

Eu saí de lá perplexa [...] eu cheguei em casa mal, fiquei o dia inteiro mal, porque foi a primeira vez que me aconteceu uma coisa assim, que não pude falar nada, não pude fazer nada, eu me senti mesmo assim, de mãos atadas, eu não podia falar nada, o que eu ia fazer? Precisava da minha residência. Eu fiquei sem ação. Foi mesmo horrível (Chiquinha).

Com relação às experiências pró-ativas, estimuladas por insatisfações internas diante de uma nova realidade, também apresentaram disjunções importantes no eixo das identidades, reforçando a condição anterior de mulheres imaturas, que se depararam em Portugal, com a ausência dos suportes afetivo, financeiro e prático, que os familiares e amigos proviam no Brasil.

A experiência de desconexão dos laços psicológicos com a família e com a situação de dependência em que viviam antes da migração, surgiu como elemento disjuntivo iniciador do processo de autonomização e empoderamento, observado em absolutamente todos os casos:

eu via a minha mãe todos os dias e depois que eu vim para cá, fiquei 2 anos sem ver minha mãe e quatro sem ver meu pai, então, pronto, você vai criando uma casca, né? De tentar ser forte para sustentar aquele momento (Leolinda)

as escolhas principalmente, escolha para tudo, para lugares de frequentar, amigos que você quer ao seu redor, local para morar, local para estudar, tudo depende das suas escolhas (Nisia)

O que ficou patente na análise dos conteúdos das entrevistas, relacionados a esta etapa do Diagrama de Peter Jarvis, foi que ao narrar as disjunções experienciadas, as entrevistadas, em maior ou menor intensidade, renovaram suas reflexões sobre os ocorridos, reviveram emoções (e em alguns casos, sentiram outras distintas das originais) e questionaram suas ações do

passado, iniciando novos ciclos de aprendizagem sobre a mesma experiência realizada. Jarvis (2009), aponta para essa capacidade de construção (ou reconstrução) de significado por meio da narrativa sobre uma experiência passada, mesmo quando o evento originário não tenha resultado em alguma aprendizagem inicial:

ao contar nossa história, estamos impondo ou construindo um significado, ou um significado reflexivo, para essas experiências passadas. Pode ser que o próprio ato de construir a história se torne uma experiência de aprendizado para os agentes. Na verdade, construímos um significado ou explicação, pois estamos trazendo à nossa consciência um conhecimento tácito que foi armazenado como resultado de experiências anteriores e somos capazes de aprender com ele (p. 159).

Porque não há como se observar os processos internos de aprendizagem das pessoas, nem a *veracidade* dos fatos e dados que nos contaram, dependemos do que foi narrado e do que foi possível perceber, das linguagens verbal e não-verbal da contadora da história, sobre sua aprendizagem. Considerando isso, não foi possível identificar nas entrevistas deste estudo, se as reflexões, emoções e ações narradas, fizeram parte de uma experiência original de aprendizagem, ou se foram construídas durante as entrevistas, quando se recordaram das experiências disjuntivas pois,

quando contamos nossa história, podemos descrever um acontecimento ou uma série de eventos em nossas vidas [...]. Para alcançar uma sensação de satisfação ou justificativa psicológica, reunimos alguns desses eventos e episódios que se imprimiram firmemente em nossas memórias - mesmo que não sejam lembranças precisas de eventos, e o que lembramos possa ser apenas uma interpretação e destes, construímos nossa história (Jarvis, 2009, p. 158).

Percursos de processamento das experiências em busca de solução para as disjunções (caixas 3, 4 e 5)

Os percursos de aprendizagem observados a partir das entrevistas deste estudo, foram nitidamente singulares e deixaram impressos, os estilos de aprender de cada uma, seus *modi operandi* de aprendizagem. Este fato, reafirmou a perspectiva de que quem aprende é a pessoa e que não é possível empregar um método estático e determinista, para se compreender a aprendizagem humana, em que cada processo de aprendizagem

dependerá em parte de muitas variáveis, como a distância cultural entre o antigo e o novo espaço [...] e outras conexões com o espaço de onde vieram; a motivação para a migração e o grau de escolha e, conseqüentemente, o escopo para o planejamento e a

agência pessoal (Morrice, 2014, p. 157).

A flexibilidade do Diagrama proposto por Peter Jarvis, permitiu conhecer as nuances na elaboração das aprendizagens, personalizando suas trajetórias. As aprendizagens puderam ser analisadas de forma estruturada, sendo possível verificar os momentos de reflexão, ação e emoção (ou combinações entre elas) para cada entrevistada e sua experiência relatada.

No processamento de suas experiências, algumas entrevistadas demonstraram ter sofrido mais influência das emoções, outras da reflexão/questionamento sobre as situações e outras, resolveram tomar alguma ação concreta, para lidar com a situação, contudo todas tiveram que revisar seus conhecimentos prévios para atualizá-los para o novo contexto, pois

quando o "quadro de referência" ou "perspetiva de significado" de um indivíduo é discordante com sua experiência, ocorre um "dilema desorientador", os indivíduos começam a refletir criticamente e questionar a validação de sua perspectiva de significado herdada, podendo ocorrer transformação de perspectiva (Morrice, 2012, p. 253).

No entanto, ainda que em graus distintos, todas as Brasileiras pareceram passar por pelo menos 2 das 3 etapas (caixas, 3, 4 e 5), na *digestão* das suas experiências disjuntivas, mostrando que essas três dimensões (reflexão, emoção e ação) atuam colaborativamente, nos processos de aprendizagem.

Com relação à caixa 3 do Diagrama, que simboliza a etapa de reflexão e pensamento a respeito da experiência disjuntiva, houve que se considerar que o ato de pensar ou refletir pode envolver três linhas do pensamento racional: a análise, a criação (criatividade) e a avaliação.

A criação/criatividade apareceu em alguns narrados, principalmente quando alguma memória adjacente à experiência relatada ou uma pergunta do guião de entrevista, despoletou uma nova percepção sobre a aprendizagem original ou originou uma nova aprendizagem.

Entendendo que no contexto do Diagrama estudado, o pensamento de Peter Jarvis sobre criatividade é apresentado como: “um insight ou um palpite que reúne duas ideias, para que um melhor entendimento possa se desenvolver (sobre uma experiência)” (Jarvis, 2009, p. 105), pode-se identificar na análise do conteúdo, alguns momentos em que esse processo de *epifania criativa*, digamos assim, ocorreu, como por exemplo, no excerto da entrevista com a Zuzu, quando perguntada: “Quem era a Zuzu quando saiu do Brasil?”. No decorrer da narrativa, ela se percebeu de forma diferente de como se via no passado, e concluiu que era alguém que vivia fora da realidade social Brasileira, mas que questionava os comportamentos sociais, sem ter experiência de vida suficiente para tal, sentido da expressão utilizada, *Hippie da PUC*:

eu acabo me vendo; achando que eu era tipo uma *Hippie da PUC* (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), sem estudar na PUC, entendeu? A criatura que eu sempre, *tipo*, achei ridícula, sabe?! Eu tô... Então, *se calhar*, quem era a Zuzu? Era uma *Hippie da PUC*, sem ser da PUC e agora, sou uma pessoa que passei por coisas, que me fortaleceram, tipo isso... (Zuzu)

No caso da reflexão avaliativa, tomando em conta também a perspectiva de Jarvis (2009, p. 105) para o entendimento do seu Diagrama, onde “uma questão de julgar a relevância ou o sentido dos significados: do conhecimento, crenças, atitudes, valor [...] e observar sua relação com a verdade ou mesmo com o propósito existencial e a própria realidade” (Jarvis, 2009, p. 105); foi possível identificar esta etapa reflexiva/avaliativa, principalmente nos relatos sobre as identidades a priori à migração:

acho que as pessoas achavam que eu era uma pessoa muito independente em quase tudo, não só financeiramente, mais do que eu realmente era (Leolinda).

Lota era uma menina mimada, como eu disse, depois que eu vivi aqui, eu vi que eu era um pouco mal-educada e era um pouco arrogante (Lota).

A linha da análise, mostrou-se a mais frequentemente observável nas entrevistas com as participantes deste estudo, o que pareceu natural visto que, para apresentar as experiências e aprendizagens realizadas de forma que fizessem sentido na narrativa, foi necessário refletir analiticamente sobre os elementos de suas trajetórias migratórias.

Esta atividade analítica demandou uma mobilização ampla de recursos por parte dessas mulheres, que tiveram de revisitar suas experiências e rememorar quais etapas (cognição, emoção e ação) operaram sobre uma experiência. Desta forma, através da análise, as participantes precisaram:

dividir ideias/proposições em partes de sua composição e determinar a validade de cada uma, examinando as conexões entre as partes, para garantir que haja um desenvolvimento lógico entre elas (Jarvis, 2009, p. 104).

Esta diferenciação foi importante para se compreender em profundidade, esta etapa de reflexão no processo de elaboração das aprendizagens. Igualmente, se tornou crucial entender o papel das emoções no processamento das experiências, visto este ser o mais subjetivo elemento e de difícil verificação, nas narrativas sobre as aprendizagens migratórias. Subjetivo, porque se estabeleceu sobre quadros de referências pessoais das imigrantes, em conformidade com as histórias de vida de cada uma. De difícil verificação, por ser volátil, relativizado,

contextualizado e na grande parte das vezes, velado, pois a cada momento da narrativa, novas emoções afloraram, de acordo com as memórias evocadas sobre as experiências.

A grande questão é que a emoção, de alguma forma ainda não identificada pelas ciências da aprendizagem, influencia a reflexão e a ação individual (caixas 3 e 5), sob um véu que a própria pessoa pode ter dificuldade em perceber e expressar.

Quando uma experiência ocorre, a subjetividade (e as emoções) atuam de forma inconsciente, mobilizando os conhecimentos tácitos e as aprendizagens implícitas, estabelecendo uma complexa ascendência sobre as demais atividades constituintes dos processos de aprendizagem (da ação e da reflexão); como por exemplo, quando apresentamos:

uma resposta física às experiências, um momento antes de nossa cognição entrar em ação e, é aí que a sensibilidade pode ocorrer na interação humana, pois podemos ler os comportamentos não-verbais nas pessoas com quem interagimos e isso, influencia o comportamento subsequente (Jarvis, 2009, p. 139).

A interferência das emoções (e subjetividades), principalmente dos pré-conceitos e estereótipos e as ditas *primeiras impressões*, pareceu relevante no caso deste estudo, em que as participantes se depararam com um cenário inédito de simbolismos e significados que lhes eram desconhecidos. Aprender uma nova cultura implicou articular os saberes do corpo, da mente e do cérebro, sobre as experiências vivenciadas (em conjunto ou individualmente) no novo mundo-vida, quando produzir um quadro de referências culturais novo era urgente. Este percurso mesmo sendo individualizado e demandando um imenso esforço de aprendizagem no sentido cognitivo, esteve colmatado ao *feedback* da sociedade de acolhimento e ao que se observou e sentiu, nas interações com os Portugueses:

a cultura está longe de ser um fenômeno inteiramente cognitivo, trata-se de nossas ações e emoções: podemos testemunhar as diferentes dimensões da cultura carregada pelas pessoas, nas interações sociais. Aprendemos comportamentos e emoções apropriados no cenário cultural; o que é aprovado e reprovado, apreciado e desagradado, e assim por diante. Aprendemos o que fazer e o que não fazer, o que gostar e o que não gostar (Jarvis, 2009, p. 23).

Os comportamentos e atitudes para interagir neste novo espaço, foram aprendidos a partir destas experiências interativas com os Portugueses e, na maior parte dos relatos, suas aprendizagens se iniciaram com disjunções relativas a sentimentos de inadequação ao *modus operandi* local e a percepção de que seus comportamentos eram desaprovados pelos nativos. A intensidade e amplitude das mudanças comportamentais e nas atitudes das migrantes, pareceu relacionada ao nível de interesse e de esforço para aceitação na sociedade Portuguesa.

No caso da Leolinda, essa pré-disposição por aculturação pode ser observada em vários momentos de sua entrevista:

tô tentando aprender a não comer batata com arroz, porque é um costume daqui, eles só comem ou batata ou arroz [...] Não sei, porque às vezes, eu vou no restaurante e peço arroz e batata e me olham com uma *cara* como se eu fosse um *ET* (extraterrestre) e aí, agora, eu só peço uma coisa ou outra, para evitar essa *cara* ou alguma piada (chacota) que eu não goste (Leolinda)

Em contraponto, a Tarsila foi a entrevistada mais reativa e questionadora quanto à necessidade de alguma mudança comportamental, para se adequar aos padrões culturais que ela observou na comunidade Portuguesa:

eu analiso muito o comportamento da mulher Portuguesa em si, mas eu não procuro mudar o meu jeito pra me adaptar e caber dentro do País delas. Eu sou eu, independente [...] por exemplo, eu tenho 1,62 [...] eu tô com 75 kg, aqui em Portugal eu sou considerada gorda e lá no Brasil, eu acredito que não e aqui, eu tô fora do padrão. Então, isso é uma das coisas que eu olho eu não entendo e eu não procuro emagrecer, só para caber no protótipo de mulher de Portugal, eu vivo minha vida normal, sou uma Brasileira, sou uma imigrante, beleza eu tô aqui, mas... Eu moro aqui e não vou mudar isso, não vou emagrecer só porque o homem Português gosta de mulher magra, até porque eu já tenho o meu marido (Tarsila).

Na realização das entrevistas, alguns momentos foram intensamente emotivos, principalmente quando relatadas as experiências sobre as relações familiares (com os entes familiares deixados no Brasil), situações de violência de gênero, tratamento preconceituoso ou rejeição. Estes episódios tão ricos de disjunções, foram também os de mais intensa atividade no processamento das experiências, em que emoção, reflexão e ação caminharam em paralelo e de alguma forma colaborativamente, em busca de resposta a estas situações. Nestes casos, as ações foram reações bastante enfáticas das participantes e se verificaram mudanças comportamentais como que *instintivas para sobrevivência*:

Aconteceram vários episódios de *tipo*, alguém não me tratou muito bem, nem muito simpático, no supermercado, numa fila ou alguma coisa assim, eu retruquei na hora, na mesma moeda, e eu não era assim (Chiquinha).

mas ai chegou o Natal, eu já fiquei triste. São assim as datas especiais que eu sinto mais falta, aniversário e final de ano mas, tirando isso, é tanta coisa para pensar que acaba que eu não penso muito em relação a saudade, essas coisas, porque ou (silêncio e lágrimas) [...] eu vivo e faço as coisas que eu tenho que fazer, porque ninguém vai fazer por mim (Nisia).

Acho que é a principal mudança em mim, foi de me impor, de falar as coisas mesmo, sem se importar se eu estou sendo rude ou não com a pessoa, porque ela foi rude comigo

(Leolinda).

Como a integração em uma nova sociedade é algo que toma tempo e depende de cada pessoa, da sua história de vida, da sua biografia antes e depois da migração, das suas expectativas e de sua agência para transpor as novas situações, era expectável notarmos avanços e recuos em certas narrativas, como que representando uma incerteza sobre determinadas aprendizagens, experiência ou até, sobre algumas soluções encontradas:

a gente a gente passou pelo que todo mundo passa aqui [...] muitas vezes é um preconceito velado, mascarado de burocracia [...] que por mais que a gente, bom, se bem que na altura, ninguém tava trabalhando ainda, mas a gente tinha IRS do Brasil, tinha documentos que comprovavam que a gente tinha... que eu tenho um apartamento próprio lá, enfim, que poderiam facilitar, mas na verdade, não facilitaram. A gente conseguiu, por muita sorte, esse apartamento que a gente mora agora também [...] eu acho que por conta de contatos...(pausa para reflexão) [...] a gente fez aquilo que muita gente faz, bota um amigo Português para ligar [...] mas aí, quando as pessoas descobrem que é para Brasileiro (o arrendamento), voltam atrás ou arrumam alguma desculpa (Zuzu)

quem me assediou também foi um Brasileiro então, eu acho que não cabe muito nessa questão (sobre as relações de gênero entre Brasileiras e homens Portugueses), mas é que ele foi criado em Portugal (pausa para reflexão) [...] então, acho que cabe sim, afinal de contas (Tarsila).

Porque talvez nunca dantes, tivessem sido instigadas a refletir sobre suas trajetórias migratórias e os resultados delas, algumas participantes demonstraram certa confusão/dificuldade para estruturar suas respostas, ao passo em que iam refletindo sobre o que estavam contando. O fluxo de ir e vir sobre determinados narrados, de modo a construir uma narrativa lógica que fizesse sentido tanto para a participante quanto para os registos das entrevistas foi, sem dúvida, o ponto alto deste estudo.

Acompanhar o percurso de construção das suas histórias de vida, enquanto aprendiam coisas novas sobre quem eram e sobre o que haviam experienciado, confirmou a perspectiva de que os ciclos de aprendizagem sobre uma mesma experiência podem ser alargados no tempo e até, infindos, desde que se recebam novos *imputes* sobre a experiência originária da aprendizagem, que podem ser estímulos internos ou externos.

Aprendizagens ou não-aprendizagens, lidando com a disjunção (caixa 6)

Os elementos culturais de uma sociedade fazem parte da história daquele local e daquela comunidade, o que torna os processos de integração desafiadores, pois as migrantes não partilharam a construção desta história e precisaram compreender, com olhos estrangeiros (e estranhos), questões e problemas que talvez não lhes ter significado algum, pois:

As culturas são respostas aos problemas que nossos antecessores enfrentaram, em momentos diferentes da sua história e, é nisso, que somos socializados e através dos quais, construímos nosso próprio universo de significados (Jarvis, 2009, 48).

Porque não participaram desta construção coletiva e colaborativa da cultura local, aprender a viver neste novo mundo-vida em Portugal exigiu o emprego de estratégias de aprendizagem diversas, dependendo do tipo de estímulo (interno ou externo) que iniciou a experiência:

aprendemos sendo expostos a estímulos que nos incitam a lembrar; aprendemos imitando os sons ou ações dos outros; aprendemos através de nossa própria descoberta na situação em que estamos; e assim por diante. Essas são as formas mais fundamentais de aprender. Frequentemente, temos consciência da situação em que somos recetores desses estímulos, mas há muitas vezes, em que somos expostos a estímulos dos quais não temos consciência (Jarvis, 2009, p. 24).

Aprender pelas experiências migratórias, foi um processo em que as mulheres empregaram recursos diversos: “lembrando, imitando, adaptando, experimentando e reforçando” (Jarvis, 2009, p. 25). O ato de narrar suas experiências mobilizou as lembranças sobre os episódios, trazendo as aprendizagens realizadas para o nível consciente, ao mesmo tempo, iniciando novos ciclos de aprendizagem quando puderam comparar suas experiências com os vividos presentes. As lembranças são atividades multissensoriais que são capazes de reativar as sensações da experiência original, ainda que “o *recall* nunca é acurado e sempre depende de nossa internalização original das experiências” (Jarvis, 2009, p. 26).

Com as interações com os Portugueses, as entrevistadas aprenderam novos comportamentos, em grande frequência, por imitação. E para adotarem esses comportamentos ao em seus quadros de referência, precisaram antes se certificar de que eram aprovados/aceitos/adequados ao espaço de atuação, quando receberam reforço positivo e aprenderam que esses novos padrões comportamentais poderiam ser utilizados como estratégia de adaptação, que se mostrou necessária quando “nos deparamos com uma situação que não

se assemelha a alguma situação prévia e precisamos aprender a adaptar nosso comportamento, quase sem pensar, de forma a nos adequarmos às expectativas do mundo-vida” (Jarvis, 2009, p. 26).

Nas narrativas, pode-se notar também um processo de experimentação como estratégia de aprendizagem, quando na ausência de um conhecimento que respondesse a um desafio do novo mundo, as mulheres precisarem tentar diversas soluções, até que resolvessem suas disjunções de forma satisfatória para elas. Esses processos de tentativa e erro, aparecem de forma evidente nas experiências quotidianas, como por exemplo, as relacionadas às burocracias:

eu precisei pesquisar alguma ajuda em relação a documentação [...] todo mundo falava: "você tem cidadania Europeia, tudo fica muito fácil" e não foi fácil, por exemplo, para arrumar o primeiro emprego, eles exigiam uma declaração da Junta de Freguesia e eu não tinha essa declaração. Eu chegava na Junta de Freguesia e eles falavam que eu tinha que ter uma declaração do trabalho, uma promessa de trabalho para me dar esse papel [...]eu precisei solicitar ajuda ao CNAIM (Centro Nacional de Apoio ao Imigrante) e eu fui até lá, e eles me orientaram a ir na Junta de Freguesia com um papel do Consulado Italiano pedindo ajuda (da Junta da Freguesia), porque nem o trabalho me dava (a declaração) e nem a Junta me dava; a Junta dizia que eu tinha que ter o primeiro emprego, mas o primeiro emprego não podia me dar, sem eu ter tido um (trabalho) anterior, uma confusão danada (Nísia).

Ainda que algumas entrevistadas tenham se deparado com episódios similares nas suas biografias migratórias, como por exemplo uma situação de discriminação, cada uma percebeu a experiência sob uma ótica particular e a partir disso, empregou os recursos (lembrar, imitar, adaptar, experimentar e por via do reforço) que tinham disponíveis para ultrapassar essas dificuldades. Por este motivo, a percepção se mostrou a pedra fundamental de todos os processos de aprendizagem analisados neste estudo, e nos fez compreender que ainda que os indivíduos sejam expostos as mesmas experiências, as aprendizagens resultantes podem ser distintas, pois:

é possível discordar dos outros sobre nossa percepção dos eventos, simplesmente porque existem tantos estados diferentes que afetam nossa percepção de qualquer evento e pessoas diferentes estão em estados diferentes, quando percebem alguma coisa. [...] O que está claro é que esse processo complexo de percepção, baseado tanto nos sentidos quanto é cognitivo, está subjacente a todo o nosso aprendizado (Jarvis, 2009, p. 99).

Em cada análise sobre as aprendizagens destas Brasileiras, as soluções e as estratégias desenvolvidas se mostraram mais refinadas, quanto mais a disjunção se diferenciava do seu *modus operandi* original, ou seja, quanto mais extenso fora o fosso entre as identidades a priori à migração e as exigências de integração em Portugal. De igual modo, quanto mais complexos os desafios encontrados no mundo-vida em Portugal, mais criativas foram as inovações nas soluções:

A gente tem que aprender ser bem flexível; por exemplo, na casa onde eu moro, a cozinha é pequena, então se uma pessoa está cozinhando, a outra pessoa tem que esperar a vez dela para poder cozinhar. Só tem um banheiro então, se a pessoa está tomando banho, você tem que esperar aquela pessoa tomar banho, para você tomar seu banho. Então realmente, tem que ter muita paciência, muita paciência (Chiquinha).

Apreendi, pronto, a tentar me enquadrar no que as pessoas falam, do jeito que elas falam ou tentar, pelo menos. Sei que eu nunca vou mudar meu sotaque, nem nada disso, mas pelo menos, dizer as palavras habituais que eles dizem, tentar me fazer entender de uma maneira que, para mim, foi bem difícil deixar de falar as coisas que eu falava antes, pronto, para ficar menos fora do lugar, para *meio* que sentir como se (pausa para reflexão) [...] não que eu não faça parte do lugar, mas que eles entendam que eu já meio que sou dali (Leolinda)

Eu aprendi a ser mais é, digamos assim, educada. Eu nunca pensei que eu fosse uma pessoa corrupta e eu era muito corrupta, depois que vim para Portugal, eu percebi que muita coisa não funcionava do jeito que eu queria, com o meu jeitinho. Funcionava como tinha que ser (Lota).

Sendo as entrevistas um novo episódio biográfico, as mulheres demonstraram ter aproveitado este estímulo para refletirem sobre seus percursos migratórios e suas aprendizagens, revisitando suas experiências, buscando encontrar novos significados para os acontecimentos e sobre como aquilo as afetou. De alguma forma, transformaram os constructos narrados e as suas próprias histórias de vida, porque aprender a viver se faz vivendo, e vivendo, estamos sempre aprendendo: “estamos construindo nossa própria biografia sempre que aprendemos porque vivemos nossa biografia como um produto inacabado, constantemente em mudança e em desenvolvimento, seja através de experiências que auto-iniciamos, seja através de experiências iniciadas por outros” (Jarvis, 2009, p. 25).

Ao passo que as mulheres narravam suas aprendizagens sobre o evento migratório, foram elaborando novas perspectivas sobre suas fragilidades, suas conquistas e suas identidades e iam percebendo-se mais amadurecidas, capazes de realizações, de lidar com os desafios, com mais força e determinação, do que imaginavam ter:

(aprendi) a me amar. A valorizar quem eu sou, porque eu achava antes que (pausa para reflexão). Eu tinha sempre um problema de não consegui ficar triste, de não querer mostrar para as pessoas que eu tava triste e hoje, eu entendo que a tristeza faz parte da vida. E agora, eu sei que eu posso em dias estar triste, e em dias estar feliz, e eu acho que vir para cá me fez (pausa para reflexão) me fez aprender isso [...] quando eu vim para cá, eu comecei a me valorizar mais, valorizar mais quem eu sou, valorizar mais os meus defeitos e minhas qualidades, mas eu acho que o meu maior aprendizado aqui foi me conhecer melhor (Leolinda).

Mas a mulher que eu me tornei, depois que vim para cá, eu sou capaz de viver em qualquer lugar do mundo, foi o que eu percebi, depois que eu vim pra cá. Porque antes,

quando eu cheguei aqui eu (pausa para reflexão), eu não era capaz, eu pensei "eu não era capaz, eu não era capaz, eu não sou capaz (Lota).

eu sou uma pessoa em casa e outra na rua, *entendeu?* [...] o tanto de palavrão (palavreado vulgar) que eu não falo fora (de casa), eu falo em casa; parece que eu compenso, sabe? Então, não sei se foi uma coisa que eu absorvi para mim, que eu me modifiquei mesmo [...] continuo falando alto sem sentir, essas coisas não são coisas que eu absorvi a 100%, sabe? E eu confundo muito também o que que faz parte do processo migratório e o que faz parte do processo de crescimento (Zuzu).

A condição de mulher imigrante em Portugal, forçou uma reinvenção identitária, transformou os planos, as perspectivas de mundo e os comportamentos e atitudes destas entrevistadas e, mesmo quando algumas disjunções não puderam ser solucionadas, ocasionando em não-aprendizagens, algo nelas já havia sido transformado pela experiência em si. A tensão entre se integrar em outra cultura e não se perder nesse caminho, despoletou transformações que as fortaleceram como pessoas e como mulheres, mantendo uma integridade pessoal e evidenciando que

essa trajetória põe em cena um ser-sujeito às voltas com as pessoas, com os contextos e com ele-mesmo, numa tensão permanente entre os modelos possíveis de identificação com o outro (conformização) e as aspirações à diferenciação (singularização) (Josso, 2007, p. 420).

Integração das soluções no repertório e a pessoa mais experiente (Caixa 7)

Para as mulheres desta investigação, o processo migratório resultou inegavelmente, em aprendizagens que transformaram suas identidades, fato esse mencionado em todas as entrevistas, independentemente do grau de intensidade destas mudanças.

Ao responder sobre suas aprendizagens e de que forma elas alteraram suas identidades, novamente a questão da percepção surgiu como elemento chave. A auto-percepção esteve diretamente relacionada com a capacidade de avaliar o passado e comparar com o presente, tomando em conta as expectativas do mundo-vida no Brasil e do mundo-vida em Portugal, e este processo deixou claro que "as histórias de vida nos ajudam a refletir sobre o passado, para tentar capturar um pouco mais da realidade; e que em certo sentido, é um aprendizado retrospectivo" (Jarvis, 2009, p. 193) e que neste processo de se transformar, houve que se valorizar os adquiridos experienciais anteriores à migração e unificá-los ao novo que se descortinou e isso só foi possível pois

nossos fragmentos de memória individual e coletiva se transmutam em recursos, em fertilizantes, em inspiração para que nosso imaginário de nós-mesmos possa inventar essa indispensável continuidade entre o presente e o futuro, graças a um olhar retrospectivo sobre nós-mesmos (Josso, 2007, p. 435).

Importante ressaltar que as percepções identitárias estiveram conectadas aos respectivos contextos sociais e culturais, o que significa que as Brasileiras assumiram novos papéis que as possibilitaram viver em Portugal mas, não necessariamente, os manteriam caso voltassem ao Brasil, para seus quadros de referências culturais originais. O que entendemos por ser, “carrega apenas um sentido do presente” (Jarvis, 2009, p. 198), e muda o tempo todo, a cada nova experiência, mesmo que estas não levem à aprendizagens, estamos em constante transformação, estamos sempre aprendendo a ser.

Da comparação que as entrevistadas fizeram entre como eram antes de migrar e como eram no momento da entrevista, verificou-se que as experiências migratórias de fato, proporcionaram aprendizagens que levaram a processos de empoderamento e autonomização, observados por todas como resultados positivos da trajetória migratória:

quando olho para trás eu falo: “porra, eu sou forte pra cacete, sabe?” [...] uma pessoa que eu acho que, finalmente, tá encontrando um lugar no mundo, assim, muito recentemente [...]. Que sabe, tá muito, muito satisfeita, muito orgulhosa, muito, muito mais segura [...] Então, não sei, Zuzu é adulta, pela primeira vez, eu acho (Zuzu).

mas o maior saldo que eu acho que eu ganhei foi responsabilidade e aprender que eu consigo fazer as coisas sozinha, não preciso de ninguém, não preciso depender de ninguém, eu consigo trabalhar eu tô OK, acho que é isso [...] Isso [necessidade de trabalhar] me trouxe mais responsabilidade, abriu a minha cabeça de uma forma, que caiu a minha *ficha* de que eu não sou mais uma adolescente. Eu não sou mais uma adolescente, não é mais o meu pai, não é mais a minha mãe que me bancam então, *vambora* acordar e crescer, é isso (Tarsila).

diferente mesmo, eu acho que é só mesmo esse crescimento de botar o pé no chão e falar: “Caramba, você precisa de você”, é isso. [...] Acho que não era muito diferente do que eu sou. Acho que foi só mesmo perceber que, tem que (pausa para reflexão), que você é que vai fazer o seu caminho, que não adianta você fechar os olhos e viver a vida dos outros, e não pensar em você. É, acho que era isso (Nísia).

Então, a mulher que tá aqui... (pausa para reflexão). Se eu me sentia 100 (no Brasil); a mulher que tá aqui, se sente 1000! (Lota)

Eu me considero uma pessoa corajosa, muito mesmo, porque eu passei por cima de muita coisa para tá aqui, eu me demiti de um trabalho, eu saí da casa dos meus pais pela primeira vez e para mudar de País então, eu acredito que a Chiquinha de hoje é uma pessoa muito mais corajosa. [...] Sim, eu me sinto muito mais, assim, independente [...] Se eu não gostei de alguma coisa, eu vou lá e falo mesmo (Chiquinha).

Ao término das entrevistas, as participantes relataram se sentir integradas à sociedade Portuguesa, no tocante aos hábitos culturais, ainda que discordassem de alguns desses hábitos, nomeadamente nas questões como o preconceito, a discriminação e a sexualização da imagem da mulher Brasileira.

No entanto, ao seguirmos para os relatos sobre os percursos de inserção profissional, no eixo das *aprendizagens*, os resultados foram opostos, como veremos a seguir.

4.3.2. Experiências migratórias no eixo das *aprendizagens*

A participante, sua história de vida, o mundo-vida no Brasil e a mudança para Portugal (Caixa 1.1)

De igual modo, a apresentação da análise das aprendizagens relacionadas aos processos de inserção profissional, será organizada conforme as etapas do Diagrama de Peter Jarvis.

As Brasileiras participantes deste estudo trouxeram para Portugal tudo aquilo que construíram de conhecimentos, ao longo de suas biografias. Suas histórias de vida acomodavam saberes variados, nos níveis objetivos e subjetivos, e identidades múltiplas nos domínios pessoais e profissionais.

As informações que se relacionam com as temáticas profissionais, são no mundo de hoje, extremamente instáveis e de complexa avaliação, porque se relacionam com dimensões globais e locais dos mercados de trabalho e com a velocidade de mudanças que as tecnologias aportam. Todas essas intervenientes tornam o tema muito pertinente para estudo, visto que hoje, nossas identidades profissionais marcadamente definem grande parte de nossas biografias e da nossa relação com o mundo-vida, pois

precisamos todos nos tornar especialistas em *fazer e criar*; não devemos nos contentar com meras competências, em nossa contribuição para o mundo. Consequentemente, precisamos incluir essa dimensão em qualquer entendimento que tenhamos de *pessoa* (Jarvis, 2009, p. 6).

Ainda que o trabalho e a capacidade de transformar o ambiente tenham nos diferenciado como seres humanos e as profissões, determinado as histórias de vida desde tempos imemoriais nunca dantes, o peso da identidade profissional foi tão opressivo como o é agora.

Nas narrativas das Brasileiras deste estudo, a qualificação profissional apareceu como elemento preponderante em suas biografias, positiva ou negativamente. O fato é que, todas as entrevistadas pontuaram as suas histórias, se utilizando da sua identidade profissional ou, manifestando frustração pela falta de uma:

Eu era administradora de uma construtora, com obra de saneamento básico e construção de edifícios também, e fazia a parte administrativa e financeira, *que* eu trabalhei nessa área financeira muitos anos. Sempre geri coisas. Comecei a trabalhar com 9 anos de idade, com meu pai, minha carreira começa aí, começa com 9 anos de idade, trabalhando com meu pai (Lota).

uma das primeiras coisas que eu olhei foi o estudo, porque eu no Brasil não tinha, na verdade, eu ainda não tenho, nenhuma licenciatura, eu tenho só o técnico, então, eu não sou... Não tenho nenhum bacharelado, nenhuma licenciatura, nem nada (Tarsila).

Por conta da técnica de bola de neve utilizada para angariar participantes, era esperado que as mulheres tivessem um perfil sociográfico similar, incluído o nível de escolaridade. Das 6 participantes deste estudo, 5 possuíam qualificação acadêmica de nível superior (licenciatura, bacharelato ou curso pós-graduado) e 4 acumulavam experiências de trabalho relevantes, em suas áreas profissionais. Das demais, Zuzu relatou ter tido uma trajetória profissional errática e a Tarsila, a mais nova de todas e a única sem nível superior de escolaridade, registou apenas experiências de trabalho pontuais. Chiquinha veio para Portugal fazer uma pós-graduação em uma Instituição de ensino superior internacionalmente reconhecida, e no momento da entrevista, estava a fazer doutoramento na mesma Instituição.

No Brasil, algumas entrevistadas mencionaram ter uma carreira instituída e estabilidade financeira, mas nem sempre se disseram satisfeitas com sua vida profissional; ainda assim, nenhuma delas se apresentou como migrante laboral ou indicou que o fator carreira/trabalho, tivesse sido motivador para a migração:

Então, lá no Rio, eu trabalhava em hotelaria, trabalhei durante 17 anos e era uma empresa bem estável. Não tinha nenhuma preocupação em ser mandada embora... Tava com o lado profissional ótimo assim, não tinha preocupação nenhuma (Nísia).

eu tinha um trabalho bom, dentro da minha área, um salário razoavelmente bom, mas eu não tava contente, tinha sempre ali alguma coisa me incomodando, não me sentia realizada, nem profissionalmente, nem pessoalmente falando (Chiquinha).

Esta informação é importante para entendermos as expectativas destas migrantes, sobre sua atuação profissional em Portugal, e para permitir dimensionar o impacto das aprendizagens sobre inserção laboral, em seus percursos migratórios.

Portugal: experiências disjuntivas em um mundo-vida inédito (Caixa 2)

A mudança para Portugal, descortinou um cenário de incertezas sobre o mundo do trabalho, nesse novo mundo-vida. As participantes sabiam quem eram, suas identidades profissionais, mas não sabiam como seria trabalhar no mercado Português.

Talvez porque seus objetivos migratórios não fossem o trabalho, as entrevistadas não exprimiram ter planeado a inserção laboral pós-migração. Nenhuma delas exteriorizou ter

pesquisado sobre o perfil do mercado de trabalho em Portugal, os requisitos para a ocupação das vagas ou sobre como suas profissões se afiguravam neste novo cenário, ainda que a Lota tenha afirmado saber das dificuldades que encontraria, por ter sido instruída por seu marido Português:

Supostamente, eu achava que aqui era um local, achava não, é um local muito turístico, e eu achava que eu teria muitas oportunidades de emprego aqui (Leolinda).

O (marido) disse: "se prepare que o emprego lá... pode ser que você tenha que arrumar um emprego em um café, numa coisa assim, porque não é fácil para mim, eu já passei dois anos desempregado, imagine você que é estrangeira" (Lota).

Em todos os relatos, as Brasileiras sinalizaram obstáculos em sua inserção profissional ou na de algum familiar próximo, sendo esta uma aprendizagem comum entre elas. Estes obstáculos foram disjunções que alteraram o curso das biografias das entrevistadas, e as obrigaram a se deparar com situações antes seriam inimagináveis, no mundo-vida no Brasil:

me chamaram para trabalhar na (*empresa de serviços de energia*), mesma coisa, quando eu vi que era sem futuro, emprego para não pagar ninguém, tinha gente que tava dois meses sem receber, que eles diziam que só pagavam depois de 2 meses. Quando eles me disseram isso [...] eu pedi as contas e fiquei desempregada, isso já era Junho, isso tudo já era Junho... [...] fui para outra entrevista de emprego, a mulher "ah, você foi selecionada"; cheguei lá na empresa [...] era para vender perfume [...] no meio da rua oferecendo; , você vai passando na rua e oferece (Lota).

era aquela aventura de trabalhar em *contact center*, que no Brasil, eu nem pensava; então eu fiquei tensa e falei "gente, como é que deve ser isso?" (Nísia).

As experiências disjuntivas relatadas trouxeram insegurança e incerteza quanto aos projetos migratórios e colocaram essas mulheres em uma encruzilhada de possibilidades, mas nenhuma delas de fato, escolhida:

eu comecei a distribuir currículos para tudo, para lojas, para coisas da minha área, para tudo que aparecia. Fiquei um mês tentando por currículos e ninguém me chamava; aí, a vizinha do meu prédio falou que no Café *lá de baixo*, estavam precisando de meninas e eu fui para lá, e trabalhei lá uns dois meses (Leolinda).

até um dia, eu chegar em Portugal, e realmente precisar trabalhar e aguentar um monte de coisa [...] A gente chegou, era um País completamente diferente, eu não conhecia ninguém, eu precisava trabalhar, eu precisava pagar o aluguel, nada é de graça, tinha que comer...Então, trabalhar, eu precisava trabalhar e era coisa que eu não fazia no Brasil (Tarsila).

a gente tinha amigos que trabalhavam no (*empresa de contact center*) e que já *tavam*

falando: “olha, tem essa possibilidade de vir trabalhar no *contact center*” [...] e a gente tava sempre negando, negando, negando aquilo, né? O (*marido*) já tava fazendo entrevistas e eu, era muito óbvio, que eu fosse entrar numa dessa de *contact center*, uma hora ou outra, quando a gente viu que... Assim, tinha que ser, o dinheiro tava mesmo acabando, eu falei: “ah, então vamos lá fazer essa porcaria dessa entrevista”, e aí eu fui (Zuzu).

Na falta de oportunidades condizentes com seus interesses ou profissões, as Brasileiras buscaram como a melhor alternativa possível, trabalho em *contact centers* direcionados para o atendimento ao mercado Brasileiro, o que na atualidade, se configura como o mercado de trabalho com mais oportunidades, para Brasileiros qualificados em Portugal.

De todas as experiências disjuntivas relatadas, a que mais impactou as entrevistadas, foi justamente trabalhar em um *contact center*. Primeiro, porque o fato de terem que trabalhar com atendimento ao cliente em um *contact center*, era algo que nenhuma das participantes esperava. Esta surpresa se explicou com o fato de que no Brasil, trabalhar em *contact center*, é algo destinado aos indivíduos sem qualificações profissionais e com nível de escolaridade baixo, sendo culturalmente considerado um subemprego. Para a maior parte dessas mulheres, todas originadas da classe média ou da classe média alta no Brasil, com níveis de qualificação e escolaridade acima da média, era o tipo de trabalho impensável de se aceitar, em condições normais:

Isso é uma coisa interessante, porque a gente tem uma convivência com outros Brasileiros que a gente nunca teria, vivendo lá (no Brasil), porque agora (em Portugal) não tem mais distinção de classes: tá todo mundo na mesma. Muitas vezes também, em posições diferentes de hierarquia, e isso é muito interessante, porque às vezes, a cara que você achava *mó pé de chinelo* (classe social inferior), tá hierarquicamente numa posição acima da sua [...] e você tem que respeitar (Zuzu).

quando eu fui trabalhar no *contact center* [...] eu tinha vergonha de dizer que eu trabalhava num *contact center* (Lota).

Porque esta investigadora também precisou trabalhar em *contact center* em Portugal para conseguir custear o mestrado, foi possível compreender a multiplicidade de disjunções desse episódio biográfico e reconhecer, a dimensão deste momento negativo, na trajetória migratória das entrevistadas. Todos os relatos enfatizaram o incômodo causado por esta experiência, e revelaram a insalubridade deste tipo de trabalho:

fui para a (*primeira empresa de contact center que trabalhou*), fiquei um ano e meio trabalhando muito e era muito desgastante, porque era a madrugada inteira a trabalhar, praticamente saía de lá 3, 4 (horas) da manhã [...] Minha rotina mudou completamente do que era lá (Brasil), do que é agora [...] Era uma pessoa que saía muito mais, passeava muito mais, trabalhava mais, mas tinha mais tempo para fazer coisas, porque trabalhava

dentro de um horário mais comum (Leolinda)

you ter que trabalhar sábado, domingo, feriado; nunca na minha vida trabalhei numa *Sexta-Feira Santa*, trabalhei lá... Nunca trabalhei na noite de *Natal*, trabalhei lá... Nunca trabalhei no *Ano Novo*, trabalhei lá. No dia primeiro de janeiro, que é o dia da *Paz Mundial*, o mundo para; o Shopping maior de Portugal para os shoppings do mundo todo *para*, mas eu trabalhei nesse dia. (Lota).

isso era o que mais me custava, eu não ter liberdade nem de ir para o banheiro, tipo ir para o banheiro contando os minutos, isso era coisa assim para mim, isso é traumatizante para qualquer ser humano. Acho que ninguém podia passar por aquilo, ninguém, ninguém, coisa assim nem o pior dos seres humanos acho que não deviam trabalhar num ambiente daquele [contact center], tão tóxico (Lota).

eu entrei depois na (*empresa de contact center*), que foi uma empresa que eu tive péssimas experiências, tanto profissionalmente, quanto psicologicamente, enfim, uma empresa que mexeu muito, muito, muito comigo [...] era atendimento técnico então, tudo o que eu fazia era muito técnico, era muito... Sei lá, era cansativo, não fazia bem para mim, trabalhar com atendimento ao público então, era complicado (Tarsila).

Aí eu fiquei lá esse ano e meio, com horários rotativos, mexendo com o nosso relógio biológico, convivendo com muitas pessoas diferentes. [...] (Zuzu)

Embora somente algumas mulheres tivessem relatado experiências discriminatórias diretas, no mercado de trabalho Português, todas de alguma forma, perceberam um contexto discriminatório para os Brasileiros no geral, independentemente do nível de qualificação profissional ou da experiência prévia destes:

Eu participei de várias entrevistas aqui no início, no primeiro ano que eu cheguei, em algumas dessas entrevistas, sofri sim preconceitos, ouvi a recrutadora dizer: “você é Brasileira, os clientes não gostam de Brasileiros, mas esse aqui não se importou não, de receber o seu currículo, ele aceitou”. Ouvir coisas assim do gênero, de uma recrutadora de uma empresa grande aqui na área de recrutamento e seleção [...] e eu lembro que aquilo me desanimou bastante, porque no Brasil, eu jamais tinha passado por qualquer coisa do gênero, no Brasil, eu participava muito de entrevistas de empresas grandes, de multinacionais, não eram empresas pequenas (Chiquinha).

Isso é uma coisa que eu vejo e eu acho que é preconceito, acho não, tenho certeza que é preconceito, brasileiro não sobe (ascende profissionalmente) (Tarsila).

Percursos de processamento das experiências, em busca de solução para as disjunções (caixas 3, 4 e 5)

As disjunções experienciadas no mercado de trabalho, representaram uma ruptura nas identidades profissionais das Brasileiras, e iniciaram ciclos de aprendizagens que, assim como verificado nas aprendizagens identitárias, envolveram a reflexão, a emoção e a ação, conjuntamente ou em momentos distintos, no processamento das experiências.

Na busca por soluções, algumas mulheres lembraram experiências similares, refletiram sobre os motivos da dificuldade na inserção profissional, analisando a situação e avaliando as alternativas possíveis:

Conversando assim com amigos que também estavam passando por situações parecidas, às vezes eles falavam: “tira logo do teu currículo que você é brasileira, exclui essa informação de lá, não coloca”. Eu até tentei fazer isso, mas depois eu vi que não ia fazer sentido nenhum; se a pessoa quiser analisar meu currículo, ela tem que analisar pelas minhas competências e não pela minha nacionalidade. Se ela me chamar depois para uma entrevista, ela vai saber que eu sou brasileira, não fazia sentido nenhum para mim tirar a minha nacionalidade (Chiquinha).

Nesta trilha de experiências disjuntivas, ficou claro que a inserção profissional foi algo que demandou imenso esforço e determinação das participantes, tanto para conseguir uma oportunidade condizente com suas identidades profissionais prévias, quanto para se manterem trabalhando como operadoras de *contact center*, até que alguma outra solução fosse encontrada. A sensação do *não-saber* como resolver esta situação, iniciou ciclos iterativos de aprendizagens, inclusive durante a entrevista, quando algumas participantes mesclaram em seus relatos as dúvidas sobre o futuro profissional e, a possibilidade de replanear o projeto migratório:

Eu fui vendo que lá eu tenho a possibilidade de ter um trabalho melhor do que eu tenho aqui [...] eu fui meio que pensando: "ainda tenho 27 anos, não sou tão nova, mas não sou tão velha, tô numa fase que preciso tentar fazer algo que para o meu futuro, seja bom, para que eu comece a me realizar [...] no trabalho, procurar uma carreira que, de repente, me dê mais alegrias do que a que eu vivo aqui" [...] e aí comecei a pensar...e nesse momento [...] a balança está pesando para o positivo mais para lá (Brasil), do que para cá mas, não que isso seja uma resposta definitiva, pode ser também que eu chegue lá e todos os problemas que tem lá, depois não sejam suficientes para me manter lá (Leolinda).

Porque hoje, eu penso em comprar um apartamento, nem que seja pequeno, num lugar não maravilhoso, mas que eu possa viver futuramente, porque quando eu paro para pensar: “Caramba, você deu um passo que você não poderia ter pensado antes, por causa da situação de desemprego, então, quem sabe?” (Nísia).

Processar esta experiência disjuntiva demandou empregar um alto nível de investimento pessoal, e pareceu ter se esgotado de possibilidade de respostas, visto nenhuma participante ter apresentado reflexões ou planos de ação para o futuro, em Portugal. Este fato denotou conexão com a falta de confiança das participantes em solucionar esta disjunção, dada a externalidade do problema, extrapolando-lhes a capacidade de criação, entendendo que a criatividade:

Significa a capacidade de agir ou pensar inovadoramente, em relação a modos de atividade preestabelecidos, está intimamente ligada à confiança. A confiança em si, pela sua natureza, é em certo sentido criativa, porque implica um compromisso que é um “salto para o desconhecido” (Giddens, 1997, p. 38).

Aprendizagens ou não-aprendizagens, lidando com a disjunção (caixa 6)

No instante em que as participantes perceberam uma realidade completamente diferente da que estavam acostumadas no Brasil, em seus mundos-vida óbvios e normalizados, encontrar um trabalho exigiu soluções criativas e inovadoras. Diante deste mundo-vida desconhecido, a “requalificação” foi uma imposição, não opção, pois “os indivíduos tendem a requalificar-se eles próprios com mais profundidade quando estão em causa transições com consequências nas suas vidas ou quando têm de ser tomadas decisões cruciais” (Giddens, 1997, p. 7).

Na ausência da sua rede de contatos profissionais estabelecida no Brasil, algumas mulheres buscaram suporte em instituições públicas enquanto outras, procuraram alternativas que lhes pudessem trazer alguma estabilidade profissional:

também não vi muito suporte no (Centro de Emprego), por exemplo, eu fui para lá e me inscrevi [...] e nunca tive nenhuma resposta, nunca ninguém entrou em contato comigo, nem para fazer cursos, nem para oportunidade de emprego, nunca tive. E quando consegui o emprego, pronto, sozinha, voltei lá para dizer que tinha conseguido (Leolinda).

eu disse: "vou focar nos concursos"; aí comecei a fazer concursos [...] pedi *Igualdade de Direitos* (dispositivo legal, em que um Brasileiro pode solicitar em Portugal, receber direitos iguais aos dos Portugueses). Quando eu pedi *Igualdade de Direitos*, concederam [...] agora, eu posso fazer concurso público, vou focar nisso. Aí comecei a estudar, estudar... (Lota)

Este percurso foi semelhante em todas as narrativas e acabou culminando, em algum momento das biografias, na mesma solução: trabalhar em *contact center* para o mercado Brasileiro, decisão esta que implicou em frustração de expectativas. Ter que trabalhar com o que não escolheram, que não lhes agregou valor profissional ou ganho financeiro expressivo e que ainda desencadeou instabilidades emocionais, suscitou mudanças expressivas nos estilos de vida e nas perspectivas:

Intelectualmente falando, sinceramente falando, eu não aprendi nada, mesmo. Porque o trabalho é um trabalho muito específico, muito específico de suporte técnico mesmo, de fazer atendimento aos clientes, sinceramente, não considero ter aprendido algo assim que vai agregar intelectualmente falando (Chiquinha).

quando olho para trás eu falo: “Porra, eu sou forte pra cacete, sabe?” Porque um ano e meio, num trabalho que não te demanda nada intelectualmente, te demanda muito emocionalmente, mas, intelectualmente aquilo é assim... é tipo ostracismo [...] *tipo* bota o teu cérebro num pote à vácuo e vai (trabalhar) (Zuzu).

eu nunca na minha vida, tive que pedir para ir ao banheiro ou para tirar uma pausa porque eu tô com a *cabeça quente*, eu sempre fui chefe nos meus trabalhos, sempre tive autonomia, responsabilidade, eu não era uma criança (Lota).

Eu falei: “gente, como essas pessoas sofrem”. Com pressão, seja tempo; resultados, acho que qualquer profissão tem, mas o tempo... Aquele cronômetro para ir ao banheiro, para almoço, para intervalo, eu não imaginava que era assim, eu achava que as pessoas podiam dar aquele descanso a qualquer hora, nunca imaginava que tinha isso e comecei a olhar... quando eu ligava, quando eu ligo para qualquer serviço, eu tenho mais consideração com essas pessoas (Nísia).

Importante destacar que, ao relembrar a experiência de trabalhar em *contact center*, mesmo esta envolta em sentimentos negativos (em alguns casos levando ao choro durante os relatos), algumas mulheres conseguiram reavaliar o vivido sob uma perspectiva positiva e percebê-la como tendo sido uma oportunidade de aprender novos saberes:

A mulher que tá aqui, não tem vergonha nenhuma dizer que trabalhou no *contact center*. Tenho maior orgulho, que eu aprendi que aquilo não presta mesmo, mas eu aprendi na experiência pessoal, que aquilo era daquele jeito que o povo dizia, porque eu nunca acreditei (Lota).

eu acho que a gente aprende em tudo. Assim, se a gente tiver atenta, tudo o que a gente passa na vida é uma oportunidade para você aprender alguma coisa. Seja [...] pra você ganhar certas *skills* [...] tá no ambiente de empresa, aquela coisa corporativa, muito regradada, para mim, eu acho, eu aprendi muito a priorizar certas coisas (Zuzu).

No mundo do trabalho, o que eu aprendi? Aprendi como as pessoas são difíceis. [...] mas sim, acredito que a gente aprende no convívio com as pessoas, com as boas e com as não tão boas; acho que mais nesse aspeto mesmo, de (aprender a) conhecer as pessoas (Chiquinha).

Os contextos laborais vivenciados pelas imigrantes, reforçaram a percepção sobre a discriminação, fosse pela condição de imigrante ou pela condição de gênero. As Brasileiras questionaram essa postura das instituições Portuguesas e demonstraram, mesmo alguns anos após a imigração, dúvidas quanto aos motivos por trás disso. Ainda que essas dúvidas se assemelhassem, as aprendizagens de saída foram diferentes e a capacidade de mitigar essa disjunção subordinou-se aos recursos pessoais de cada participante.

Perceber que sua bagagem profissional prévia à migração, por mais relevante que fosse no Brasil, não era valorizada e aceite no mercado de trabalho Português, implicou em reavaliar e até em duvidar, de suas habilidades e conhecimentos, levando a um tipo de aprendizagem regressiva:

a aprendizagem para migrantes nem sempre é positiva, pois também pode envolver a aprendizagem de que eles não podem usar seu capital social e cultural para se

estabelecer e que identidades de status elevado anteriormente mantidas, não podem ser adotadas (Morrice, 2014, p. 158).

Mesmo quando tentaram reconhecer seus diplomas de nível superior em Portugal, encontraram dificuldades e, até o momento das entrevistas, duas participantes estavam há muito tempo neste processo de validação e reconhecimento. Ainda que esta seja uma política governamental portuguesa, quando o processo de validação é concluído, nem sempre incrementa as oportunidades profissionais oferecidas aos imigrantes Brasileiros, porquanto outros fatores culturais interferem nos procedimentos de recrutamento e seleção das empresas. Desta forma:

Os migrantes nem sempre são capazes de aproveitar o aprendizado anterior, e o aprendizado não necessariamente leva à melhorias ou é recompensador (Morrice, 2014, p. 158).

As aprendizagens que se seguiram sobre a desigualdade no acesso às oportunidades de trabalho foram variadas: preconceito contra os Brasileiros, insuficiente qualificação profissional para atendimento aos requisitos das oportunidades; protecionismo do mercado, evitando empregar imigrantes; oportunidades de trabalho insuficientes para todos, levando a uma concorrência complicada, entre imigrantes e nativos, entre outras. Os excertos a seguir indicam algumas dessas aprendizagens:

outro que não chegou a ser um aprendizado, ainda, mas é o que eu tenho em mente para fazer, é tentar aprender outras línguas, porque eu descobri que você estando fora (do Brasil), você tem que se adequar ao que é pedido, aqui ou que vai ser pedido em outro país e, eu percebo que não tenho... Não a sabedoria, mas não tenho tudo o que eles precisam, para que eu possa me enquadrar, de facto, no meio de trabalho aqui. Porque aqui só falam em Inglês e eles pedem Inglês, Espanhol, Italiano...e aí fica mais complicado (Leolinda).

É um mercado de trabalho muito fechado, muito fechado para quem vem de fora, para quem é imigrante, principalmente na minha área, que é a área de Comunicação. Eu considero que essa área é uma área muito falha aqui em Portugal. Eles não têm grandes especializações aqui, nessa área, principalmente na Publicidade, eu sou publicitária, então eu posso falar... E eles vão dar sempre preferência para contratar um nacional, um Português. Então, considero sim, que é um mercado pouco criativo e muito fechado, muito fechado para a contratação de imigrantes (Chiquinha).

Eu fiquei um pouco mais... um pouco mais sensibilizada assim, com as pessoas, porque eu acho que [...] eu não ia tratar mal, mas não ia gostar que invadissem o meu País, nessa questão de Brasileiro vir para Portugal e tirar o emprego do meu filho, tirar o emprego da minha esposa, do meu marido. Enfim, é essa competição que tem, por causa do excesso de mão de obra, eu acho que a gente tem que relevar algumas atitudes, porque de uma forma ou de outra, é isso que *tá* acontecendo. [...] o excesso de mão de obra barata [...] tem muito português desempregado também então, às vezes, as pessoas

tratam os Brasileiros... Não acho certo, mas eu compreendo, achou extremamente errado (Nísia).

Por mais que tivessem buscado resolver suas disjunções quanto à inserção profissional, o cenário de desqualificação profissional e a atuação em atividades muito distintas e inferiores às suas qualificações originais, perseverava até o momento da entrevista, na maioria dos casos. Este achado reafirma a noção de que o sucesso das trajetórias migratórias depende em muito, do tipo de migração e dos contextos de inserção e que muito provavelmente “podem haver lacunas significativas entre as identidades imaginadas e as identificadas realizadas, de forma que os migrantes tenham que ajustar seu senso de quem são e o que podem ser no mundo (novo)” (Morrice, 2014, p. 158).

Das seis Brasileiras entrevistadas, três permaneciam trabalhando em contexto de *contact center* para o mercado Brasileiro, sendo uma delas como auxiliar administrativa; uma conseguiu se inserir em outro segmento profissional, como funcionária administrativa pública, porém em função não condizente com seu status profissional no Brasil e, somente uma, estava trabalhando em sua categoria profissional, mas conforme registou, por ter conseguido uma indicação de sua rede de relacionamentos pessoais para esta oportunidade:

Eu agora como passei por essas duas empresas de *contact center*, eu não tenho esperança de ver uma coisa diferente. Se por acaso isso acontecer, eu vou ficar bem feliz de ter uma valorização do profissional, do histórico, da pessoa, da vontade de aprender. Vamos ver se vai dar certo e é isso, tô na terceira empresa de atendimento ao cliente e, para o Brasil de novo, então vamos ver o que vai acontecer (Nísia).

Se você for colocar *ai*, depois de uns três anos de vivência aqui em Portugal, as coisas começaram a acontecer [...] foi justamente um contato lá na (*organização não-governamental*), de alguém que viu o meu trabalho como Designer Ilustradora, que deu o meu contato para o pessoal da (setor da instituição onde trabalha). Estavam precisando de alguém e eu acho que é o tipo de trabalho que é muito por indicação, não é um trabalho que você vê nos bancos de emprego, que tem na Internet. Foi essa indicação que me levou a até lá (Zuzu).

Eu aqui sou assistente operacional na Faculdade (de uma universidade pública) [...] eu trabalho numa função muito réles, tem sua importância, mas é uma coisa assim simples, um grau de dificuldade 1 (Lota).

Neste eixo temático, o resultado final foi muito diferente do observado no eixo das identidades, em que as aprendizagens observadas foram positivas e levaram ao empoderamento e autonomização das participantes. O que aprenderam nos contextos laborais e nas tentativas de inserção profissional, foi que para as Brasileiras imigrantes em Portugal, a desqualificação profissional pareceu ser algo inexorável:

Os migrantes aprendem que suas habilidades linguísticas, educação, qualificações profissionais, habilidades e experiência são "não recursos", e que não podem ser

convertidas em outros recursos ou poder simbólico, para trazer vantagem no mercado de trabalho ou na educação (Morrice, 2014, p. 157).

Conclusão

Ter definido a entrevista de abordagem biográfica como técnica para a recolha dos dados, propiciou uma rica produção de conteúdo, ao mesmo tempo, que exigiu selecionar acuradamente, os dados que fariam parte do escopo da análise. Tudo parecia (e era) importante; cada relato, cada linha, cada expressão, carregavam significados da vida daquela mulher que estava ali, disponível para me contar seus dilemas e produzir novas reflexões sobre suas experiências.

Sendo as narrativas constructos livres, subjetivos e nem sempre óbvios, houve que fazer um esforço interpretativo, que precisava ser fiel aos narrados e permitisse organizar os dados de forma a se compreender os percursos individualizados das experiências, de maneira que fizessem sentido para uma análise comparativa, mas como definir qual havia sido o significado daquele narrado?

Pela volatilidade da percepção humana e pela capacidade de se construir novas aprendizagens a partir de uma mesma experiência, a narrativa contém o significado do instante, com base no que a pessoa é quando interpreta o que viveu. Se a participante revisitar sua experiência futuramente, poderá dar-lhe um sentido diferente, pois tanto ela própria quanto o seu repertório de saberes, já terão sido transformados por outras aprendizagens que tenha realizado após a entrevista.

Esse dilema sobre o significado dado a um narrado e sobre a representatividade de uma experiência na biografia de uma pessoa, é parte do próprio campo das abordagens biográficas, porque é também o cerne desta metodologia investigativa: o universo simbólico individual.

A escolha do Diagrama proposto por Peter Jarvis para a análise dos processos de aprendizagem experiencial das participantes deste estudo, permitiu analisar as narrativas e olhar para essas trajetórias migratórias singulares de forma individualizada, ainda que permitindo comparar os constructos.

As aprendizagens relacionadas às transformações identitárias e à inserção no mundo do trabalho, analisadas em profundidade nesta investigação, mostraram que as experiências com a cultura local e o tipo de interação com os atores sociais foram semelhantes na maior parte dos registros.. Já o processamento destas experiências e o sentido que as mulheres lhes atribuíram, foram condizentes com a sua capacidade de questionamento e reflexão sobre os ocorridos, a auto percepção sobre quem são, sobre quem podem ser e a sua expectativa quanto à permanência em Portugal.

Grande parte dos relatos revela um descontentamento com a vida que se vive aqui, com poucas afirmativas positivas sobre o que a sociedade portuguesa lhes tem oferecido. No entanto, essas mulheres, mesmo quando insatisfeitas, ainda não conseguiram mobilizar recursos suficientes para avaliar criticamente seus projetos migratórios e elaborar uma estratégia para lidar com suas disjunções de forma satisfatória, encontrando apenas *botes salva-vidas* temporários, para as suas dificuldades.

Esta insegurança para avaliar e ajustar seus planos, pode ser fomentada pela incerteza sobre quem são agora e o que o que podem fazer com suas vidas (em Portugal ou em outro lugar), tendo em conta que as aprendizagens de autonomização e empoderamento pessoal podem ainda estar em processo de consolidação.

Natural, da mesma forma, que as narrativas apresentem reflexões que não se transformam em aprendizagens (respostas), pois essas disjunções denotam estar sendo *ruminadas*, até que novos elementos permitam dar continuidade ao processamento das experiências.

Quanto as aprendizagens que levaram à desqualificação profissional, as disjunções relacionadas à inserção profissional, em funções não-compatíveis com suas qualificações, se mostraram determinantes para o grau de satisfação com o projeto migratório. Este elemento de insatisfação foi mencionado em todas as entrevistas, como sendo, inclusive, uma preocupação tanto com o presente, quanto com o futuro profissional e financeiro.

O fato da identidade profissional ser elemento marcante em todas as narrativas reforça a valorização na sociedade pós-moderna, da atividade profissional/laboral sobre a identidade pessoal, levando a que os indivíduos avaliem seu nível de qualidade de vida, com base na satisfação com suas carreiras e os respectivos retornos financeiros.

Ainda que o fator profissional tenha surgido como elemento desmotivador nos percursos dessas mulheres e, o seu prognóstico quanto à melhoria nesse âmbito não seja dos melhores, mesmo para as mais qualificadas, não são perceptíveis nas narrativas, planos concretos para esse campo da vida, indicando também que estas aprendizagens estão em fase de validação e testagem ou ainda não foram solucionadas, permanecendo como disjunções.

Neste movimento de quem eram, de quem são e de em quem se estão transformando, fica visível que o ambiente externo foi um elemento de afirmação (positiva ou negativa) dessas identidades em formação e que, no caso deste estudo com brasileiras em Portugal, os registos discriminatórios e preconceituosos, bem como a falta de suporte público na sua inserção qualificada no mercado de trabalho, impactaram negativamente na experiência migratória e no uso de suas potencialidades.

Isto traduz-se perda significativa para as mulheres que estão com suas capacidades subaproveitadas e que podem ter dificuldade de reinserção profissional em suas carreiras de

origem, mesmo retornando ao Brasil, dado o tempo de afastamento. Mas também indica que a sociedade portuguesa está perdendo em capital humano que poderia contribuir para o desenvolvimento de novas capacidades da própria sociedade portuguesa, em tempos de envelhecimento populacional e aquecimento da economia. Perdem todos, mas e elas, o que ganham com tudo isso?

Morrice (2014), em seus estudos aprofundados sobre as trajetórias de imigrantes e refugiados na Inglaterra das últimas duas décadas, questiona as assimetrias nas experiências migratórias, salientando que a responsabilidade pela gestão da integração dos imigrantes é dos governos (e não exclusivamente da agência dos imigrantes, como se costuma afirmar) e que, sem políticas públicas adequadas, não há quem, de fato, saia ganhando nos processos migratórios:

Os resultados positivos podem incluir o desenvolvimento de competências culturais e linguísticas ou a mudança pessoal para algo melhor. Mas há também a possibilidade de resultados negativos: o impacto sobre as subjetividades dos discursos sociais preconceituosos e o modo como a educação e o emprego são circunscritos e roteirizados pela política que molda e restringe as identidades possíveis (p. 158).

A estruturação dos conteúdos utilizando o Diagrama de Peter Jarvis viabilizou a verificação das similitudes de aprendizados dessas mulheres em seus percursos migratórios, a compreensão ao nível micro, do modelo de processamento individual das experiências e a identificação das intervenientes que influenciaram essas aprendizagens, como se poderá observar no esquema abaixo, elaborado com base nas experiências analisadas e no Diagrama de Peter Jarvis.

Esses fatores de influência acabaram por se mostrar os elos entre as experiências disjuntivas dessas mulheres e podem indicar pistas valiosas sobre os processos de integração das mulheres brasileiras em Portugal. Ainda que as aprendizagens sejam constructos individuais, perpassem pela identidade de quem aprende e o contexto pessoal da experiência, foi possível perceber que o ambiente externo onde as experiências se realizam, influencia decisivamente os saberes produzidos e, no caso deste estudo, as aprendizagens semelhantes.

No caso desta investigação, considerando que a cultura de acolhimento vivenciada pelas participantes é a mesma (no caso Portugal, e mais especificamente Lisboa) e o referencial cultural das mulheres é congênere (ainda que dentro do próprio Brasil coexistam subculturas díspares), alguns questionamentos surgiram sobre as aprendizagens similares identificadas.

Que fatores influenciaram a produção de aprendizagens similares nos processos de integração em Portugal?

Uma vez que as mulheres possuíam perfis pessoais diferentes, mas suas aprendizagens foram análogas, de que forma o ambiente externo influenciou a sua elaboração?

De que forma a agência pessoal consegue suplantar os determinismos sociais, em contextos migratórios?

Obviamente que para responder a essas questões, outros estudos complementares seriam necessários, mas neste estudo houve a comprovação de que as interações com o mundo-vida e as experiências disjuntivas nele vivenciadas, são a base da formação dos indivíduos. Embora os percursos para processar as experiências sejam individualizados e estejam impregnados daquilo que é pessoal e intransferível, é da equação entre o que sou *eu*, o que é o *outro* e o ambiente que intermedia essa interação, que resultam as aprendizagens que alimentam as transformações pessoais (e por conseguinte, as sociais).

Desta forma, a formação do sujeito é algo tensional entre a biografia, a sua agência, os fatores externos, os internos e a sua capacidade de elaborar conhecimentos, para lidar com as demandas da sua vida. É utilizando a sua plasticidade cerebral, indicada por Dewey (2001), que as pessoas vão se transformando em mais experientes na sua história de vida. Algumas experiências e aprendizagens possuem um poder transformador maior, o que também facilmente se aplica ao episódio migratório:

Nossas biografias são a soma total de nossas memórias de nossas experiências, que ocorrem em nosso mundo-vida. Muitas dessas experiências de aprendizagem, são social e culturalmente repetitivas e reprodutivas, mas há outras que podem causar mudanças consideráveis. Ao mesmo tempo, cada um de nós desenvolve uma biografia única, que inclui atitudes, valores e crenças, que podemos ter aprendido incidentalmente e até mesmo, de forma pré-consciente, durante o processo de viver (Jarvis, 2009, p. 89).

A magnitude da influência dos fatores externos na elaboração das aprendizagens vem sendo estudada por alguns investigadores, como Illeris (2013), e este tema se relaciona intrinsecamente à dimensão tácita das aprendizagens implícitas, aquelas de que não temos consciência. Esses conhecimentos tácitos subsidiam as reflexões, ações e emoções, principalmente em contextos migratórios, onde a *cartilha de estudo*, é baseada nas percepções sobre os quadros de referência culturais e os padrões comportamentais.

Sendo a proposta desta investigação analisar as experiências conscientes das mulheres brasileiras, os narrados se direcionaram às aprendizagens explícitas, de mobilização mais objetiva para as entrevistadas, não havendo orientação para questões das ordens filosófica ou psicológica, que pudessem identificar aprendizagens implícitas, ainda que essas dimensões tenham naturalmente surgido em muitos relatos.

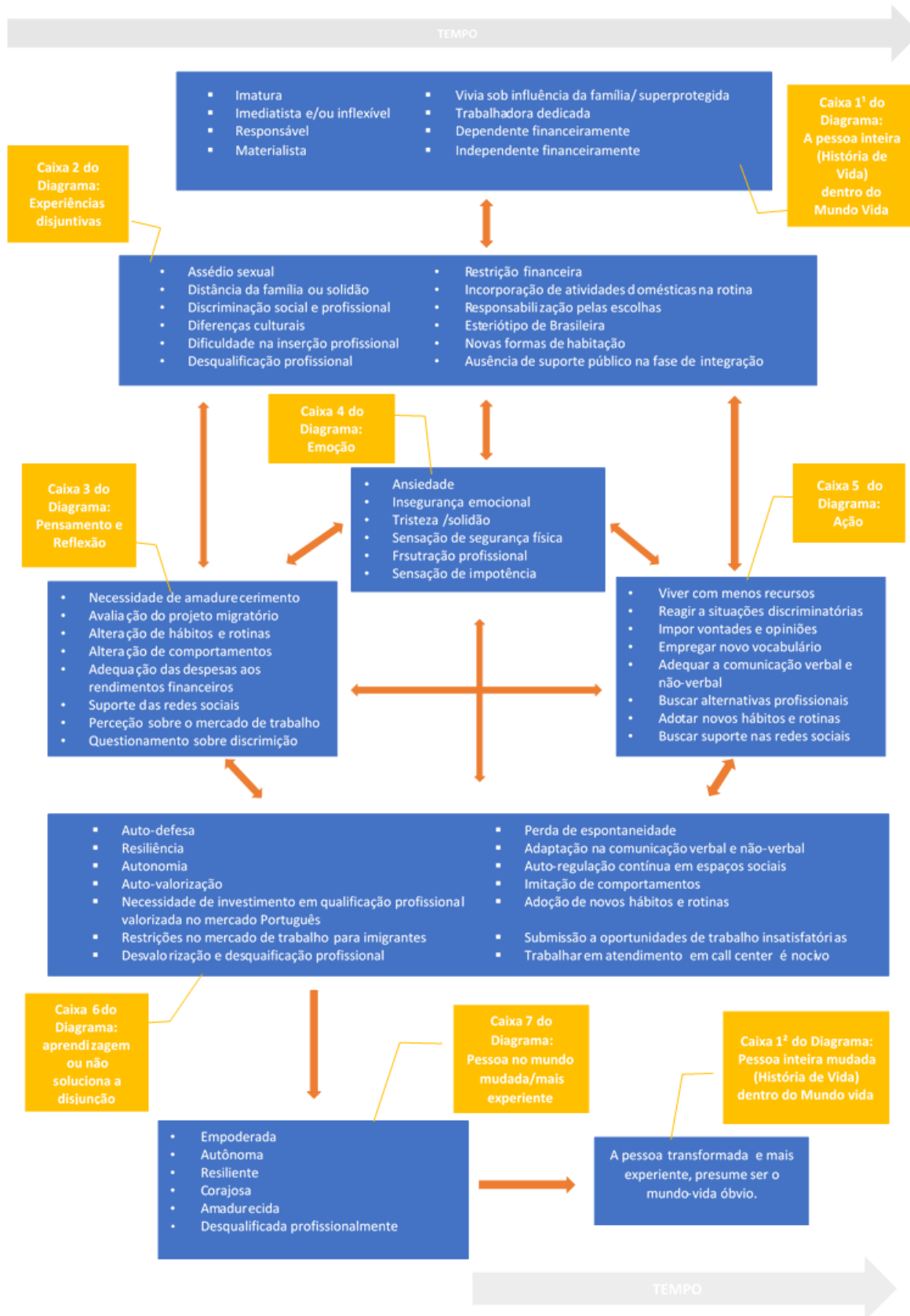
Considerando o objetivo desta investigação, o esquema a seguir será apresentado como um produto final deste trabalho, e servirá a três propósitos:

- Responder à questão orientadora deste estudo: o que aprenderam as mulheres Brasileiras em Portugal, com o processo migratório?
- Ilustrar algumas experiências disjuntivas relatadas com mais recorrência pelas entrevistadas, não só nas analisadas em profundidade neste trabalho, a saber: *empoderamento pessoal e autonomização e inserção e desqualificação profissional*.
- Demonstrar a capacidade heurística do Diagrama de Transformação da Pessoa Através da Aprendizagem, proposto por Peter Jarvis, para a análise dos ciclos de aprendizagem a partir de experiências migratórias.

Esquema das aprendizagens a partir das experiências migratórias, baseado no Diagrama de Peter Jarvis

No esquema a seguir estão apresentadas as experiências e aprendizagens que apareceram recorrentemente na maior parte das entrevistas, de forma a se ilustrar o escopo geral das aprendizagens experienciais no contexto migratório das participantes.

Figura (9): Esquema do ciclo das aprendizagens migratórias e o Diagrama de Peter Jarvis



Podemos verificar que na Caixa 1.1 que os elementos identitários e os contextos socioeconómicos se apresentam marcados por um mundo-vida normalizado no Brasil, independentemente da perspectiva ser positiva ou negativa sobre ele. Pode-se observar que nenhuma entrevistada registou estar em situação de dificuldade financeira ou com problemas pessoais graves no período pré-migratório.

Importante ressaltar que, ainda que os projetos migratórios se tenham apresentado como resultantes de disjunções com a satisfação geral com suas vidas, todas as decisões migratórias foram pró-ativas e motivadas por uma curiosidade em experimentar a vida em outro país, não sendo uma situação impositiva ou obrigatória.

Na Caixa 2, as experiências disjuntivas mencionadas já fazem parte da vivência no mundo-vida em Portugal, no início do processo de integração ao País. As dificuldades são óbvias, principalmente com tudo que se relaciona com o campo profissional, sendo em todos os casos, um processo problemático de inserção profissional, em funções nada condizentes com suas expectativas. A maior parte das disjunções identificadas estavam associadas às interações sociais em Portugal, fossem com as diferenças culturais percebidas no contato com os Portugueses, fossem no tocante às situações discriminatórias rotineiras ou fossem na dificuldade de acesso ao mercado de trabalho.

Por conta do tipo de atividade profissional exercida e a realidade do mercado de trabalho português ser muito diferente do Brasil (mais restrito de oportunidades, principalmente para imigrantes de países em desenvolvimento e sem os mesmos patamares remuneratórios que as participantes experienciavam), percebe-se que as remunerações recebidas em Portugal não são suficientes para manter o padrão socioeconómico que possuíam no mundo-vida no Brasil, levando a um processo generalizado (em todos os casos) de empobrecimento.

Outra questão que aparece marcadamente é quanto às novas formas de habitação, sendo necessário, em todos os casos, passar por experiências de partilha de casas com familiares e amigos e sublocação de quartos, para que possam permanecer em Portugal em um primeiro momento. No caso das mulheres que migraram sozinhas para Portugal, esta situação perdurava ao longo de toda a permanência no País.

Na caixa 3, verificamos o momento reflexivo sobre as experiências, que foi observado em todos os percursos de aprendizagem das participantes. Ainda que algumas não tenham percorrido os três momentos (Caixa 3 – Reflexão, Caixa 4 – Emoção, Caixa 5 – Ação), todas refletiram sobre suas experiências, questionando situações, comportamentos, hábitos e fatores externos, sendo os elementos da Caixa 3, os mais abundantes verificados no processo de categorização.

Boa parte disse que foi preciso repensar a forma como lidava com finanças os recursos económicos e adequar as despesas ao orçamento que dispunham na nova realidade em Portugal, não sendo esta situação no Brasil um motivo de preocupação.

Outras registaram as questões práticas da vida doméstica como uma preocupação nova, que não tinham no mundo-vida pré-migração, sendo necessário pensar como organizar a rotina de afazeres domésticos e o trabalho.

Aa reflexões apresentadas nem sempre chegavam a respostas satisfatórias para as entrevistadas, mostrando como declarações conclusivas sobre uma realidade percebida (de maneira negativa), não conduzem a um plano de mudança ou a uma mudança de estratégia, para buscar alguma solução. A impressão é que para estas mulheres, estas disjunções estão numa fase de suspensão, até que se tenham novos elementos para reativar o processamento das experiências e se chegar a alguma solução. Este tipo de reflexão apareceu, frequentemente, relacionado a temas como o empobrecimento financeiro e a desigualdade de acesso ao mercado de trabalho.

Na Caixa 4, correspondente às emoções, os registos principais foram quanto ao sentimento de solidão e distância de familiares e amigos, e momentos de ansiedade e insegurança emocional, diante das disjunções sobre a inserção profissional e as dificuldades financeiras. Nos casos de assédio sexual, as vítimas se mostraram exaltadas e indignadas com o ocorrido, sendo esses relatos os que mais apresentaram a concomitância da emoção, reflexão e ação na elaboração das aprendizagens relatadas.

A Caixa 5, em que são verificadas as ações, grande parte das narrativas está relacionada com as mudanças comportamentais e de hábitos. Quanto às comportamentais, por exemplo, reagir instantaneamente em situações discriminatórias foi uma atitude inédita, que marcou três narrativas. Outra que surgiu em praticamente todos os relatos, foi a adequação no vocabulário ou a forma de comunicar com os portugueses.

No tocante à Caixa 6, onde são apresentadas as aprendizagens (e as não-aprendizagens) realizadas, as relacionadas às mudanças comportamentais e de auto-percepção foram as mais significativas. Todas as mulheres afirmaram ter perdido parte da espontaneidade nas relações sociais, para se adequarem à cultural portuguesa e minimizarem as situações discriminatórias sofridas pelas mulheres brasileiras. Ao mesmo tempo, todas informaram terem passado por um processo de autovalorização ao longo da trajetória migratória, melhorando sua auto-percepção e levando a um sentimento de empoderamento pessoal.

Esta dualidade nas aprendizagens deixa dúvidas (e curiosidades) sobre a contextualidade das aprendizagens e a perenidade e internalização das transformações identitárias, quando da mobilidade para outro mundo-vida ou o retorno para o mundo-vida de origem.

A Caixa 7, em que a pessoa está mudada pelas experiências que teve, mesmo que não tenham levado a aprendizagens objetivas, as entrevistas indicam grande valorização nas transformações identitárias positivas, com ganhos em autonomização e resiliência, ao passo que demonstram a desqualificação profissional como a maior disjunção não solucionada, levando a uma aprendizagem negativa (a própria desqualificação profissional) e a uma não-aprendizagem (como resolver a desqualificação profissional).

De uma maneira geral, as participantes demonstraram estar adaptadas ao novo mundo-vida em Portugal, mesmo que insatisfeitas e incertas sobre o futuro. Apenas uma relatou um plano concreto de mudança para o Brasil a curto prazo, enquanto as outras afirmaram não ter intenção de o fazer e nem de ir para outro país.

Este fato confirma a obviedade do mundo-vida, associado à Caixa 1.2 do Diagrama de Peter Jarvis, onde as grandes disjunções iniciais do processo de integração em uma nova sociedade, parecem já ter sido ultrapassadas.

Bibliografia

- Alencar-Rodrigues, R. & Strey, M & Espinosa, L. (2009). Marcas do gênero nas migrações internacionais das mulheres. *Psicologia e Sociedade*; vol. 21, nº 3, p. 421-430.
- Alheit, P. (2011). "Biografização" como competência-chave na modernidade. *Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*, vol. 20, nº 36, p.31-41, jul/dez. 2011
- Alheit, P. (2006). Processo de formação e aprendizagem ao longo da vida. *Revista Educação e Pesquisa*, vol. 32, nº 1, p. 177-197, jan/abril 2006.
- Amado, J. (2014). *Manual da investigação qualitativa em educação*. CIOMbra. Imprensa da Universidade de CIOMbra.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora.
- Bauman, Z. (1998). Identity - then, now, what for? *Polish Sociological Review*, nº 123 (1998), p. 205-216.
- Bauman, Z. (2000/2001). Living in the era of liquid modernity. *The Cambridge Journal of Anthropology*, vol. 22, nº 2 (2000/2001), p. 1-19.
- Canário, R. (2013). *Educação de adultos: um campo e uma problemática*. Lisboa. Educa - Formação, 7.
- Cavaco, C. (2009). Experiência e formação experiencial: a especificidade dos adquiridos experienciais. *Educação Unisinos*, vol.13,nº 3, p. 220-227, set/dez. 2009.
- Delory-Momberger, C. (2006). Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Revista Educação e Pesquisa*, vol. 32, nº 2, p. 359-371, maio/ago 16.
- Delory-Momberger, C. (2011). Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. *Educação em Revista*, vol. 27, nº 01, p. 333-346, abril 2011.
- Delory-Momberger, C. (2012). Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, vol.17, nº 51, set-dez.2012, p. 523-536
- Delory-Momberger, C.(2016). A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, vol. 1, nº 01, p. 133-147, jan/abril.
- Dewey, J. (2001). *Democracy and Education*. Pennsylvania. The Pennsylvania State University.
- Dominicé, P. (1985). O processo de formação e alguns componentes relacionais. *Psychologie et Education. Universidade de Toulouse La Mirail*, vol. IX, nº 4, dezembro/1985, p. 07-17
- Dubar, C. (2005). *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo. Martins Fontes.
- Dubar, C. (2009). *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. São Paulo. Editora USP.
- Finger, M. & Asún, J.M. (2003). *A educação de adultos em uma encruzilhada: aprender a nossa*

saída. Porto. Editora Porto.

Finger, M. & Nóvoa, A. (1988). *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa. Ministério da Saúde.

Giddens, A. (1997). *Modernidade e Identidade pessoal*. Oeiras. Celta Editora.

Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e Formas de Uso*. Estoril. Príncípia Editora.

Illeris, K. (2013). *Teorias contemporâneas da aprendizagem*. São Paulo. Pensa.

International Organization of Migration (2018). *World Migration Report 2018*. Geneva. The UN Migration Agency.

International Organization of Migration (2011). *Glossary on migration (2ª edição)*. Geneva.

International migration law, vol. 25.

International Organization of Migration (2017). *World Migration Report - Migration and migrants: a global overview*. Geneva. International Organization of Migration.

Jarvis, P. (2009). *Learning to be a person in society*. Oxon. Routledge.

Jarvis, P. (2012). An analysis of experience in the process of human learning. *Recherche et formation [Online]*, vol. 70, DOI : 10.4000/rechercheformation.1916

Jarvis, P. (2013). Learning to be a person - East and West. *Comparative Education*, vol. 49, nº 1, p. 4-15.

Jarvis, P. (2015). Aprendizagem humana: implícita e explícita. *Revista Educação e Realidade*, vol. 40, nº 3, p. 809-825, jul/set 2015. Porto Alegre

Josso, M. Christine (2007). A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Revista Educação e Realidade*. ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set/dez.2007, Porto Alegre

Josso, M. Christine. (2010). *Experiências de vida e formação*. Lisboa. Educa.

Morrice, L. (2013). Learning and refugees. Recognizing the darker side of transformative learning. *Adult Education Quaterly*, vol. 63, nº 3, p. 251-271.

Morrice, L. (2014). The learning migration nexus: towards a conceptual understanding. *European Journal for Research on the Education of Learning of Adults*. Vol. 5, nº 2, p; 149-159

Natércio, A. (2014). *Investigação naturalista em educação: um guia prático e crítico*. Vila Nova de Gaia. Fundação Manuel Leitão.

Roberto, S. & Moleiro, C. (2015). Processos de Resiliência em migrantes: narrativas biográficas de brasileiros em Portugal. *Psicologia em estudo*, vol. 20, nº 2, p. 295-307, abr/jun. 2015

Silva, R. (2006). Compreender a entrevista compreensiva. *Revista Educação em Questão*, vol. 26, nº 12, p. 31-50, maio/ago 2006.

Warken, J. (2019). *20 mulheres brasileiras que fizeram história*. [On-line]. Retirado de mdmulher.abril.com.br/estilo-de-vida/20-mulheres-brasileiras-que-fizeram-historia/

ANEXOS

Anexo 1: Guião de entrevista

Estudo	Processos migratórios e formação: aprendizagens experienciais das mulheres Brasileiras em Portugal.		
Questão orientadora e desdobramentos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Que aprendizagens realizaram as mulheres Brasileiras em Portugal, com suas experiências migratórias? ▪ Como ocorreram estas aprendizagens? ▪ Que transformações comportamentais e de atitudes, ocorreram nessas mulheres, a partir destas aprendizagens? 		
Blocos temáticos	Objetivos do bloco	Bloco de Questões	Perguntas de recurso e aferição
Bloco temático 1: Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação do estudo e da entrevistadora. ▪ Esclarecer as condições de participação no estudo. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Informar sobre a gravação da entrevista 2. Explicitar o problema, o objetivo e os benefícios do estudo. 3. Informar sobre a confidencialidade dos dados 4. Solicitar a assinatura do termo de consentimento. 5. Reforçar a importância da entrevistada na situação de colaboradora no estudo. 6. Perguntar se gostaria de utilizar algum codinome para a apresentação dos dados da entrevista no estudo. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Alguma dúvida ou questão que gostaria de colocar? 2. Podemos iniciar a gravação e a entrevista? 3. Você está com disponibilidade de tempo de em média 1 ou 2 horas, para a entrevista?
Bloco temático 2: Perfil sociográfico Eixo de análise: Identidades	<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Conhecer o perfil sociográfico das entrevistadas. ▪ Conhecer suas motivações migratórias. ▪ Conhecer a estratégia de ação para a migração. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a sua idade? 2. Qual o seu estado civil? 3. Você possui filhos? 4. Em que cidade do Brasil vivia antes de vir para Portugal? 5. Em que cidade vive (e viveu) em Portugal? 6. O que fazia no Brasil, profissionalmente, antes de vir para Portugal? 7. O que faz em Portugal, profissionalmente? 8. Qual foi a motivação para a emigração para Portugal? 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Veio sozinha, acompanhada? 2. Tem cidadania Europeia? 3. Status de legalidade como imigrante, à época da chegada? 4. De que forma se deu o processo decisório para esta migração? 5. Esta é a primeira experiência migratória?
Bloco temático 3: Processo migratório e aprendizagens Eixo de análise: Aprendizagens	<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Identificar as fases do processo migratório. ▪ Conhecer algumas experiências disjuntivas. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais foram as etapas do processo migratório desde que decidiu emigrar até chegar aqui? 2. Pode me contar o que aconteceu desde quando você chegou a Portugal, até agora? 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Suporte para as aprendizagens (pessoas, instituições ou fontes de informações)?

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Identificar as aprendizagens realizadas a priori ou a posteriori, a partir dessas experiências relatadas. ▪ Perceber as etapas de elaboração dessas aprendizagens acima relatadas. 	<ol style="list-style-type: none"> 3. Pode identificar as aprendizagens realizadas na fase pré-migração? 4. Pode identificar as aprendizagens realizadas na fase pós-migração? 5. Pode exemplificar situações marcantes ao longo do processo migratório? 	
<p>Bloco temático 4: Percepções identitárias a priori e a posteriori</p> <p>Eixo de análise: Identities</p>	<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Conhecer as percepções sobre a presença de mudanças de comportamento, atitudes, etc. ▪ Conhecer as percepções quanto à presença de transformações identitárias. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quem era quando deixou o Brasil? 2. Quem é hoje? 3. Como as pessoas te viam, quando saiu do Brasil? 4. Como as pessoas te vêem agora? Tantos os que você deixou no Brasil, quanto as do novo círculo social em Portugal. 5. Percebe mudanças nas suas atitudes e comportamentos depois da migração? 6. O que é ser uma mulher Brasileira em Portugal? 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Já esteve no Brasil com seus familiares e amigos, depois que veio para Portugal?
<p>Bloco temático 5: Encerramento da entrevista</p>	<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Finalização da entrevista ▪ Agradecimento pela participação ▪ Disponibilização para eventuais dúvidas. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Obrigada pela participação, pela disponibilidade, pelo seu tempo e pelo comprometimento com o estudo. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Gostaria de acrescentar mais alguma coisa ao que foi dito? 2. Gostaria de indicar alguma possível participante?